

**INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA**
SUL-RIO-GRANDENSE
Câmpus Pelotas

LICENCIATURA EM COMPUTAÇÃO DO
IFSUL – CÂMPUS PELOTAS: UM OLHAR SOBRE
A FORMAÇÃO DOS FUTUROS PROFESSORES

SIMONI KRÜGER

PELOTAS

2017

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
SUL-RIO-GRANDENSE – CÂMPUS PELOTAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA

SIMONI KRÜGER

**LICENCIATURA EM COMPUTAÇÃO DO IFSUL – CÂMPUS PELOTAS: UM
OLHAR SOBRE A FORMAÇÃO DOS FUTUROS PROFESSORES**

PELOTAS

2017

SIMONI KRÜGER

**LICENCIATURA EM COMPUTAÇÃO DO IFSUL – CÂMPUS PELOTAS: UM
OLHAR SOBRE A FORMAÇÃO DOS FUTUROS PROFESSORES**

Dissertação de Mestrado apresentado e submetido à banca examinadora, como requisito para o título de Mestre em Educação e Tecnologia, do Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia do Instituto Federal Sul-rio-grandense, Câmpus Pelotas.

Área de concentração: Políticas e Práticas de Formação

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Denise N. Silveira

PELOTAS

2017

Ficha Catalográfica

K94l Krüger, Simoni.
Licenciatura em computação do IFSul – Câmpus Pelotas: um olhar sobre a formação dos futuros professores / por Simoni Krüger. – 2017. 92 f. : il. ; 30 cm.

Orientadora: Profª. Drª. Denise N. Silveira

Dissertação (mestrado) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense, Programa de Pós-Graduação em Educação, Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia, Pelotas, 2017.

1. Formação - Professor. 2. Licenciatura - Computação. 3. Atividade docente. 4. Tecnologia. I. Silveira, Denise Nascimento. II. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense – IFSul. III. Título.

CDD 370.71

Catálogo na publicação:
Bibliotecária Ma. Camila Quaresma Martins CRB 10/1790
Biblioteca IFSul - Câmpus Pelotas

SIMONI KRÜGER

**LICENCIATURA EM COMPUTAÇÃO DO IFSUL – CÂMPUS PELOTAS: UM
OLHAR SOBRE A FORMAÇÃO DOS FUTUROS PROFESSORES**

Dissertação de Mestrado apresentado e submetido à banca examinadora, como requisito para o título de Mestre em Educação e Tecnologia, do Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia do Instituto Federal Sul-rio-grandense, Câmpus Pelotas.

Área de concentração: Políticas e Práticas de Formação

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Denise N. Silveira

Aprovada pela banca examinadora em __/__/____

Prof.^a Dr.^a Denise N. Silveira (Orientadora) – Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense - Campus Pelotas

Prof.^a Dr.^a Tanise Paula Novello – Universidade Federal do Rio Grande

Prof.^a Dr.^a Rozane da Silveira Alves – Universidade Federal de Pelotas

Prof.^o Dr.^o Luis Otoni Meireles Ribeiro – Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense – Campus Pelotas

À minha mãe Gecy (*in memoriam*) pelo amor e carinho, ensinamentos e incentivo, em busca dos meus sonhos.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus por me oportunizar a vida e aos meus pais por consolidar a existência.

Agradeço também a minha filha, Esther e ao meu noivo, Everton por estarem sempre ao meu lado e me confortarem com carinho e amor, além de compreenderem o tempo que não pude estar com eles. Ao meu pai, Alberto que sempre teve palavras, de quem já viveu muito, e com fundamento, soube me manter estimulada para chegar ao fim desta jornada.

Agradeço a todos os outros integrantes de minha família, que sempre me presentearam com palavras de conforto e otimismo.

Agradeço carinhosamente a minha orientadora, por ter me aceito, e que, com sua leveza e sabedoria, soube me conduzir neste momento de estudo, que por vezes me tiravam dos trilhos, mas que guiada por uma competente condutora, tornava meus descarrilhos como apenas um momento de parada, para repensar, e seguir o curso.

Agradeço aos colegas do mestrado pela parceria e em especial a minha colega e amiga Leonice Vieira, pela atenção dispensada em conversas, seja para acalmar as tensões, ajudar nas compreensões pedagógicas, como também, em momentos de relaxar e jogar conversa fora.

Gostaria de agradecer a Coordenação do curso de Licenciatura em Computação, por me deixar a vontade para a realização da pesquisa, bem como a todos os professores, que me receberam com muita espontaneidade para ajudar no que eu precisasse.

Agradeço também aos acadêmicos do curso que aceitaram fazer parte da pesquisa reconhecendo a importância do trabalho a ser desenvolvido.

Agradeço a secretaria do Programa de Mestrado, pela atenção, compromisso e profissionalismo na prestação das solicitações e condução dos serviços.

RESUMO

Essa pesquisa se propôs a compreender o modo como aconteceu a formação dos professores em uma Licenciatura em Computação. Com um olhar sobre os sujeitos em formação, considerando a proposta de explorar a potencialidade das tecnologias nos processos de ensino e de aprendizagens, investiguei documentos que estabelecem as diretrizes e os ideais a serem alcançados conforme proposto pelo PPC do curso e, através das entrevistas narrativas realizadas com os sujeitos, foi possível, perceber que os mesmos desenvolveram, ao longo do curso, a percepção de docência a que os documentos referendam. A metodologia adotada teve um cunho qualitativo com características de um estudo de caso. Para coleta de dados realizei entrevistas narrativas e para análise dos dados me apoiei em princípios da metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo. As atividades vivenciadas através dos estágios, do PIBID e eventos participados, permitiram a estes sujeitos a compreensão da complexidade do fazer docente. Os estágios indicaram que o conhecimento pedagógico do conteúdo e o conhecimento específico são fundamentais para a prática docente e revelaram o despertar para essa profissão. As conclusões dão indícios que os sujeitos se reconhecem como futuros docentes, que exercerão esta profissão pautando-se nesta formação inicial e na formação continuada como uma condição de desenvolvimento, aprofundamento e atualização profissional.

Palavras-chave: Licenciatura em Computação. Formação docente. Tecnologias.

ABSTRACT

This research aimed to understand how the formation of teachers happens in the course of Computation Degree. With a look at the subjects in formation, taking into account the proposal of explore the potential of technologies in the teaching and learning processes, I had investigated documents that establish the guidelines and the ideals to be reached as proposed by the PPC of the course, through the narrative interviews conducted with the subjects it was possible to realize that they developed the perception of teaching which the documents make reference. The methodology adopted had a qualitative character with characteristics of a case study. I have conducted narrative interviews for the data collection and supported myself on the principles of the methodology of the Discourse of the Collective Subject for the data analysis. The activities experienced through the internships, the PIBID and participated events, allowed to these subjects an understanding of the complexity of teaching. The internships indicated that the pedagogical knowledge of the content and the specific knowledge are fundamental to the teaching practice and revealed the awakening for this profession. The conclusions give evidence that the subjects recognize themselves as future teachers, who will practice this profession based on this initial formation and in the continuous formation as a condition of development, deepening and professional updating.

Key words: Computation Degree. Teacher training. Technologies.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Representação dos sujeitos discursando.....	55
Figura 2 – Representação do DSC.....	55

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Tabulação dos dados.....	61
Quadro 2 – Construção do DSC.....	62
Quadro 3 – Grupamento 1.....	62
Quadro 4 – Grupamento 2.....	64
Quadro 5 – Grupamento 3.....	67

LISTA DE TABELAS

Tabela – Matriz Unesco.....	34
-----------------------------	----

LISTA DE SIGLAS

AC	Ancoragem
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior
CAVG	Conjunto Agrotécnico Visconde da Graça
CC	Conceito de Curso
CEFET	Centro Federal de Educação Tecnológica
CNE	Conselho Nacional de Educação
CP	Conselho Pleno
CPC	Conceito Preliminar de Curso
DSC	Discurso do Sujeito Coletivo
ECH	Expressão-Chave
ENADE	Exame de Desempenho do Estudante
FAT	Fundo de Amparo ao Trabalhador
GT-LC	Grupo de Trabalho da Licenciatura em Computação
IFB	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília
IFBA	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia
IFSERTÃO	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano
IFRJ	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro
IFFARROUPILHA	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha
IFSUL	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense
IF SUL DE MINAS	Instituto Federal do Sul de Minas Gerais
IFTM	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro
IFTO	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e

	Tecnologia
IC	Ideia Central
MEC	Ministério da Educação
PCN	Parâmetro Curricular Nacional
PCNEM	Parâmetro Curricular Nacional do Ensino Médio
PNE	Plano Nacional de Educação
PPC	Projeto Pedagógico do Curso
PUC	Pontifícia Universidade Católica
RS	Rio Grande do Sul
SASPI	Semana Acadêmica do Curso Sistemas para Internet
SBC	Sociedade Brasileira de Computação
TD	Tecnologia Digital
TIC	Tecnologia da Informação e Comunicação
TSI	Tecnologia em Sistemas de Informação
UCPEL	Universidade Católica de Pelotas
UCS	Universidade de Caxias do Sul
UEMS	Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFF	Federal Fluminense
UFPEL	Universidade Federal de Pelotas
UFRA	Universidade Rural da Amazônia
UFRPE	Universidade Federal Rural do Pernambuco
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UEA	Universidade do Estado do Amazonas
UNB	Universidade Federal de Brasília
UNIR	Fundação Universidade Federal de Rondônia
UNESCO	Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura
UNEMAT	Universidade do Estado do Mato Grosso
UPE	Universidade de Pernambuco

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1 MEMORIAL.....	15
2 ESTADO DO CONHECIMENTO.....	20
3 APORTE TEÓRICO.....	29
3.1 ANÁLISE DOS DOCUMENTOS.....	29
3.1.1 Diretrizes Curriculares Nacionais - CNE/CP.....	29
3.1.2 Currículo de Referência - SBC.....	30
3.1.3 Padrões de Competência em TIC's - UNESCO.....	32
3.1.4 Projeto Pedagógico do Curso - PPC.....	34
3.2 ESTUDO TEÓRICOS SOBRE FORMAÇÃO DOCENTE.....	35
4 METODOLOGIA.....	47
4.1 OBJETIVO GERAL.....	47
4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	48
4.3 O CAMINHO ESCOLHIDO.....	49
4.3.1 O Discurso do Sujeito Coletivo.....	52
4.3.2 A Metodologia do DSC.....	53
4.3.3 A Organização dos Dados.....	53
5 DISCURSOS PRODUZIDOS NA PESQUISA.....	56
5.1 DSC 1 – CONHECIMENTO SOBRE OS DOCUMENTOS.....	57
5.2 DSC 2 – DISCUSSÕES SOBRE A FORMAÇÃO, LEITURAS E EVENTOS..	63
5.3 DSC 3 – FORMAÇÃO ACADÊMICA E VIVÊNCIA NA DOCÊNCIA.....	65
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	70
REFERÊNCIAS.....	74
APÊNDICE A.....	77
APÊNDICE B.....	78
APÊNDICE C.....	80
APÊNDICE D.....	81
APÊNDICE E.....	84
ANEXO.....	92

INTRODUÇÃO

Considerando o contexto atual, pautado pela difusão das tecnologias que contribuem na comunicação e facilitam o acesso à informação, seria impossível não tornar este aporte, um aliado que permeie o processo educativo. Neste cenário, apresento minha pesquisa que teve como objetivo, compreender a formação docente dos acadêmicos da Licenciatura em Computação.

A criação da Licenciatura em Computação entra em pauta a partir de discussões do Parecer Técnico Nº MEC/SESu/DEPES/COESP 816/01, conforme relato do Prof. Daltro Jose Nunes¹, que integrava a Comissão de Especialistas de Ensino de computação e Informática, no ano de 1995. Nesse cenário, a Sociedade Brasileira de Computação - SBC realizou, no município de Gramado/RS, o seu congresso anual e constava da programação do evento a concepção de um grupo de trabalho para estudar a formação de professores para ensinar computação no ensino médio e técnico.

Segundo Nunes (1995), esta foi a primeira vez que esse assunto foi tratado pela Academia, preocupada em levar a computação para a educação básica e técnica. “Questões como 'o que ensinar de computação no nível médio e técnico', 'por que ensinar computação no nível médio e técnico', 'o perfil do professor', entre outras, foram discutidas e o grupo percebeu que o tema era polêmico”.

Essa ideia foi amadurecendo pelo grupo de estudos até chegarem a elaboração das Diretrizes Curriculares pela Comunidade Acadêmica de Computação. Nelas foram incluídas, de forma muito geral, as Diretrizes de um novo tipo de curso, Licenciatura em Computação, com vistas a formar professores para ensinar computação no nível médio e técnico e que possuísem também a competência de especificar software educacionais e de sistemas de educação à distância (NUNES, 1995).

Com essas concepções foi criada a Licenciatura em Computação do IFSUL – Campus Pelotas que teve sua vigência a partir de 2012/2 e a primeira turma de ingressantes ocorreu no ano de 2013/1. Esses acadêmicos que caracterizam a primeira turma de formandos são os sujeitos dessa pesquisa. Como o curso tem uma duração prevista de oito semestres, quando iniciei a pesquisa estes

¹ Disponível em: <www.inf.ufrgs.br/mec/denominacao.html>. Acesso em: dez. 2015.

acadêmicos estavam iniciando o sétimo semestre, já tendo realizado pelo menos dois estágios.

Considero relevante registrar que ao realizar uma pesquisa no site do MEC, encontrei em atividade cerca de 29 Licenciaturas em Computação, sendo todas na modalidade presencial e na condição de gratuitos. Apresento em anexo esta tabela, como ilustração do cenário das licenciaturas no Brasil.

Para desenvolver essa pesquisa adotei uma abordagem de cunho qualitativo com característica de um estudo de caso. A coleta de dados foi realizada através de entrevistas narrativas e, para a análise desses dados, me apoiei na metodologia referenciada no Discurso do Sujeito Coletivo.

O texto apresenta no primeiro capítulo o memorial, em que trago minha trajetória acadêmica e profissional e o despertar para um estudo com enfoque em educação. No segundo capítulo apresento o estado do conhecimento, em que busco as produções que abordam a temática a ser analisada.

No terceiro capítulo apresento o aporte teórico, onde faço uma análise dos documentos que me darão suporte para entender a estrutura desse curso. Os documentos são o parecer CNE/CP e a proposta do currículo de referência para cursos de Licenciatura em Computação, desenvolvido pelo grupo de trabalho da diretoria de educação da SBC (GT-LC). O próximo documento que analiso vem da UNESCO intitulado Padrões de Competências em TICs para professores. E analiso também o PPC da Licenciatura em Computação. Apresento também os estudos teóricos, que proporcionaram a fundamentação desse trabalho a partir de autores como Nóvoa, Prensky, Shulman, Kenski e outros, que escrevem e respaldam a docência a partir de sua trajetória, considerando a sua história, mudanças, atividades, evolução, como também aspectos atuais que incitam um novo olhar sobre o fazer docente.

No quarto capítulo, apresento a metodologia trazendo o caminho escolhido para a construção da pesquisa, onde apresento o Discurso do Sujeito Coletivo e o caminho para a construção dos discursos permeados por essa metodologia. No quinto capítulo trago os discursos produzidos na pesquisa originários da análise dos dados juntamente dos princípios da metodologia utilizada.

Para finalizar, apresento as considerações finais e aponto os objetivos investigados, onde reflito e observo a partir das análises feitas, o amadurecimento da questão.

1 MEMORIAL

*Não sou areia
onde se desenha um par de asas
ou grades diante de uma janela.
Não sou apenas a pedra que rola
nas marés do mundo,
em cada praia renascendo outra.
Sou a orelha encostada na concha
vida, sou construção e desmoronamento
servo e senhor, eu sou
mistério.*

Lya Luft

Olhar para si, como forma de encontrar e verificar o que se fez em uma trajetória, em busca de ressignificação enquanto autor, faz levantar, por vezes, uma poeira, há muito, já assentada, mas que se incorpora no tempo atual, uma vez que, não raras vezes, retorno aos lugares de recomeço, seja embalado por escolhas, por alternativas, por emoções, por idealismos ou puramente identidade à época dos acontecimentos.

Quando penso nas vidas vividas e, neste momento, reflito a profissional, me surpreendo com minhas escolhas e com os acontecimentos que se seguiram. Digo isso, pois quando estava terminando o ensino médio, segundo grau à época, eu adorava a disciplina de biologia, cheguei a pensar em fazer desta identificação minha profissão, mas havia uma característica que eu acreditava verdadeiramente não ter como enfrentar, como à época o curso de biologia graduava apenas para a licenciatura e eu, num conhecimento ainda muito raso sobre minhas competências e potencialidades, embasada numa timidez dominante, tinha clareza naquela época, que não seria capaz de estar à frente de uma turma no importante papel de professora.

Enfim, minha escolha profissional foi ao encontro de algo muito novo, desconhecido, desafiador e acima de tudo diferente de uma paixão por mim reconhecida.

Quando terminei a graduação do curso de Tecnologia em Processamento de Dados, nos seus ligeiros três anos, com formatura em janeiro de 1989, em fevereiro do mesmo ano, já estava regularmente empregada, afinal era um mercado novo, pouco competitivo e o que me agradava muito, uma vez que não precisava fazer

exposição da minha imagem para desempenhar a atividade profissional. Durante seis anos trabalhei conforme minha acomodação me agradecia, sendo esta: não precisar estar à frente de “plateias”.

Ao final do tempo do primeiro emprego, prestei concurso para a UFPel mas o concurso foi aproveitado em outra instituição de ensino Federal, CEFET/RS, hoje IFSUL onde em 1994 ingressei na carreira efetiva do quadro de servidores administrativos. Embora o meu cargo seja de Analista de Tecnologia da Informação, foi neste ambiente de trabalho que tive meu primeiro contato com a atividade docente.

Aconteceu quando o CEFET ofertou os cursos, para pessoas desempregadas, através de um programa do governo Federal, denominado FAT², onde fui convidada a ministrar cursos de introdução a informática que versavam sobre as ferramentas como editor de texto e sistema operacional. É claro que, embora eu já estivesse mais madura e um pouco mais segura, atuar na docência ainda me causava um certo desconforto. Mas, Lya Luft (2005) traduz muito bem a minha transformação quando diz que: “A vida não está aí apenas para ser suportada ou vivida, mas elaborada. Eventualmente reprogramada. Conscientemente executada”.

E foi com o propósito de reprogramar meus conceitos e enfraquecer meus medos que decidi encarar o desafio de estar em uma sala de aula, instruindo, compartilhando o meu conhecimento sobre os temas, ajudando as pessoas que ainda se encontravam distante dos conteúdos, que poderiam tramitar como uma oportunidade de trabalho e emprego, e, que eu entendia, ser apenas uma questão de tempo, pois, quando nos dispomos a aprender não existem barreiras nem limitações que nos impeça a edificação das conquistas e conhecimentos.

Após este primeiro contato com a atividade docente, surgiram outros convites para continuar atuante, atividade esta que acontecia no paralelo das funções administrativas como analista de sistemas. Em consonância, no ano de 1998, assumi como professora do Curso Técnico em Informática na Escola Alfredo Simon. Neste momento, eu já havia depreciado um pouco mais o temor que me assombrava, de estar à frente de uma turma, já conseguia controlar minha timidez. E, com o passar do tempo e a continuidade do trabalho, pude fazer reflexões, e elaborar um novo olhar, sobre os compromissos assumidos e o verdadeiro espaço a

² Disponível em: <<http://portalfat.mte.gov.br>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

qual eu estava me propondo a ocupar. Enfim, o medo foi se esvanecendo e um sentimento de satisfação pela prática, a qual, um dia me aprisionou muito, mas que, com insistência e superação revelou o desempenho de um potencial que por um bom tempo ficou adormecido.

Fico feliz por ter acordado, pois outros convites apareceram para trabalhar em cursos de extensão, a fim de capacitar os servidores do então CEFET/RS para desempenho na atividade administrativa, o que me deixava cada dia mais fortalecida e convicta, que sim, o tempo, a prática e o instinto desafiador quando não nos acomoda, podem funcionar como uma mola propulsora que nos enleva e nos leva em busca do fortalecimento das atividades em construção.

A fim de ampliar meus conhecimentos na prática docente, em março do ano de 2000, ingressei como aluna no curso de formação pedagógica proporcionado pelo então CEFET/RS, curso esse, com uma carga horária de 640 horas, onde a certificação do Programa Especial de Formação Pedagógica de Docentes para as Disciplinas do Currículo da Educação Profissional de Nível Técnico, concede o título com equivalência a Licenciatura Plena.

Dando continuidade com as atividades de extensão, em meu ambiente de trabalho, tive a oportunidade de trabalhar em um projeto de inclusão digital, onde o público alvo eram crianças abrigadas em Casas de Acolhimento, à época Casas Lares, com o objetivo de proporcionar proteção, uma vez que esses menores encontravam-se em situação de risco e vulnerabilidade. Posso afirmar que esta atividade foi a mais desafiadora enquanto professora, pois naquele momento eu não podia pensar apenas em conteúdos de informática a serem abordados e ensinados, mas num espaço onde fosse possível a construção e o despertar de valores identitários de futuros cidadãos, que pudessem sim, vislumbrar um sentimento de pertença a uma sociedade desejável e igualitária para todos. Foram pelo menos 3 anos de atividades e convivência, o que me possibilitou mais uma vez refletir sobre a importância do papel do professor como formador, para tanto me referendi em Moran (2007, p. 40) quando traz o pensamento de Darcy Ribeiro, que diz: “Sempre há o que aprender, ouvindo, vivendo e sobretudo, trabalhando; mas só aprende quem se dispõe a rever as suas certezas”.

Nesta experiência, não que eu tivesse a ilusão ou algum tipo de certeza, posso considerar um marco na minha trajetória de atividade docente, pois de uma forma ingênua e bem-intencionada ingressei em um trabalho docente, onde,

somente a prática poderia proporcionar o enriquecimento em uma atividade desabrochada a partir do ouvir, do viver e do trabalho executado. Nesta passagem aprendi que apesar de desafiar minhas competências e me cobrar por um ideal, reconheci que “não é preciso realizar nada de espetacular. Mas que o mínimo seja o máximo que a gente conseguiu fazer consigo mesmo” (LUFT, 2005, p. 155) .

Na instituição de ensino onde realizei minha graduação – UCPel – também realizei no ano de 1996 a 1997 a Pós-graduação, a nível de especialização em Informática com ênfase em Planejamento e Administração em Informática, atividade esta que proporcionou novos conhecimentos voltados a minha prática administrativa como analista de sistemas. Ainda com a perspectiva de aprimorar os saberes, ingressei, como aluno regular, no ano de 2013, no mestrado em Ciência da Computação na UFPel, mas esta vivência trouxe provocações a respeito da minha prática profissional, após 26 anos de formação e quase 21 anos no serviço público, afinal, o que realmente eu desejava fazer? E, após algum tempo de perguntas e reflexões, descobri que o lugar ideal para dar continuidade em minha trajetória não seria onde eu estava e com mais clareza, como fruto da maturidade, desisti do mestrado em ciência da computação, pois ficava claro para mim que, atualmente, o meu desejo volta-se mais para o lado humano e social, do que a tecnologia pela tecnologia. É esta inquietação sobre o humano, o social e o papel da educação neste cenário, que me fez ingressar no Programa de Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia do IFSul, pois conforme Moran (2007, p. 57)

Na educação, podemos ajudar a desenvolver o potencial de cada aluno dentro de suas possibilidades e limitações. Para isso, precisamos praticar a pedagogia da compreensão contra a pedagogia da intolerância, a rigidez, do pensamento único, da desvalorização dos menos inteligentes dos fracos, problemáticos ou “perdedores”. Praticar a pedagogia da inclusão.

As atividades docentes, como trajetória profissional, serviram como base, a fim de alimentar a minha crença sobre o potencial da educação como possibilidade de transformação, a educação pode contribuir para o desenvolvimento integral abrangendo desde a inteligência, a responsabilidade, a estética e a ética dando seguimento ao incentivo, a criatividade, a inovação, a criticidade, o respeito, o bem viver, bem como desenvolver em cada sujeito a capacidade de assumir responsabilidades, deveres e direitos a fim de agregar potencialidades que vão além da intelectualidade, mas que possibilite uma visão transformadora do mundo.

Porém, ao mesmo tempo em que acredito na educação como mentora de formação e transformação, também surgem questionamentos a respeito do papel das licenciaturas no fomento da formação dos novos formadores. A partir desta inquietação que, oficializou meu incentivo em buscar uma compreensão sobre a formação docente, que direcionei meu foco para a licenciatura em computação do IFSul, por ser um curso novo, pois ainda não tem uma turma de formandos e pelo fato de conhecer a estrutura física do IFSul, me proponho a buscar essa compreensão.

Assim, no próximo capítulo apresento o estado do conhecimento, no qual através da consulta à Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações do IBICT, fui ao encontro de teses e dissertações que pudessem contribuir com minha proposta de pesquisa.

2 ESTADO DO CONHECIMENTO

Começo este capítulo trazendo o conceito das autoras Morosini e Fernandes quando abordam o estado do conhecimento como sendo uma:

Identificação, registro, categorização que levem à reflexão e síntese sobre a produção científica de uma determinada área, em um determinado espaço de tempo, congregando periódicos, teses, dissertações e livros sobre uma temática específica (MOROSINI; FERNANDES, 2014, p. 155).

Nesta perspectiva, é possível identificar o que existe nos ambientes acadêmicos, em termos de produção científica, referentes à temática da minha proposta de pesquisa, e que permite um reconhecimento do que já está sendo pesquisado ou analisado, e que possa vir a fazer alguma contribuição em minha jornada investigativa.

Em busca destas contribuições, efetivei minha pesquisa na biblioteca do IBICT, conforme mencionei anteriormente, pois quando consultei o banco de teses e dissertação da CAPES, verifiquei que as datas das produções científicas não estavam tão atualizadas conforme dispunha a outra plataforma. O fato de eu fazer esta observação e escolha de plataforma levando em consideração as datas das publicações, vem da necessidade de olhar trabalhos que remetam para a atualidade do tema onde será embasada minha pesquisa, pois se tratando de formação docente e tecnologias no processo pedagógico, acreditei ser mais adequado priorizar as pesquisas contemporâneas.

Com o objetivo de encontrar pesquisas acadêmicas que viessem ao encontro de minha temática, construí minhas consultas usando como referência os seguintes descritores: Formação docente e tecnologia a qual encontrei 699 itens, Licenciatura/Licenciados em computação foram trazidos 4 itens, Tics na sala de aula foram encontrados 97 itens e Pedagogia da Tecnologia com um montante de 362 itens. Convém ressaltar que, na metodologia de pesquisa utilizada, resolvi não aplicar filtros na pesquisa, o que resultou em números expressivos de trabalhos, mas a ideia era observar e selecionar, a partir da disponibilidade ofertada, quais destes trabalhos estariam mais a contento com a pesquisa que realizei.

Após observações e leituras das produções, elenquei duas teses e uma dissertação que entendi possibilitar uma relação mais próxima do tema a ser estudado.

O primeiro documento analisado é uma dissertação, do Programa de Pós-Graduação *STRICTO SENSU* em Educação da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, intitulado: CURSO DE LICENCIATURA EM COMPUTAÇÃO³: a formação do educador em análise, com autoria de Carlos Acácio de Lima, defendida no ano de 2011 sob orientação do prof. Dr. Samuel Mendonça. O documento traz como palavras-chave os termos: Projetos Pedagógicos, Licenciatura em Computação e Formação do educador.

Segundo o autor, essa pesquisa tem como tema, a formação do educador nos cursos de Licenciatura em Computação. O problema da pesquisa vai ao encontro da inquietação do autor, onde, tomando como referência os projetos pedagógicos dos cursos de Licenciatura em Computação, surge a questão: quais os desafios para formação de professores? O objetivo desse trabalho visa apresentar alguns elementos dos projetos pedagógicos de três cursos de Licenciatura em Computação, pertencentes as seguintes instituições de ensino: UNEMAT, UFRPE e UCS, com o propósito de analisar se eles atendem às diretrizes curriculares, com enfoque no significado da formação de educadores nos cursos de Licenciatura em Computação. O método utilizado versou em revisão bibliográfica a partir da análise de documentos considerados oficiais por parte das Instituições de Ensino Superior, principalmente dos projetos políticos pedagógicos de cada um dos cursos citados. Além da investigação dos projetos pedagógicos, a pesquisa também observou o peso dado por cada uma das instituições às disciplinas básicas, disciplinas específicas e as disciplinas pedagógicas, a fim de identificar, quais cursos estão mais focados na parte pedagógica e quais cursos estão mais focados na parte tecnológica, sem perder a ênfase na formação do educador.

Nas considerações finais de sua pesquisa, o autor aponta que existem sim desafios para formação de professores e esses desafios estão ligados ao perfil deste educador, acarretando que ele deve ser crítico, inquieto e autônomo para poder propiciar a formação mais qualitativa nos cursos de Licenciatura em Computação. Ao analisar os documentos o autor salienta que, para além da carga horária ou diretrizes curriculares, os cursos devem colocar a ênfase na figura do educador, concordando ainda que as políticas públicas específicas para as

³ LIMA, Carlos Acácio de. **Curso de licenciatura em computação**: a formação do educador em análise. 2011. 100f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2011. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/PCAM_cacd71ee7ef9560db1db18b60a95cbac>. Acesso em: 10 set. 2015.

licenciaturas, especificamente quanto à necessidade de valorização da carreira do professor, são fundamentais, bem como, a questão salarial que tem impactado na vocação para a docência.

A partir de então, o pesquisador acredita que deverá continuar apostando na figura do educador, pois acredita ser este sujeito que poderá propor reformas na formação de “futuros educadores” dos cursos de Licenciatura em Computação. A partir das análises feitas nos documentos a que se propôs a pesquisa, o autor reconhece não parecer razoável apontar para a superação da forma como os referidos cursos estão colocados por meio de discursos que não reivindicam o educador e sua busca de autocrítica. Então, mesmo que a tarefa seja densa para este profissional, ele acredita em seu esforço como alguém que pretende contribuir para transformar a sociedade, iniciante com sua própria transformação e de sua sala de aula. Sendo assim o autor encerra dizendo que, ao educador, esperamos apenas a tarefa da Educação no sentido nobre do termo e nada além disso, ou seja, a educação aqui pensada é aquela que transforma os cidadãos, mas antes, transforma os próprios protagonistas da mais importante tarefa social. Professores transformados são educadores que formam novas gerações de educadores.

O segundo documento analisado é uma tese do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, intitulado: LICENCIADOS EM COMPUTAÇÃO E SABERES PEDAGÓGICOS⁴: cobranças de uma pedagogia da ação, com autoria de Osmar Quim, defendida no ano de 2014, sob orientação do Prof. Dr. Fernando Becker. O documento elenca os termos educação, informática e construtivismo como palavras-chave.

Para o autor, essa pesquisa nasceu com o propósito de investigar os saberes pedagógicos dos professores iniciantes, egressos do Curso de Licenciatura em Computação da Universidade do Estado de Mato Grosso – Campus de Alto Araguaia. O autor observa que a inserção das tecnologias na sala de aula, não proporcionou uma prática pedagógica renovada, mas, a continuidade de um modelo tradicional de ensino permeada pelo uso de computadores. A partir desta observação, considerou-se importante identificar os saberes pedagógicos dos licenciados em computação mobilizados em sua prática diária.

⁴ QUIM, Osmar. **Licenciados em computação e saberes pedagógicos**: cobranças de uma pedagogia de ação. 2014. 187f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/URGS_8fc8b508fce3e6805185462c15e3b655>. Acesso em: 10 ago. 2015.

Tendo como escopo a relação entre informática e educação, manteve-se presente a ideia de que a inserção da informática na escola e nos currículos escolares deve ser pensada a partir de uma prática pedagógica renovada, entendida como construtivista. Com a crescente demanda e as dificuldades encontradas na capacitação dos professores para a apropriação e utilização das tecnologias na escola, busca-se reconhecer no sujeito licenciado em computação, o perfil profissional mais adequado para desempenhar este ofício.

A partir da definição dos sujeitos e a metodologia clínica piagetiana como referência, a pesquisa utilizou três momentos complementares na coleta de dados. O primeiro momento, faz referência a entrevista exploratória mediada por entrevista semiestruturada, a fim de identificar as concepções dos licenciados em computação em relação ao planejamento, aluno, professor, aprendizagem, avaliação e teoria. No momento seguinte, foi selecionado um grupo de licenciados que contribuíssem com a pesquisa, permitindo a observação das suas aulas, num quantitativo de seis a doze aulas por sujeito, e finalizando a etapa, foi feita uma entrevista embasada nos momentos anteriores a fim de esclarecer ou complementar as informações obtidas. As análises dos dados foram realizadas a partir da teoria construtivista piagetiana, trazendo a colaboração de diversos autores que discutem o construtivismo como prática pedagógica passível de ser realizada nas escolas.

Conforme a análise do pesquisador, o qual esclarece que durante o desenvolvimento da sua pesquisa, procurou sempre respeitar a ideia central norteadora, ou seja, em que bases se dá a inserção da informática na educação, pois segundo ele, uma observação que muito incomodava, era a utilização do computador sem uma efetiva relação com a prática pedagógica, mas visto apenas como um atrativo a mais em sala de aula. A pesquisa foi motivada também como uma forma de entender como um licenciado em computação munido de um conhecimento especializado poderia contribuir na utilização das tecnologias na educação, tomando como base o seu desempenho pedagógico. O autor utilizou a teoria construtivista piagetiana para olhar e estudar essa prática, contando com a colaboração de outros autores que partem dessa mesma premissa ao pensar e discutir a prática, pois acredita que o construtivismo sustenta uma prática inovadora, ainda mais se for permeada por recursos tecnológicos da contemporaneidade no auxílio da construção do conhecimento.

Para as considerações finais, o autor relata que a prática dos licenciados em computação não ocorre somente sob uma única abordagem pedagógica, pois durante a pesquisa, ao falarem sobre suas práticas, os licenciados em computação abordam conceitos de diversas teorias, dentre elas, a do construtivismo. E por acreditarem que se pode transmitir verbalmente o conhecimento ao aluno, o professor, ao ministrar sua aula dentro da perspectiva de uma pedagogia diretiva, fala na esperança que o aluno o escute.

Outra observação que pode ser feita é sobre a não utilização da informática diariamente, mas apenas esporadicamente com os alunos, vale ressaltar que a existência de problemas na infraestrutura, tais como, equipamentos obsoletos, pouca conectividade à Internet, somente um laboratório disponível, dentre outros. Fica evidente que a utilização do computador se dá como um facilitador do trabalho docente no sentido da organização. Na observação da pesquisa, não foi presenciada nenhuma atividade inovadora com a utilização do computador, contrariando fortemente o propósito do curso de ser inovador, moderno e capaz de inserir a informática em sala de aula com a eficácia necessária para colaborar com a transformação da escola.

O pesquisador ressalta o perfil dos professores como profissionais muito responsáveis com seu trabalho, preocupados com seus alunos e com a aprendizagem deles. Preocupados também com a falta de interesse dos discentes, muito percebida e comentada por todos. Sob esse aspecto o pesquisador acredita que eles foram bem formados, pois demonstram estar cientes da importância do seu trabalho.

A pesquisa demonstrou que os licenciados são detentores de sólido conhecimento do conteúdo específico de sua área de formação, mas não se mostraram capazes de relacionar ou utilizar a informática de uma maneira inovadora, pelo contrário, o computador é utilizado de forma muito tecnicista. Conforme também observado, reflete na prática pedagógica, a hierarquização dos saberes específicos sobre os saberes pedagógicos existentes nos cursos de licenciatura em computação.

Segundo o autor é importante reforçar a ideia de que a escola e a universidade são instituições que estão a serviço da sociedade e não o contrário. Portanto, devem adequar-se e ter seus moldes revistos, tantas vezes quantas forem

necessários, a fim de que possam promover o conhecimento – como conteúdo, mas sobretudo, como capacidade ou estrutura.

Para o autor, a partir dos dados da pesquisa é possível afirmar que a formação do licenciado em computação é, ainda, muito voltada para a capacitação técnica e tecnológica, mas não para a pedagógica contudo, menos ainda para a inovação. A atuação do licenciado em computação poderá ser promissor desde que seja repensada sua formação.

A pesquisa analisada, remete a idéia de que a formação do licenciado em computação desta Instituição, está mais voltada para o conhecimento tecnológico do que mesmo pedagógico, apesar de ser uma licenciatura, mas a que a formação proporcionou um nível de conhecimento técnico profissional aos formandos que respaldaram a atuação deles como docentes, ao que diz respeito ao grau de responsabilidade e conhecimentos, entretanto, pouco ou quase nada de mudança nas práticas docentes envolvendo as tecnologias como atividade inovadora. Por isto a sugestão de que se repense a formação destes profissionais, como também se assegure que a relação entre as instituições formadoras e as escolas, onde estes profissionais irão atuar, possam refinar suas relações, para que se torne perceptível as necessidades ainda latentes neste processo educacional.

O terceiro documento observado é uma Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da PUC-RS, intitulado: CONCEPÇÕES DO ALUNO EM RELAÇÃO À DOCÊNCIA NOS CURSOS DE LICENCIATURA EM TEMPOS DE CIBERCULTURA⁵, com autoria de Elisabete Cerutti, defendida no ano de 2014, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Lucia Maria Martins Giraffa. A Tese apresenta as seguintes palavras-chave: Formação De Professores, Educação, Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação.

Conforme descreve a autora, esta pesquisa buscou investigar se os alunos, categorizados como nativos digitais, com formação em licenciatura, estariam mais preparados para a sala de aula, levando em conta o contexto da cibercultura, a partir da compreensão que possuem sobre o uso de Tecnologias Digitais de Informação. Ou seja, será que o fato de eles possuírem ambiência com este contexto, poderia ser considerado um elemento facilitador como sujeitos de mudança de práticas

⁵ CERUTTI, Elisabete. **Concepções do aluno em relação à docência nos cursos de licenciatura em tempos de cibercultura**. 2014. 124f. Tese (Faculdade de Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/P_RS_945e0dcf172265a7755a8b453accc2db>. Acesso em: 10 set. 2015.

pedagógicas por associação de hábitos oriundos do seu lazer para sua prática profissional. A questão base para a pesquisa segundo a autora seria: “Estariam esses jovens docentes “naturalmente” mais aptos a tratar as questões envolvendo tecnologias e Educação pelo simples fato de terem nascido imersos num ambiente impactado pelas tecnologias digitais e a Internet?”.

A autora ainda assinala a importância sobre o caráter inovador e as reflexões, na condição de agentes do jovem docente, pois a partir do entendimento do que seja uma aula, por parte do professor, resulta a organização das suas estratégias, escolhas de aparatos de apoio e planejamento.

A pesquisa enseja a análise do uso de tecnologias digitais nos cursos de formação de professores, com o olhar sobre as licenciaturas, auxiliando na compreensão de que é necessário ao docente universitário utilizar as ferramentas disponibilizadas no processo de aprendizagem dos seus alunos de cursos de licenciatura, como forma de permitir uma vivência que lhes possibilite, quando estiverem em situações de docência futura, estarem aptos a fazerem uso delas por terem vivenciado e aprendido nos seus espaços de formação. E não se trata somente de compreender as tecnologias digitais e fazer uso delas, mas enquanto docente universitário ter sua concepção sobre a complexidade de ensinar ao futuro professor a concepção de tal saber.

O estudo constituiu-se numa análise qualitativa descritiva, contando com levantamento bibliográfico e pesquisa de campo, através de questionário estruturado, aplicado aos acadêmicos concluintes dos cinco cursos de licenciatura da URI – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Campus de Frederico Westphalen, cuja faixa etária se encontra dentro do que hoje classificamos como geração digital. A partir das questões postas, foi realizada a categorização da pesquisa considerando os aspectos: caracterização dos sujeitos, formação para o uso de tecnologias, identificação se os sujeitos obtiveram formação na graduação para uso das Tecnologias Digitais na organização de suas aulas, como os sujeitos que já atuam na docência percebem esta questão. Em sua base teórica o estudo pautou a relação educação e tecnologias, os desafios da docência diante dos novos artefatos que as tecnologias digitais proporcionam para os indivíduos e em especial, os alunos que, cada vez mais, são interativos e conectados.

Para a pesquisadora, quando interpreta os resultados de sua pesquisa, ressalta que, possuir domínio e ambiência com as tecnologias digitais não assegura que os professores associem estes conhecimentos em situações didáticas. Com isso, identifica-se a necessidade de uma formação docente para uso dos recursos tecnológicos como apoio ao ensinar e ao aprender. A formação de base do professor precisa contemplar o uso das tecnologias nas disciplinas formadoras, porque o fato de saber usar, não significa que saberá planejar e organizar suas aulas apoiado em tais recursos. O estudo mostrou que a premissa de que aquele que domina o uso do ferramental tecnológico digital no seu cotidiano não traz garantias de associação destes recursos em sua prática docente.

Outro caminho futuro que essa pesquisa aponta, está na importância para a formação continuada dos docentes universitários como forma de aprimoramento de sua prática diante desses desafios que são constantes, principalmente os atrelados a essas gerações que estão chegando à Universidade, para que possam ter condições de aliar tecnologia e informação para a geração do conhecimento.

Ao ler esta pesquisa, observo que, continua sem um caminho ou uma resposta que esclareça o embaraço em tornar os recursos tecnológicos, como uma ferramenta de aplicação verdadeiramente útil na prática docente com a relação pedagógica. Por que será, que, o fato de estarmos intimamente em contato com as tecnologias, ainda não conseguimos transpor a barreira da utilização pessoal para o aproveitamento como recurso educativo? Neste sentido trago Moran quando escreve que

O domínio pedagógico das tecnologias na escola é complexo e demorado. Os educadores costumam começar utilizando-as para melhorar o desempenho dentro de padrões existentes. Mais tarde, animam-se a realizar algumas mudanças pontuais e, só depois de alguns anos, é que educadores e instituições são capazes de propor inovações, mudanças mais profundas em relação ao que vinham fazendo até então. Há um tempo grande entre conhecer, utilizar e modificar processos (MORAN, 2007, p.90).

Entretanto, para mim, também resta a dúvida, se o processo de formação que recebem estes futuros profissionais já não carece de mudanças nos procedimentos para que, os mesmos, já usufruíssem da inserção da tecnologia juntamente do aporte pedagógico, como forma de instaurar modelos inovadores na formação dos futuros professores.

Ainda reforçando esta teoria, vale citar a análise que Silva et al. (2014) escreve na proposta investigativa que versa sobre o desempenho dos professores universitários do Brasil e de Portugal, através da utilização das tecnologias digitais em suas atividades docentes.

Neste estudo, fica evidente, entre os dois países, que o domínio de competências dos professores para trabalhar com as tecnologias, embora estes sujeitos tenham contato com as tecnologias em suas vidas privadas, juntamente com a pedagogia dos conteúdos a serem trabalhados, pode ser considerada uma etapa complexa e exigente para uma integração efetiva entre as tecnologias digitais e o processo educativo. O estudo também mostrou, tomando como base as variáveis analisadas, que os dois países necessitam de uma reavaliação curricular no que diz respeito a inserção das tecnologias digitais de maneira estratégica permeando durante sua formação o desenvolvimento das competências necessárias para um melhor aproveitamento destas ferramentas conforme as especificidades de cada curso.

Pela leitura e análise realizada, no próximo capítulo apresento algumas observações sobre os documentos legais que subsidiam esta modalidade de licenciatura. São eles: CNE/CP, SBC, UNESCO e PPC do curso de Licenciatura em Computação do IFSUL – Campus Pelotas.

3 APORTE TEÓRICO

Neste capítulo apresento um recorte dos documentos que serão observados, com o propósito de embasar a pesquisa, a partir dos referenciais contemplados nos mesmos.

3.1 ANÁLISE DOS DOCUMENTOS

Com relação aos documentos, serão analisadas as diretrizes do CNE/CP, posteriormente, o Currículo de Referência da SBC, a seguir, as Diretrizes de Implementação da UNESCO, e finalmente o Projeto Pedagógico do Curso em estudo.

3.1.1 Diretrizes Curriculares Nacionais - CNE/CP

O CNE/CP – institui as diretrizes curriculares nacionais gerais para a organização e funcionamento dos cursos superiores de tecnologia em nosso país.

O Conselho Nacional de Educação é um órgão colegiado integrante do Ministério da Educação (MEC). Ele foi criado com o objetivo de elaborar na formação da Política Nacional de Educação e exercer atribuições normativas, deliberativas e de assessoramento ao ministro da Educação.

O órgão é composto por duas Câmaras de Educação, a Básica e a Superior, compostas por doze conselheiros cada uma. Os conselheiros são escolhidos e nomeados pelo Presidente da República e fazem parte como membros natos os secretários da Educação Básica e da Educação Superior do MEC.

Ao conselho compete funções como: acompanhar a elaboração e execução do Plano Nacional de Educação (PNE); regulamentar diretrizes; assegurar a participação da sociedade; dar suporte ao MEC no diagnóstico de problemas e participar ativamente da promoção de debates que auxiliem na busca de melhorias, como também auxiliar na construção do regime de colaboração e cooperação entre os entes federados, instaurando um diálogo articulado com os sistemas municipais, estaduais e federal de ensino.

O Conselho Nacional de Educação se insere nesta pesquisa quando institui um referencial nos quesitos da legalidade, disposição, assessoramento e

deliberações nos assuntos consoantes na consolidação das normas nacionais dos cursos superiores de licenciaturas.

3.1.2 Currículo de Referência - SBC

O segundo documento analisado, trata do Currículo de Referência para Licenciatura em Computação, desenvolvido pelo grupo de trabalho da Sociedade Brasileira de Computação – SBC – quando propõe a construção de uma proposta de currículo que sirva de referência para a criação dos cursos de nível superior de formação profissional docente ou de licenciatura, que tenham a computação como área de especialidades ou como área de atuação multidisciplinar.

Desde 1978, a Sociedade Brasileira de Computação fomenta e desenvolve pesquisas científicas na área de Computação. A SBC, com sede em Porto Alegre (RS), tem sido fundamental na criação de conhecimento e tecnologia genuinamente brasileiros. A SBC está estruturada em Secretarias Regionais e Delegacias Institucionais, localizadas em unidades de ensino e pesquisa em vários estados do Brasil. Estas instituições atuam como um elo na comunicação com os associados, além de promoverem diversas atividades e eventos.

Os associados estão divididos nas categorias fundadores, estudantes, efetivos, institucionais e honorários. A SBC está organizada em Comissões Especiais, que estão relacionadas a subáreas de conhecimento específico. Entre outras atividades, as comissões são responsáveis pela organização de simpósios periódicos. A Comissão de Educação, presidida pelo Diretor de Educação, é responsável pela atualização permanente do Currículo de Referência e pela discussão de assuntos de interesse da área por meio de Grupos de Trabalhos.

A Sociedade também organiza o Catálogo de Cursos de Graduação, Pós-Graduação e Especialização Lato Sensu distribuídos por todo o país. São finalidades da SBC:

- Incentivar atividades de ensino, pesquisa e desenvolvimento em computação no Brasil;
- Zelar pela preservação e aprimoramento do espírito crítico, responsabilidade profissional e personalidade nacional da comunidade técnico-científica que atua no setor de computação no país;
- Ficar permanentemente atenta à política governamental que afeta as

atividades de computação no Brasil, no sentido de assegurar a emancipação tecnológica do país;

- Promover anualmente, enquanto for de interesse da SBC, o Congresso anual da Sociedade;
- Promover por todos os meios academicamente legítimos, através de reuniões, congressos, conferências e publicações, o conhecimento, informações e opiniões que tenham por objetivo a divulgação da ciência e os interesses da comunidade de computação.

Nesta pesquisa a SBC se integra, pela criação, a partir do grupo de trabalho da diretoria de educação, de uma proposta de currículo que sirva de referência para a criação dos cursos de nível superior de formação profissional docente ou de licenciatura, que tenham a computação como área de especialidades ou como área de atuação multidisciplinar, além de estabelecer uma sintonia com as Diretrizes Curriculares Nacionais da área da Computação e com os princípios das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior e de graduação plena, tenciona, como princípio da formação profissional do licenciado, a aquisição de uma identidade própria que integre a formação pedagógica e a formação específica.

O documento da SBC também ressalta que

O importante no caso da formação do licenciado em computação é a caracterização do curso como de formação profissional docente em computação, independente do campo de atuação profissional. O perfil do profissional licenciado delimitará o escopo de atuação do educador e dependerá da concepção do projeto político pedagógico do curso e da instituição o qual, em sua abrangência desenvolvimento, deverá garantir as competências necessárias para a atuação profissional (SBC, 2002, p.3).

Com isso entendemos que, apesar da SBC, através de seu currículo de referência, estabelecer e caracterizar a formação e conhecimento do profissional licenciado, ficará a cargo também da instituição formadora, garantir, levando em conta o Projeto Político Pedagógico - PPP, o trato sobre o conhecimento necessário, que envolvam disciplinas características das licenciaturas, como forma de sustentar o fazer do futuro docente articulando competências pedagógicas e conteúdos específicos.

O currículo de referência também enfatiza que será exigido tanto para o aluno quanto para o professor, durante toda sua formação, uma atitude ativa e reflexiva

sobre a prática, os currículos e conteúdos apresentados bem como o processo de aprendizagem, estabelecendo-se dinâmicas pedagógicas diferenciadas. Isso implica dizer que o processo de formação da licenciatura deverá ser caracterizado desde o início do curso, pelas matérias que compõem o currículo e com práticas de ensino diferenciada o seu campo formativo

3.1.3 Padrões de Competência em TIC's - UNESCO

As Diretrizes de Implementação do projeto intitulado Padrões de Competência em Tecnologia da Informação e Comunicação para Professores – UNESCO – traz como objetivo suscitar discussões e fomentar debates sobre a capacitação dos professores para o uso das novas tecnologias em sala de aula.

Em um breve histórico da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), temos que foi criada em 16 de novembro de 1945, logo após a Segunda Guerra Mundial, com o propósito de garantir a paz por meio da cooperação intelectual entre as nações, acompanhando o desenvolvimento mundial e auxiliando os Estados Membros – hoje são 193 países – na busca de soluções para os problemas que desafiam nossas sociedades.

A representação da UNESCO no Brasil foi estabelecida em 1964 e seu Escritório, em Brasília, iniciou as atividades em 1972, tendo como prioridades a defesa de uma educação de qualidade para todos e a promoção do desenvolvimento humano e social. A organização atua em áreas como Educação, Ciências Naturais, Ciências Humanas e Sociais, Cultura e Comunicação e Informação.

Nesta pesquisa a UNESCO se insere por sua atuação e proposição na área da educação, quando elabora um projeto intitulado “Padrão de competência em TIC para Professores” que tem como objetivo suscitar discussões e fomentar debates sobre a capacitação dos professores para o uso de novas tecnologias em sala de aula. A meta deste documento visa melhorar a prática docente em todas as áreas de trabalho. Para combinar as habilidades das TIC com as visões emergentes na pedagogia, no currículo e na organização escolar, foram elaborados padrões para o desenvolvimento profissional dos professores que utilizarão as habilidades e os recursos de TIC como forma de aprimorar o ensino, cooperar com os colegas e, talvez se transformarem em líderes inovadores em suas instituições.

O Objetivo geral da proposta da UNESCO não se restringe apenas a melhorar a prática docente mas, também, fazê-lo de forma a contribuir para um sistema de ensino de maior qualidade que possa, por sua vez produzir cidadãos mais informados e uma força de trabalho altamente qualificada, assim impulsionando o desenvolvimento econômico e social do país.

Os padrões se baseiam em três abordagens, sobre a reforma do ensino, que correspondem a perspectivas alternativas, por vezes sobrepostas, a fim de capacitar a força de trabalho de um país e incentivar o crescimento econômico. Na sequência apresentamos estas três abordagens:

- Abordagem de alfabetização tecnológica – que se propõe a aumentar o entendimento tecnológico da força de trabalho incorporando as habilidades tecnológicas ao currículo;
- Abordagem de aprofundamento do conhecimento - que visa aumentar a habilidade da força de trabalho para utilizar o conhecimento de forma a agregar valor ao resultado econômico, aplicando-o para resolver problemas complexos do mundo real;
- Abordagem de criação do conhecimento – intenta aumentar a capacidade da força de trabalho para inovar e produzir novos conhecimentos, e a capacidade dos cidadãos para se beneficiar desse novo conhecimento.

Juntas, elas apresentam uma proposta de desenvolvimento em que a reforma do ensino poderá sustentar formas mais complexas de desenvolver a economia e a sociedade de um país. Com essas abordagens, os alunos e cidadãos adquirem competências e habilidades cada vez mais necessárias tornando-os partícipe do crescimento econômico na conquista de um melhor padrão de vida.

O mesmo documento também aborda seis componentes do sistema de ensino, onde os padrões de competência a serem desenvolvidos, não se limitam apenas na concentração de habilidades em TIC, mas também, no aprimoramento dessas habilidades como parte de uma abordagem mais ampla à reforma do ensino, tais como: política e visão, currículo e avaliação, pedagogia, uso da tecnologia, organização e administração da escola e desenvolvimento profissional.

A relação entre as três abordagens e os seis componentes resultam em uma matriz, onde cada uma das células da matriz constitui um módulo onde há metas curriculares específicas bem como as habilidades dos docentes, conforme Tabela 2:



Tabela – Matriz Unesco

Fonte: Padrões de competência em TIC para Professores⁶

Esses referenciais, pretendem proporcionar aos responsáveis pela oferta desta formação, os objetivos e métodos detalhados, bem como as diretrizes, no suporte de novos materiais de aprendizagem ou ainda rever os atuais para embasar uma ou mais dessas três abordagens.

A Unesco, com esta proposta, parece reconhecer a carência do uso das tecnologias nas práticas pedagógicas em sala de aula e propõe uma metodologia que oriente na capacitação e no desenvolvimento de competências que possam estimular o uso das tecnologias como ferramentas agregadoras na construção do conhecimento.

3.1.4 Projeto Pedagógico do Curso - PPC

Finalizo a análise dos documentos com o Projeto Pedagógico do Curso em estudo – PPC. A Licenciatura em Computação foi autorizada no IFSul – Campus Pelotas a partir do 2º semestre de 2012, ocorrendo o ingresso letivo no 1º semestre de 2013. O PPC do curso (PPC, 2002, p. 4-6) nos relata que o mesmo tem como objetivo a formação de profissionais professores como agentes integradores das tecnologias da computação no processo de ensino aprendizagem, a partir do desenvolvimento de capacidades que compreendam o fenômeno educativo na sua diversidade e na sua complexidade, contextualizando-o social e tecnologicamente no seu tempo e no seu espaço.

⁶ Disponível: <<http://www.unesco.org/en/competency-standards-teachers>>. Acesso em: 20 jul. 2015.

Nessa perspectiva, podemos justificar sua idealização, na concepção de uma formação superior no campo da computação, potencializada por seus processos de geração e reconstrução do conhecimento, como forma de desenvolver a formação pessoal e profissional de estudantes, a fim de que estes profissionais, licenciados em computação, possam no cenário dos espaços educativos, cumprir com sua tarefa como forma de garantir a aprendizagem a todos os que a eles concorram. Sem deixar de considerar os conteúdos sociais e éticos desta formação, os currículos deverão ser orientados com preceitos de aprofundar a expansão das capacidades humanas em íntima relação com o aprendizado científico e tecnológico (PPC, 2002, p.5).

Nesse cenário, encontramos os sujeitos que proporcionarão uma compreensão do estudo sobre as inquietações a respeito da formação e atuação dos futuros professores, considerando que os mesmos serão os responsáveis pela articulação dos saberes que envolvam a pedagogia e as tecnologias.

Registramos que as Licenciaturas na área da computação podem ser consideradas as “crianças” no universo das licenciaturas, não apenas por seu tempo de existência, mas também por sua natureza, que dispõe sobre trabalhar a partir das tecnologias articuladas à pedagogia.

Atualmente, podemos observar nos PCNs - Parâmetros Curriculares Nacionais e PCNEM – Parâmetro Curricular Nacional do Ensino Médio, que não há disciplinas regulares nas séries do ensino fundamental e do ensino médio que abarque o conteúdo tecnológico, mas nas entrelinhas do contexto social, salvo raríssimas exceções, vivemos intensamente a relação homem-tecnologia no dia a dia, por um motivo muito básico, a maioria dos serviços estão dispostos a partir de algum tipo de dispositivo e/ou acessos, podemos embasar como exemplo a inscrição para o processo que proporciona o ingresso às universidades, o ENEM.

3.2 ESTUDO TEÓRICOS SOBRE FORMAÇÃO DOCENTE

A atividade docente é um movimento desempenhado há séculos, mas apesar do tempo em atuação, significar esta prática com a distinção e plenificação sob o olhar do contexto profissional que este fazer contempla, ainda abarca debates carentes de definições sobre a constituição, a identidade e a profissionalidade do sujeito professor.

A função docente, segundo Nóvoa (1999) se constituiu a partir de ocupações secundária de religiosos ou leigos de origens diversificadas, ocupações estas, sem qualquer tipo de subsídio ou especialidade. Entre os séculos XVII e XVIII, religiosos como os jesuítas e os oratorianos agregaram progressivamente um corpo de saberes e de técnicas – na medida em que se elabora, preferencialmente, levando em conta os princípios e estratégias de ensino, em que a pedagogia estabelece uma relação indefinida entre o professor e o saber. Perfazendo um capítulo central de toda sua história profissional - além de um conjunto de normas e de valores – amplamente influenciado por crenças e atitudes morais e religiosas, onde inicialmente os professores aderem a uma ética e a um sistema normativo de fundamento religioso, pode ser um dos motivos pelos quais os professores nem sempre conquistaram um *modus operandi* formal das regras deontológicas, ou seja, regras que compõem um conjunto de princípios e condutas de uma profissão (como exemplo os conselhos de ética do direito), uma vez que suas práticas advêm forçosamente do exterior, primeiramente impostas pela igreja e posteriormente pelo estado.

Simultaneamente, os professores estabelecem uma relação cada vez mais intensa no campo educacional, onde o aperfeiçoamento dos métodos pedagógicos e a introdução de novos modelos de ensino, bem como a ampliação dos currículos escolares, dificultam o desempenho da atividade docente como prática secundária ou acessória. Este conjunto de práticas remete para um fazer mais especializado demandando mais tempo e envolvimento (NÓVOA, 1999).

A criação de uma licença ou autorização, para ensinar, instituída pelo Estado, a partir do final do século XVIII, surge com uma das primeiras preocupações dos reformadores, com o intuito de estabelecer regras igualitárias para o processo de seleção e nomeação dos professores, desde que preenchessem alguns requisitos tais como: habilitações, idade, comportamento moral, etc (NÓVOA, 1999). De posse deste documento os professores legitimam suas atividades com o apoio do Estado. Porém como funcionários do Estado a ação docente vincula-se fortemente as intencionalidades políticas, podendo também serem considerados agentes políticos, pois estão a frente de projetos e finalidades sociais, alinhadas às escolas, na redenção do seu papel, como instrumento privilegiado da estratificação social.

As instituições de formação criadas no século XIX, têm um importante papel na formalização dos conhecimentos pedagógicos e de uma ideologia comum, onde

Nóvoa (1999) nos diz que “[...] mais do que formar professores (a título individual) as escolas normais produzem a profissão docente (a nível coletivo), contribuindo para a socialização dos seus membros e para gênese de uma cultura profissional”.

Segue o autor (NÓVOA, op. cit.), escrevendo que o modelo associativo mais adequado aos professores, após longos debates, desempenhou um importante papel na legitimação da profissão docente, tornando-se hegemônico.

Apesar de usarmos o referencial europeu, enquanto pautamos a historicidade dos professores, não significa que estamos distante desta trajetória com relação aos profissionais do nosso país, uma vez que o modelo educacional aplicado aqui, seguiu regamente a matriz da metrópole Portuguesa.

E, por qual razão é tão complexo buscar uma definição de docência com sua significância profissional em um processo educacional?

Como já citado anteriormente, a criação de regras que padronizam e legitimam a formação do sujeito para atuar como professor estabelece como será sua formação em nível de conteúdos específicos da área acompanhado de um espaço curricular de prática pedagógica. Mas ao término do período de formação será que os futuros professores sentem-se seguros sobre o fazer pedagógico e o conhecimento especializado no que tange a educação, a informação e a construção do conhecimento?

Moran (2007) quando escreve sobre a iniciação docente, como parte das etapas da aprendizagem docente, tomando como base suas observações e experiências, atenta que o professor recém-formado, quando ingressante no universo escolar se depara com situações como as de fazer substituição de um colega ausente ou em licença saúde, além de suas aulas normais, colocando este sujeito em intensa atividade, a qual ele ainda não tomou posse efetivamente nessas rotinas escolares, como se por vezes ficasse confuso ao papel que está a desempenhar, se o de aluno ou professor. Sentindo-se, por vezes desafiado pelo olhar dos seus alunos e que tenta estabelecer a confiança para impressionar e, ao mesmo tempo, ser reconhecido.

Quanto ao preparo das aulas e a sua postura frente aos estudantes, procura ser cativante, inovador a fim de que seja aceito, porém teme ser desafiado com questões impertinentes ou fora de seu domínio. Com isto fica reconhecido este início, como uma etapa de aprendizagem, de insegurança e de entusiasmo, acompanhados de um medo latente de fracassar, que só o tempo e a prática das

ações poderão estabelecer um refinamento entre os sujeitos desta relação, com todas as particularidades e as aprendizagens que este fazer incita.

Segundo Sacristán et al (1999) o professor não agrega sozinho a responsabilidade exclusiva sobre as práticas educativas, uma vez que não detém uma efetiva autonomia sobre o seu fazer, devido as influências mais gerais como as políticas, a economia e a cultura.

Analisado este cenário em que o professor além de ter que possuir o domínio de sua profissionalidade e alinhar as questões protocolares inseridas no contexto do ambiente de trabalho, há que dimensionar um universo de sujeitos que possuem identidades, histórias de vida, expectativas, sonhos, educação, referências, curiosidades e vontades diversas, que vão desde o seu autoconhecimento, passando pela falta ou vontade de querer fazer parte do ambiente escolar, o que agrega ao professor, um fazer distante de uma prática relativizada em padrões de modelos sociais e políticos de comportamento.

Sobre esses afazeres, Nóvoa (1999) nos diz que a escola se tornou uma instituição inflada de responsabilidades, uma vez que precisa dar conta dos problemas de toda ordem, sobrecarregando os professores com o desempenho de ações das quais não estão diretamente preparados, mas que, pela aproximação das questões que chegam, se veem enquadrados a respaldar os eventos.

Apesar de ser uma profissão secular, como já citada no início do capítulo, e estar em constante debate sobre sua real atuação perante a sociedade, algumas questões como: em que consiste a profissão docente? Qual a sua ocupação específica? E, se a docência pode ser considerada uma profissão? São questões que certamente ocuparão amplo espaço de diálogos, em busca de respostas ou entendimento dessa profissão.

Com a ideia de pensar estas questões trago o manifesto de Marcelo Garcia (2010) quando nos diz que encontrar respostas para estas questões podem ser mais fácil em se tratando de algumas outras profissões, mas no caso da profissão docente encontrar estas respostas pode ser um trabalho bem complexo, pois evidencia um teor mais diversificado, uma vez que este cenário é constituído de uma realidade social intrincada com múltiplos atores e uma complexidade de questões.

Com todas essas atribuições propostas, podemos dizer que a identidade profissional destes sujeitos podem ser caracterizadas pelo seu fazer e pelo processo

evolutivo das suas experiências, o que Marcelo Garcia (2010, p.19) fortalece quando fala sobre a identidade dizendo que

É uma construção do “si mesmo” profissional, que evolui ao longo de sua carreira docente e que pode ser influenciada pela escola, pelas reformas e pelos contextos políticos, que “inclui o compromisso pessoal, a disposição para aprender a ensinar, as crenças, valores, conhecimento sobre a matéria que ensinam assim como sobre o ensino, experiências passadas, bem como a vulnerabilidade profissional.

Todo este fazer arraigado à atividade docente, que se constituiu na formação, nas vivências e experiências que fortalecem e qualificam a prática, nos remete para uma questão relativa ao momento atual – século XXI – onde os sujeitos “receptores” dos conteúdos abordados pela escola se consagram em uma geração mais dinâmica, com pressa, com recursos tecnológicos, e com uma disponibilidade de informações não lineares, mas que, por vezes perdem o foco, se tornam dispersivos pela facilidade e rapidez de encontrar informações. Sim, temos uma geração que está em busca de modelos inovadores, que possibilitam um despertar e que provavelmente se indispõe com o modelo educativo padrão praticado (PRENSKY, 2010).

Com essa perspectiva apontado por Prensky (2010), dentre outros estudiosos, como será o professor do século XXI? Dando seguimento a estes questionamentos, será que as licenciaturas já estão alterando suas propostas formativas? E, essas propostas estão sendo elaboradas por professores do século XXI ou professores do século XX? Como está sendo pensada a forma de trabalhar com o manancial de informações disponíveis, transformando-os em conhecimento significativo? Qual será a identidade do professor que estará a frente de todo este universo de pessoas em formação, de tecnologias, de informações, além do apelo inócuo ou não do universo social compartilhado.

Com relação à identidade profissional docente Marcelo Garcia (2010 p.18) nos diz que

A construção da identidade profissional se inicia durante o período de estudante nas escolas, mas se consolida na formação inicial e se prolonga durante todo o seu exercício profissional. Essa identidade não surge automaticamente como resultado da titulação, ao contrário, é preciso construí-la e modelá-la. E isso requer um processo individual e coletivo de natureza complexa e dinâmica, o que conduz à configuração de representações subjetivas acerca da profissão docente.

Quando o autor escreve que a identidade não surge automaticamente, somos levados a considerar que o professor apto a trabalhar os recursos tecnológicos da/na contemporaneidade, vivenciará um processo de construção e adaptação que permita seu envolvimento e adequação a um processo educacional, cada vez mais presente e difundido pela sociedade.

Atualmente encontramos alguns estudos que apontam para o despreparo do corpo docente para a utilização das tecnologias em sala de aula, faço este comentário tomando como base as teses e dissertações que li e enfatizo as que cito no capítulo “estado do conhecimento”, onde os estudiosos finalizam suas pesquisas elencando, entre outras coisas, que o modelo pedagógico vigente demonstra pouca ou nenhuma inovação, no fazer docente, apesar de vivermos permeados de tecnologias que proporcionam em larga escala o acesso a todo tipo de informação, porém também assinalam a necessidade de mudanças na estrutura curricular vigente.

A partir destes estudos verifica-se que todos somos usuários, portadores e consumidores de diversos tipos de dispositivos, recursos e serviços tecnológicos, mas esta transposição do conhecimento pessoal para a utilização das mesmas tecnologias em nível pedagógico perfaz uma distância existente na epistemologia pedagógica em convergência com as tecnologias digitais.

Em nosso país não podemos considerar a disponibilidade de recursos tecnológicos existentes nas escolas, principalmente as públicas, que sustente a equidade, pois há que se considerar o grau de maior ou menor envolvimento e disponibilidade de recursos das regiões brasileiras, portanto precisamos considerar sim que o parecer emitido para uma região certamente não terá a mesma adequação, podendo estar em condição melhor ou pior. Por outro lado, as escolas que já estão em um nível mais próximo do desejável no que diz respeito ao recurso tecnológico, a carência se dá em relação ao corpo docente, sob a premissa básica de utilização das tecnologias de maneira a trabalhar os conteúdos das disciplinas de forma inovadora, estimulante e investigativa.

Atualmente a proposta de utilizar a tecnologia em sala de aula configura apenas uma troca na apresentação dos conteúdos, mas que em muito pouco atende as mudanças propostas pelas políticas educacionais a partir da inserção das tecnologias como método eficaz de aprendizagem e, atende a essa geração, como

já apresentei, que tem uma outra forma de se relacionar com o conhecimento e com a escola.

Ao analisar a matriz curricular do curso de licenciatura em computação percebo que as disciplinas pedagógicas são trabalhadas de maneira distinta das disciplinas de conteúdos específicos, embora o projeto pedagógico do curso discorra sobre a inserção da prática pedagógica em todos os semestres do curso. Entretanto, esta relação disposta não diminui o desafio de uma prática ainda emergente para o futuro professor.

Com essa preocupação busco nos estudos do pesquisador Lee Shulman (1992), que propõe um professor que trabalhe o conhecimento do conteúdo e a prática pedagógica de forma a permitir uma articulação entre estas duas abordagens. Sobre o conhecimento do conteúdo a ser ensinado e do saber como se ensina o autor enfatiza que

[...] os professores executam essa façanha de honestidade intelectual mediante uma compreensão profunda, flexível e aberta do conteúdo; compreendendo as dificuldades mais prováveis que os alunos terão com essas ideias (...); compreendendo as variações dos métodos e modelos de ensino para ajudar os alunos em sua construção do conhecimento; e estando abertos para revisar seus objetivos, planos e procedimentos na medida em que se desenvolve a interação com os alunos. Esse tipo de compreensão não é exclusivamente técnica, nem somente reflexiva. Não é apenas o conhecimento do conteúdo, nem o domínio genérico de métodos de ensino. É uma mistura de tudo isso e é, principalmente, pedagógico (SHULMAN, 1992, p. 12).

Este autor analisa a proposta sobre o professor trabalhar o conhecimento do conteúdo e a prática pedagógica não de uma maneira distinta, mas com uma articulação que permita a convergência entre estas duas abordagens. Mas se olharmos as propostas curriculares das licenciaturas, fica evidente a maneira apartada em que são trabalhados os conteúdos das disciplinas e os conteúdos pedagógicos. Sendo esta a inquietação que embasou a pesquisa desenvolvida. Visto que através das leituras nas pesquisas existentes, refletem que o fazer docente ainda se constitui a partir de um modelo histórico apesar de nosso momento atual, imerso num contexto de recursos e dispositivos tecnológicos, ter bem mais a oferecer e oportunizar, mas que ainda é timidamente explorado no processo pedagógico.

Nesta perspectiva Shulman (2005) nos diz que no passado, os responsáveis pelas políticas de ensino e a formação docente tratavam com coerência a ideia de

que para trabalhar com o ensino, seria necessário competências como habilidades básicas, conhecimento do conteúdo e conhecimento didático geral. Entretanto, o seu conceito sobre ensino, versa nos objetivos a serem alcançados pelos alunos tais como aprender a compreender e resolver problemas, estimular o pensamento crítico e criativos, bem como conhecimentos sobre fatos, princípios e regras de procedimento, mas reconhece que a aprendizagem não se encerra em si mesma, mas que funciona como uma etapa de uma caminhada para outros fins.

Este mesmo pesquisador, também registra que se tivéssemos que elaborar uma relação sobre os saberes indispensáveis para os professores certamente não poderiam faltar conhecimentos como:

- Conhecimento do conteúdo;
- Conhecimento pedagógico geral – trata dos princípios e estratégias para a organização de uma aula que transcende o âmbito da disciplina;
- Conhecimento do currículo – domínio sobre os materiais e conteúdos que servem como ferramentas para o fazer docente;
- Conhecimento pedagógico do conteúdo – refere-se a uma mistura especial entre matéria e pedagogia, que constitui uma esfera exclusiva dos professores, sua maneira de olhar e compreender a sua profissão;
- Conhecimento dos alunos e de suas características;
- Conhecimento do contexto educativo - envolvem desde o funcionamento do grupo ou da aula, a gestão e o financiamento das escolas, como também das comunidades e culturas;
- Conhecimento sobre os objetivos, as finalidades e os valores educativos além do conhecimento sobre fundamentos filosóficos e históricos.

A partir destas relações é possível reconhecer que a docência agrega em seu fazer, a partir das experiências, um conhecimento empírico que pode servir como base para que o professor reflita suas práticas, repense suas abordagens, pretenda sua pedagogia de maneira efetiva, a fim de que sua classe de alunos, revele através da concepção do conhecimento, o fazer docente.

Para Nóvoa (2011) quando explana sobre a difícil e porque não dizer impossível tarefa de caracterizar um bom professor, sugere, que a partir de alguns apontamentos simples, seja possível a tipificação da atividade docente na sociedade contemporânea. Sendo estes os esboços do autor:

- O conhecimento – refere-se ao papel do professor e sua bagagem de

conhecimentos proporcionar a aprendizagem ao aluno, pois se ninguém pensa estando vazio, munidos da aquisição e compreensão do conhecimento se conquistará a educação destes sujeitos;

- A cultura profissional – refere-se à atividade docente na compreensão do sentido da escola, bem como a aprendizagem, de como ser professor, a partir da interação e experiência dos colegas a mais tempo na profissão, pois é na vivência do ambiente escolar e suas rotinas que se aperfeiçoa a profissão;
- O tato pedagógicos – refere-se à capacidade de saber conduzir, através da comunicação, do respeito e da relação, o processo educativo, pois não é uma tarefa fácil e simples conduzir alguém à conquista do conhecimento;
- O trabalho em equipe – refere-se ao alcance do dimensionamento do trabalho em equipe das atividades colaborativas e coletivas nos projetos educativos da escola;
- O compromisso social – refere-se a proporcionar ao educando, na maioria das vezes, ultrapassar as barreiras que a vida lhe apresenta, seja por condição social, modelo familiar ou padrões da sociedade, atualmente o professor tem que estar atento para demandas que vão além da escola, e todo este fazer faz parte do *ethos* profissional docente.

Este autor quando faz referência entre a pessoa do professor e o profissional na docência nos lembra que:

[...] Tem-se dito que o professor é a pessoa. E que a pessoa é o professor. Que é impossível separar as dimensões pessoais e profissionais. Que ensinamos aquilo que somos e que, naquilo que somos, se encontra muito daquilo que ensinamos. Que os professores se devem se preparar para um trabalho sobre si próprios, para um trabalho de autoreflexão e de autoconhecimento (NÓVOA, 2011, p. 68).

Pude perceber, durante a pesquisa, várias características, das citadas acima, no perfil do futuros professores pesquisados, embora estejam ainda em formação acadêmica, já manifestam o cuidado com seus alunos, a percepção sobre o seu desempenho para proporcionar a aprendizagem aos alunos, a reflexão sobre o seu fazer, além do aproveitamento da oportunidade em se desafiar e querer continuar no que parecia distante e desconhecido. Mesmo com as dificuldades, medos, inseguranças e possibilidade de desvalorização profissional, ainda assim,

reconhecem gostar do que aprenderam a conhecer, a fazer, mesmo que minimamente dominado, mas que exalam uma expectativa positiva, com vontades, desejos e esperança de poder contribuir para a formação de uma sociedade mais justa, com menos desigualdade, com mais valor humano, com menos desencantos e com mais vontade e capacidade emoldurada num processo educativo em ser, fazer e crescer.

Nesse sentido, trago Kenski quando escreve que

A educação escolar não deverá servir apenas para preparar pessoas para exercer suas funções sociais e adaptar-se às oportunidades sociais existentes, ligadas à empregabilidade, cada vez mais fugaz. Não estará voltada, tampouco, para a exclusiva aprendizagem instrumental de normas e competências ligadas ao domínio e à fluência no emprego de equipamentos e serviços. A escola deve, antes, pautar-se pela intensificação das oportunidades de aprendizagem e autonomia dos alunos em relação à busca de conhecimentos, da definição de seus caminhos, da liberdade para que possam criar oportunidades e serem sujeitos da própria existência (KENSKI, 2011, p. 66).

A autora também ressalta que um dos grandes desafios dos professores brasileiros é saber lidar pedagogicamente com as diferenças entre os alunos, que vão desde aquele que tem conhecimento avançado sobre as tecnologias em detrimento daquele que se encontra quase a um nível de exclusão tecnológica, além das instituições de ensino que, por vezes, possuem muito pouco ou quase nada de recursos para o desempenho da docência. Não se pode deixar de considerar também o processo formativo dos professores que ainda não trabalham a possibilidade de conviver com os problemas citados, como tantos outros que a escola assume automaticamente.

A atividade docente, sobre a tentativa de definição de seu fazer, conforme citado, envolve várias abordagens e atualmente não podemos deixar de considerar, sob uma perspectiva tecnicista, que invade a maneira como a sociedade se comunica e se relaciona com as informações. É inegável que as tecnologias, estão a cada dia, numa posição de dominação e de imersão e que a escola como instituição que tem como responsabilidade o compartilhamento de saberes e o despertar para o conhecimento sobre um comportamento de vida para viver em sociedade, não pode deixar de fora dessa relação, o uso das tecnologias com suas funcionalidades e diversidades.

Para Lévy (1999) a cibercultura, entre outras abrangências, também chega com um propósito de dar sustentação ao apelo inesgotável de formação e informação, uma vez que as tecnologias podem, quando bem estruturadas, e organizadas através de ferramentas como os ambientes virtuais de aprendizagens, proporcionar a escolarização para um número maior de pessoas que demandam e porque não dizer dependem de uma formação ou processo educativo regulamentar, possibilitando a estes sujeitos, estarem capacitados para as exigências cada vez mais intensas e atualizadas dos profissionais, a fim de poderem concorrer no mercado de trabalho.

Sobre o papel do professor perante este novo cenário este mesmo autor sinaliza que

As últimas informações atualizadas tornam-se fácil e diretamente acessíveis através dos bancos de dados on-line e da World Wide Web. Os estudantes podem participar de conferências eletrônicas desterritorializadas nos quais intervêm os melhores pesquisadores de sua disciplina. A partir daí, a principal função do professor não pode mais ser uma difusão dos conhecimentos que agora é feita de forma mais eficaz por outros meios. Sua competência deve deslocar-se no sentido de incentivar a aprendizagem e o pensamento. O professor torna-se um *animador da inteligência coletiva* dos grupos que estão a seu encargo. Sua atividade será centrada no acompanhamento e na gestão das aprendizagens: o incitamento à troca dos saberes, a mediação relacional e simbólica, a pilotagem personalizada dos percursos de aprendizagem etc (LÉVY, 1999, p.171).

Entretanto, Figueiredo (2016), quando escreve “Por uma escola com futuro para além do digital”, manifesta com propriedade, suas reflexões sobre a responsabilidade da escola para a preparação dos jovens cidadãos, na mudança do mundo, para um futuro que já se faz presente. E, nesse sentido, cercado de competições sem fronteiras é que os jovens terão que se integrar, sem que minimamente o sistema de ensino, vinculado a formação da mão de obra para a indústria, esteja preparado para a formação de cidadãos autônomos, afirmativos e inovadores que esta nova realidade exige. Para esse autor quando referencia a mudança pedagógica para este novo cenário discorre que

Os desafios que esta mudança pedagógica coloca à formação de professores situam-se, por isso, muito para além da preparação dos docentes para o uso mais ou menos instrumental das tecnologias digitais. O bom professor do século XXI assumirá, seguramente, para além das muitas e valiosas funções que tem vindo a desempenhar ao longo dos tempos, a nobre função de se transformar num agente chave de transformação cultural (FIGUEIREDO, 2016, p 21).

Quando faço uma reflexão com base nas escritas dos autores, contextualizando o professor e suas competências adquiridas, através de suas experiências, percebo que existe ainda uma lacuna sobre este fazer. E, pode ser este vazio que se apresenta perante as graduações, que nem sempre praticam enquanto mentoras e formadoras das profissões, uma versão reconfigurada do perfil profissional mais apto à atender o que o momento exige.

E se este momento se apresenta inovador em ferramentas, tecnologias e comunicações, como não tirar proveito no processo educativo, mas para que a prática docente atenda com sucesso todos os preceitos que a tecnologia, de uma certa forma nos impõe e dispõe, se faz necessário uma releitura no processo de aprendizagem.

Acredito, também, que as tecnologias e suas nuances que envolvem desde a educação a distância até as ferramentas com propostas de ensino inovadores, como os simuladores, dentre outros, também torna-se evidente, a inserção da educação compartilhada. Sim, na contemporaneidade não ficamos parados, mesmo que não saia do lugar, pois o deslocamento é virtual, com isso encontramos informações, que no passado estavam disponíveis linearmente em livros ou em sala de aula, com os professores.

Entretanto, o processo educativo contempla a responsabilidade da formação social dos sujeitos e sob este prisma reitero a necessidade de se ter professores preparados e valorizados no amplo sentido, uma vez que, as tecnologias podem estar disponíveis, a comunicação, o acesso e a interação, já fazem parte do viver tecnológico. Mas o papel do verdadeiro mestre, que estimule a natureza humana no seu crescimento intelectual e social, em consonância com conhecimento e saberes, sempre estará associado ao mentor da sala de aula, pois parafraseando Nóvoa (2011, p.9), “nada substitui um bom professor”.

4 METODOLOGIA

Nesta etapa do texto, apresento a proposta metodológica desse projeto de pesquisa e, para melhor explicitar minhas ideias, apresento a composição da palavra metodologia. Ela vem do grego *méthodos* que se refere a certo caminho que permite chegar a um fim e *logia* = estudo. Dessa forma, a metodologia é a forma como organizamos uma via, através da qual se pode alcançar os objetivos projetados.

Podemos, também, conceituar a Metodologia como uma explicação minuciosa, detalhada, rigorosa e exata da ação desenvolvida no procedimento do trabalho de pesquisa.

Para estes estudos trago um pensamento de Richardson (1985, p.29) que salienta o uso do termo metodologia em dois momentos e acepções: o primeiro momento é epistemológico – refere-se ao teórico que se relaciona ao estudo dos métodos. E, o segundo momento é o prático que está relacionado às técnicas de coleta e tratamento das informações coletadas.

Outro aspecto a ser considerado conforme Severino (2013, p.123) é que quanto aos objetivos, uma pesquisa pode ser exploratória ou explicativa:

A pesquisa exploratória busca apenas levantar informações sobre um determinado objeto, delimitando assim um campo de trabalho, mapeando as condições de manifestação desse objeto. Na verdade ela é uma preparação para a pesquisa explicativa. A pesquisa explicativa é aquela que, além de registrar e analisar os fenômenos estudados, busca identificar as suas causas, seja através da explicação do método experimental/matemático, seja através da interpretação possibilitada pelos métodos qualitativos.

Com essas perspectivas, no primeiro momento apresento essa pesquisa que tem abordagem qualitativa (Severino, 2007), com princípios de um estudo de caso, uma vez que não busca uma solução para um problema, mas sim pretende registrar os dados obtidos através da entrevista narrativa, que demonstra ser um bom recurso em pesquisa qualitativa.

Para tal apresento os objetivos da minha pesquisa.

4.1 OBJETIVO GERAL

A pesquisa tem como objetivo compreender a formação docente dos acadêmicos da Licenciatura em Computação.

4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Com o intuito de alcançar essa compreensão, tenho por objetivos específicos:

- Identificar o conhecimento que os acadêmicos possuem sobre os documentos oficiais que regulamentam e orientam o funcionamento de um curso de Licenciatura em Computação;
- Perceber como as atividades propostas no PPC contribuem para a formação docente;
- Analisar as percepções sobre docência no processo formativo.

Seguindo o caminho, me apoiei nos estudos de Muylaert et al (2014) e Schütze (2013), que sustentam que as entrevistas narrativas, como ferramentas não estruturadas, visam a profundidade de aspectos específicos, a partir das quais emergem histórias de vida havendo características de uma forma artesanal de comunicação, sem intenção de transmitir informações, mas conteúdos a partir dos quais as experiências possam ser transmitidas.

Nas entrevistas narrativas há a consideração de que nossa memória é seletiva, ou seja, o importante é o que a pessoa registrou do vivenciado, do experienciado, do que é real para ela e não os fatos em si. Dessa forma, recorro ao pensamento de Minayo (2010, p.47), quando escreve que

[...] é a pesquisa que alimenta a atividade de ensino. Pesquisar constitui uma atitude de prática teórica de constante busca e, por isso, tem a característica do acabado provisório e do inacabado permanente. É uma atividade de aproximação sucessiva da realidade que nunca se esgota, fazendo uma combinação particular entre teoria e dados, pensamento e ação.

Com essa perspectiva, com os dados coletados através das entrevistas narrativas, passei para a análise das respostas, onde me apoiei nos princípios da metodologia de análise denominada – DSC – Discurso do Sujeito Coletivo (LEFÈVRE E LEFÈVRE, 2005).

4.3 O CAMINHO ESCOLHIDO

Ser autor é, depois de saber tudo o que se conhece, trazer-nos inédito o que ainda pertence ao conhecimento geral. A humanidade é um indivíduo único, coletivo, geral e por isso mesmo anônimo. A humanidade reconhece o seu próprio caminho mas não o conhece senão até onde já foi.

José Sobral de Almada Negreiros

Com a perspectiva do pensador português Almada Negreiros apresento o subcapítulo, que trata da proposta teórico-metodológica adotada para essa pesquisa. E, na condição de autora, tenho o compromisso de “trazer o inédito que pertence ao conhecimento geral, considerando a humanidade um indivíduo único, coletivo, geral e por isso mesmo anônimo” (NEGREIROS, 1993).

E, considero como ineditismo do meu trabalho, o tratamento usado para os dados coletados. Isso posto, a metodologia é a forma como organizamos uma via, através da qual se pode alcançar os objetivos projetados.

Assim, adotei a perspectiva de que o exercício de pesquisar é uma atividade inacabada, com aproximações sucessivas da realidade, imerso no cotidiano e na interpretação das experiências dos sujeitos que a vivenciaram. Para tal, elaborei questões semiestruturadas para a realização da entrevista. Com a finalidade de coletar dados para atender os objetivos da pesquisa, durante as entrevistas com os sujeitos, utilizei um roteiro de questões semiestruturado, conforme APÊNDICE C, que orientaram as entrevistas narrativas, para não se perder o enfoque, além de balizar os assuntos pertinentes aos objetivos.

Para a elaboração das questões, recorri novamente a ideia de Minayo (2010, p.267), sobre entrevista semiestruturada, que escreve

[...] a semiestruturada obedece a um roteiro que é apropriado fisicamente e utilizado pelo pesquisador. [...] facilita a abordagem e assegura, sobretudo aos investigadores menos experientes, que suas hipóteses ou seus pressupostos serão cobertos na conversa.

Antes de iniciar a realizar as entrevistas, houve uma reunião com a coordenadora do curso, a minha orientadora e eu. Nessa reunião, apresentamos a proposta de pesquisa e, solicitamos a autorização para entrevistar os acadêmicos do curso. No caso, os entrevistados foram os ingressantes da primeira turma e que já

tivessem cursado no mínimo os seis primeiros semestres e, com, pelo menos, dois dos quatro estágios, concluídos.

A importância dos sujeitos terem participado dos estágios foi uma condição, pois acreditávamos que essas experiências pedagógicas, vivenciadas pelos acadêmicos, contribuíram para a compreensão do que estávamos nos propondo.

Após essa reunião, agendei com a professora de uma disciplina, uma conversa com os alunos a fim de expor minha proposta de pesquisa e convidá-los a participar do processo. Para minha surpresa, fui muito bem acolhida e todos os que se encontravam no perfil desejado se colocaram a disposição para participar.

Para dar início ao processo entreguei aos acadêmicos, dois documentos: o primeiro foi um questionário – APÊNDICE A - que proporcionou conhecer um pouco de cada um dos participantes, com informações sobre semestres cursados, idade, se era a primeira graduação, se já trabalhavam e etc. O segundo documento – APÊNDICE B - foi o “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido”, um documento que dá ciência aos participantes sobre a pesquisa, com os contatos dos responsáveis e, com a devida autorização do participante, para a utilização das informações colhidas na pesquisa, porém, resguardando a identidade dos entrevistados.

As informações do questionário inicial, foram fundamentais para a escolha dos participantes, pois nesse documento constavam questões tais como: qual semestre o acadêmico estava cursando, pois nem todos os ingressantes da primeira turma encontravam-se no semestre regular, por motivos diversos e, outra pergunta essencial era sobre quais estágios já havia realizado.

Com essas informações, nove alunos que cursavam o 6º ou 7º semestre e que já tivessem realizado, pelo menos, dois estágios curriculares, se tornaram sujeitos da pesquisa.

Após o trabalho inicial, de selecionar os sujeitos, comecei a coleta das informações, que aconteceram nos meses de junho e julho de 2016. Primeiramente, eu conversei com os professores da turma, solicitando a permissão, para que os sujeitos, pudessem se ausentar durante o tempo necessário para uma entrevista, convém registrar que todas as entrevistas ocorreram à noite em horário de aula, por indisponibilidade e/ou compromisso dos sujeitos em outro turno.

A escolha do horário da disciplina foi feita de forma aleatória, a fim de não atrapalhar o andamento das aulas, bem como a perda de conteúdos pelos

entrevistados, tomando sempre o cuidado de não causar nenhum tipo de prejuízo, tanto para os professores quanto para os acadêmicos. Nos dias das entrevistas, os alunos se retiravam da sala de aula, um de cada vez, pois as entrevistas foram feitas individualmente. A cada noite entrevistei no máximo três sujeitos, conforme presença e disponibilidade dos mesmos. As entrevistas tiveram uma duração média de quarenta e cinco minutos.

Ao concluir as entrevistas, passei para o processo de “transcrever” as gravações realizadas em vídeo e áudio, com auxílio do computador, e gravador de voz digital. De posse de todo o conteúdo para a análise, foi um período de intensos estudos, onde busquei uma compreensão para esse momento que vivia. Mais uma vez me socorri nos estudos de Minayo (2010), e encontrei um entendimento para os obstáculos que estava enfrentando nessa fase de análise dos dados recolhidos em campo.

Segundo a autora (MINAYO, op. cit., p.299) há três obstáculos

[...] o primeiro deles é o que Bourdieu denomina “ilusão da transparência” isto é, a tentativa de interpretação espontânea e literal dos dados, como se o real se mostrasse nitidamente. [...] o segundo obstáculo é o que leva o pesquisador a sucumbir à magia dos métodos e das técnicas, esquecendo-se do mais importante, isto é, a fidedignidade à compreensão do material e referida às relações sociais dinâmicas vivas. [...] o terceiro obstáculo, também recorrente na interpretação dos trabalhos empíricos, é a dificuldade que muitos pesquisadores encontram na junção e síntese das teorias e dos achados em campo ou documentais.

Com um entendimento sobre esses obstáculos, direcionei mais meus estudos na busca de um referencial que me ajudasse a atender aos meus objetivos de pesquisa. Pelo fato de assistir a muitas bancas de qualificação e de defesa de teses e dissertações, nos programas *stricto sensu*, onde atua minha orientadora, nesta e em outras instituições, tomei conhecimento da metodologia de análise que se denomina Discurso do Sujeito Coletivo desenvolvida por Fernando Lefèvre e Ana Maria Cavalcanti Lefèvre (2005), que em sua essência busca a forma de como os sujeitos acessam as suas representações sociais.

Fui em busca da teoria que sustenta essa abordagem. Ao me aproximar dessa teoria percebi que a mesma, em muitos aspectos, se imbricam com os estudos de Maria Cecília de Souza Minayo (2010), então parti para a compreensão desse método e, apresento o mesmo – e linhas gerais – a seguir.

4.3.1 O Discurso do Sujeito Coletivo

A proposta de análise de dados qualitativos denominada DSC – discurso do sujeito coletivo – foi desenvolvida por Fernando Lefèvre e Ana Maria Cavalcanti Lefèvre, no fim da década de 1990 e, tem como fundamento a teoria das Representações Sociais. É uma técnica que busca dar conta da discursividade como traço constitutivo e indissociável do pensamento coletivo (2005). O DSC é, assim, uma estratégia metodológica que, utilizando uma estratégia discursiva, visa tornar mais clara uma dada representação social, bem como o conjunto das representações que conforma um dado imaginário (2005, p.19).

Com essas características o DSC é um discurso síntese, elaborado com as partes de discursos de sentido semelhantes, por meio de procedimentos sistemáticos e padronizados, que explicarei na sequência do texto. Mas julgo relevante registrar que considerei mais complexo na adoção dessa metodologia, foi a base teórica da representação social. E, mais uma vez, nos estudos de Minayo encontrei uma interpretação para esse aspecto. Segundo a autora, as “representações sociais são uma expressão filosófica que significa a reprodução de uma percepção anterior da realidade ou do conteúdo do pensamento” (2010, p.219).

A autora escreve que do ponto de vista sociológico, Durkheim é o autor que primeiro tratou do conceito de representações sociais, “usando a expressão representações coletivas para se referir a categorias de pensamento por meio das quais uma determinada sociedade elabora e expressa sua realidade” (2010, p.220).

Durkheim escreve que “[...] as representações coletivas traduzem a maneira como o grupo pensa nas suas relações com os objetos que o afetam” (1978, p.79). Para o autor, não existem representações falsas, pois todas respondem às necessidades da existência humana de diferentes forma e em condições dadas.

Com essa perspectiva, Lefèvre e Lefèvre (2005, p.19) afirmam que “[...] é, assim, uma estratégia metodológica que, utilizando uma estratégia discursiva, visa tornar mais clara uma dada representação social [...]”.

4.3.2 A Metodologia do DSC

Antes de apresentar os discursos resultantes da análise dos dados coletados nas entrevistas, considero importante apresentar resumidamente o caminho para se chegar a um DSC – Discurso do Sujeito Coletivo.

Para que o DSC ganhe corpo foram criadas as seguintes figuras metodológicas conforme Lefèvre e Lefèvre (2005)

- Expressões-chave (ECH) – são pedaços, trechos ou transcrições literais do discurso, que devem ser sublinhadas, iluminadas, coloridas pelo pesquisador, e que revelam a essência do depoimento ou, mais precisamente, do conteúdo discursivo dos segmentos em que se divide o depoimento;
- Ideias centrais (IC) – é um nome ou expressão linguística que revela e descreve, da maneira mais sintética, precisa e fidedigna possível, o sentido de cada um dos discursos analisados e de cada conjunto homogêneo de ECH, que vai dar nascimento, posteriormente, ao DSC. É importante assinalar que a IC *não é uma interpretação, mas uma descrição* do sentido de um depoimento ou de um conjunto de depoimentos;
- Ancoragens (AC) - [...] é a manifestação linguística explícita de uma dada teoria, ou ideologia, ou crença que o autor do discurso professa e que, na qualidade de afirmação genérica, está sendo usada pelo enunciador para “enquadrar” uma situação específica.

4.3.3 A Organização dos Dados

Após os dados coletados, gravados e transcritos, foi feita uma sequência de passos que funcionaram como um roteiro para a construção do Discurso do Sujeito Coletivo.

O primeiro passo consistiu em criar uma tabela com três colunas e intitulá-las de expressões-chave, ideia central e ancoragem. A seguir, para dar início à análise das questões, copiei integralmente as respostas das entrevistas para a coluna das expressões-chave, cada resposta numa célula da tabela.

O segundo passo consiste em identificar as expressões-chave das ideias centrais e quando houver das ancoragens, vale lembrar que esta identificação pode ser feita utilizando alguns recursos gráficos conforme já citado, criando identidades diferentes quando existir mais de uma ideia central e ancoragem.

O terceiro passo consiste em identificar as ideias centrais e as ancoragens, quando elas existirem, levando em conta as expressões-chave já selecionadas, e escrevi as identificações nos espaços correspondentes na tabela.

No quarto passo identifiquei e agrupei as ideias centrais e as ancoragens que tinham o mesmo sentido, ou sentido equivalente, ou sentido complementar, devendo se criar identificações para cada grupamento⁷.

O quinto passo, denominei as ideias centrais ou ancoragens que expressavam da melhor forma, todas as ideias centrais e ancoragens de mesmo sentido.

No sexto passo construí um DSC, que consiste em sequenciar as expressões-chave obedecendo a uma ordenação tipo, começo, meio e fim, ou do mais geral para o menos geral e mais particular. Para fazer a ligação entre os discursos ou parágrafos usei **conectivos**, que estão **sublinhados**, a fim de proporcionar uma concordância entre os discursos.

A apresentação dos resultados pelos discursos, pode ser feita de várias maneiras, conforme corrobora a literatura. Entretanto, nessa pesquisa, como trabalhei com princípios da metodologia aplicada no DSC, convém explicitar que, em virtude de ter optado pela criação de grupamentos, relacionando as questões por temas que atendessem os objetivos da pesquisa, propus a construção de DSC, que contemple as IDEIAS CENTRAIS/ANCORAGENS pertencentes ao mesmo grupamento, apresentadas em **negrito**, compondo a pertença dos discursos gerados.

As imagens a seguir, propõem um idéia sobre a construção de um DSC a partir dos diversos sujeitos que irão compor o discurso.

⁷ Termo usado pelos autores Lefèvre e Lefèvre

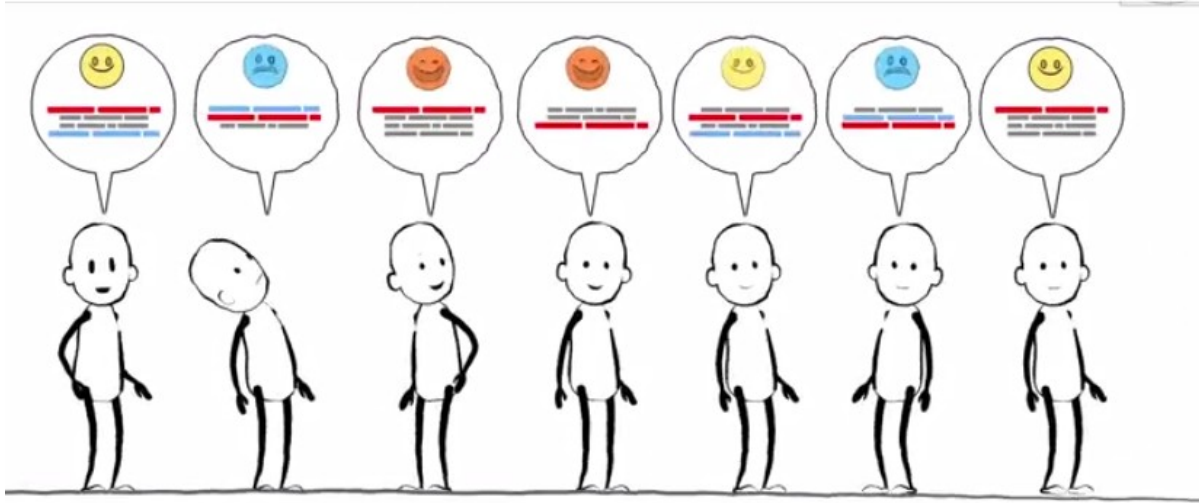


Figura 1 – Representação dos sujeitos discursando
Fonte: ipdsc.com.br



Figura 2 – Representação do DSC
Fonte: ipdsc.com.br

5 DISCURSOS PRODUZIDOS NA PESQUISA

Os discursos resultantes das questões estão agrupados conforme segue:

O primeiro grupamento, composto pelas três primeiras questões, versa sobre o conhecimento, contato e/ou leitura sobre os três documentos que integram a pesquisa, são estes: Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Computação, Currículo de Referência das Licenciaturas em Computação, proposto pela SBC e as Diretrizes de Implementação para os Padrões de Competência em TIC para professores, desenvolvido pela UNESCO.

- i. Você conhece o PPC - Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Computação?
- ii. Você conhece o Currículo de referência das Licenciaturas em Computação da SBC - Sociedade Brasileira de Computação?
- iii. Você conhece as Diretrizes de Implementação para os Padrões de Competência em TIC para professores da UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura?

O segundo grupamento, com as três questões seguintes, convergem na busca de informações, que envolvam discussões em sala de aula sobre a formação docente, a participação em eventos sobre educação como também a leitura de artigos, livros e autores que possam ter contribuído ou chamado atenção sobre a formação em questão.

- iv. Que tipo de discussões são feitas entre o grupo docente e discente que caracterizam o profissional que vai se formar?
- v. Você já leu artigos/ livros referentes a sua formação (profissão)?
- vi. Quais eventos já participou, envolvendo os temas: educação, tecnologia e tecnologia na educação/sala de aula?

O terceiro grupamento, que discorre sobre as quatro últimas questões, tem como proposta resgatar dos entrevistados as experiências docentes vivenciados nos estágios e/ou no PIBID. Bem como, perceber os sentimentos dos mesmos, que envolvam desafios, conflitos e competências adquiridas na articulação das teorias com as práticas pedagógicas.

- vii. Quando nos estágios, quais recursos tecnológicos você utilizou / utiliza?
- viii. Quais os desafios enfrentados durante a prática pedagógica (estágios) para articular as teorias e tecnologias no processo educativo?

- ix. Os conteúdos abordados até o presente momento, estão dando conta da prática docente que você desenvolveu/desenvolve nos estágios?
- x. O que você acha que seria importante para ser abordado em sua formação que poderá contribuir em sua atividade docente, a partir da sua experiência em estágio ou no PIBID?

5.1 DSC 1 – CONHECIMENTO SOBRE OS DOCUMENTOS

Nesta etapa, o propósito dos questionamentos, é observar o nível de conhecimento sobre os documentos que são usados pela pesquisa, como referencial, ao fazer docente mediado pelo uso das tecnologias da atualidade. Além de apresentar os documentos aos futuros professores, como olhares que convergem na importância da aquisição de competências para trabalhar com as tecnologias. Neste espaço as Diretrizes de Implementação da Unesco (2008, p.1) discorre que

[...] por intermédio do uso corrente e efetivo da tecnologia no processo da escolarização, os alunos têm a chance de adquirir complexas capacidades em tecnologia, sob orientação do principal agente, que é o professor.[...] Conseqüentemente, é essencial que todos os professores estejam preparados para oferecer essas possibilidades aos alunos.

Com esta perspectiva apresento na sequência a tabela onde exemplifico a construção do DSC propriamente dito. “Para essa construção é preciso sequenciar as expressões-chave obedecendo a esquematização clássica do tipo: começo, meio e fim [...]” (LEFÈVRE e LEFÈVRE, 2005, p. 55).

OBJ: Identificar o conhecimento que os acadêmicos possuem sobre os documentos oficiais que regulamentam e orientam o funcionamento de um curso de Licenciatura em Computação; **Questão 1 à 3**

	Expressões-chaves	Ideias centrais	Ancoragem
Aluno 1	<p>1 - Eu conheço mas não sei de cabeça mas já vi; Já li uma vez e eu não me lembro mais mas eu já li ; Eu li mas faz um tempo quando entrei no curso estava bem pilhada pra saber o que era o curso mesmo porque eu estava entrando num curso que não existia eu queria entender o quê que era aí depois quando estava no inicio procurei tudo o que era disponível pra saber aí eu lembro que foi uma época que eu li aí eu estava por dentro.</p> <p>2 - Pois é eu ouvi falar esses dias eu estava olhando um papel que tinha do If a propaganda do nosso curso pra quem vai começar e eu vi isso aí mas eu não sabia fui saber agora a pouco quando eu vi a propaganda oferecendo o curso</p> <p>SK: A Sociedade Brasileira de Computação tu conhece já ouviu falar?</p> <p>A: Não tinha ouvido falar ouvi falar quando vi esse papel mesmo aí eu até fiquei interessada em procurar mas eu não olhei</p>	<p>tem conhecimento e leu o documento</p> <p>queria saber mais sobre o curso novo</p> <p>Conhece a SBC por propaganda do curso</p> <p>Não conhece o documento,</p>	<p>Não conhece o currículo de referência</p>

	<p>3 - Não; Não; SK:A Unesco tu conhece? Sim conheço a Unesco e tudo mais mas eu não sabia que existia esse documento É no caso mais ou menos eu pensava que devesse ter alguma coisa que fizesse ter um norte pra daí ter uma base pra poder ter essas (...)</p>	<p>conhece a Unesco</p>	
<p>Aluno 2</p>	<p>1 - Na verdade na verdade eu não conheço muito bem nunca me preocupei em olhar. SK: Mas tu teve alguma disciplina que tratou dele? I: Ah com certeza não sobre especificamente do curso de licenciatura em computação mas sim de projetos pedagógicos em geral. S: Sim sim mas tu lembra foi a bordado isso qual é o objetivo do curso quais são as atribuições do futuro formando? I: Ah com certeza não sim na verdade muito esclarecido porque por ser um curso de licenciatura em computação não pode confundir com somente um curso voltado para a computação às vezes o pessoal entra pro curso pensando como se fosse um TSI entende o pessoal começa a descobrir que não é um curso (...) a partir do segundo semestre quando começa a ver umas cadeiras didáticas entende não só em ser didática mas umas cadeiras voltadas pra licenciatura exatamente então o pessoal começa a perceber mas na verdade sim desde o início é explícito que é um curso de licenciatura em computação mas é uma licenciatura então isso aí fica bem esclarecido.</p> <p>2 - Não conheço até vou procurar me informar um pouco melhor SK: Tu já sabia que tu ia ser professor depois de formado? I: Não na verdade na verdade eu entrei com o intuito mais da informática claro sabia que tinha uma diferença grande da parte do TSI entendeu do curso de TSI então eu pensei assim não eu vou entrar no curso () não me vejo como professor vou aproveitar mais o conhecimento técnico que eu vou adquirir no curso pra trabalhar só que depois comecei a gostar e acabei interessado pela parte pedagógica aquela parte ali fiquei bem interessante na verdade</p> <p>3 - Já ouvi falar mas eu nunca (...) Da Unesco o documento sinceramente não () /</p>	<p>Não conhece bem o documento, nunca se preocupou em olhar</p> <p>Não conhece, este documento, mas tem interesse em conhecer</p> <p>Não conhece o documento</p>	<p>Reconhece o curso como uma licenciatura</p> <p>Reconhece o curso como licenciatura</p>
<p>Aluno 3</p>	<p>1 - Olha não sei se eu conheço talvez eu conheça mas não sei dizer ao certo assim .De forma geral assim do curso de computação mesmo acho que não cheguei (...) se falaram eu não prestei atenção / Ah não isso a gente tem com a grade sim SK: Tu chegou a ver esse documento? J: Vi SK: Que diz quais são os objetivos do curso qual é o perfil do profissional que vai sair então vocês estão cientes de qual vai ser a profissão de vocês no mercado? J: Sim.</p> <p>2 - Não , Não esse não esse eu realmente nunca vi.</p> <p>3 - Também não SK:A UNESCO tu conhece? A Unesco sim esse documento em particular que não.</p>	<p>Acha que conhece, mas não lembra direito</p> <p>Não conhece o currículo de referência</p> <p>Não conhece o documento,</p> <p>Conhece a Unesco</p>	
<p>Aluno 4</p>	<p>1 - Não , Nunca tive contato . Não, já ouvi falar o pessoal comentar mas nunca tive contato . Fiz não vou recordar qual disciplina foi eles comentaram que existe o PPC mas a gente não teve contato . Eu tenho uma ideia baseada no que os professores nos passam em sala de aula mas não algo que fosse documentado tivesse escrito realmente qual perfil do profissional que está sendo formado</p>	<p>Ouviu falar, mas não fez leitura</p> <p>Não conhece o</p>	

	<p>2 - Não , Não tive contato.</p> <p>3 - Também não</p> <p>SK:A Unesco tu conhece?</p> <p>S: Sim.</p>	<p>currículo de referência</p> <p>Não conhece o documento,</p> <p>Conhece a Unesco</p>	
<p>Aluno 5</p>	<p>1 - Conheço em partes</p> <p>SK: Esse aqui é aquele documento que dá todas as diretrizes do curso tu chegasse a ler esse documento</p> <p>G: Não</p> <p>SK: Ele chegou a ser trabalhado em sala de aula?</p> <p>G: No início sim</p> <p>SK: Tu quando tu entrasse na licenciatura tu queria ser professor ou tu entrasse mais pela tecnologia?</p> <p>G: A princípio eu tinha entrado pela tecnologia porque sempre me chamou muita atenção manutenção de computadores só que depois que eu entrei na licenciatura sempre foi avisado vocês vão ser futuros professores vocês não estão aqui pra programar ou pra formatar computadores no geral e minha visão foi começando ficar mais (...) tive uma visão melhor uma percepção melhor do curso e eu fui e me adequando e agora eu quero ser professor</p> <p>SK: Agora despertou vontade?</p> <p>G:Me despertou a vontade.</p> <p>2 - Eu já ouvir falar porém não tenho não li</p> <p>3 - A gente teve diversas disciplinas que foi abordada esse assunto no curso foi trabalhado bastante</p> <p>SK: mas o documento esse da Unesco?</p> <p>G: Não</p>	<p>Acha que conhece, mas não lembra direito</p> <p>Não conhece o currículo de referência</p> <p>Não conhece o documento</p>	<p>Reconhece o curso como uma licenciatura</p>
<p>Aluno 6</p>	<p>1 - Isso tem isso e mais até tem () o ingresso e do egresso... a gente costuma o curso na verdade estimula bastante essa procura até porque tem disciplinas que a gente aprende a teoria sobre o que é um PPC sobre um PPP então a gente acaba durante o curso passando por esta experiência de ah vamos buscar aqui um PPC do curso um exemplo até pra conhecimento né e uma coisa interessante lá no início quando eu entrei no curso olhava o perfil do egresso ou seja o quê que o curso quer formar e algumas coisas eu via mas acho que isso não vou alcançar essas coisas e no decorrer do curso tu vai vendo que não é nem uma questão de alcançar na verdade aquilo vai entendendo a formação docente como algo que não é estanho pra agora não vai ser então tu vai ver que aquilo são só caminhos que indicam um futuro do formando pro professor depois como professor no resto da sua formação então e bem interessante olhar de novo cada vez que a gente olha uma fase diferente do curso agora já quase finalizando tu enxerga aquilo de uma forma diferente cada vez que tu ler um livro tu está numa fase diferente da vida faz mais sentido chama mais atenção que em outro momento então realmente o projeto pedagógico do curso é uma coisa que de um modo geral a gente tem bastante fraguimento ().</p> <p>2 - Em 2014 eu submeti um trabalho ao SBC não lembro o nome do evento que aconteceu em Brasília e aí pra me inscrever eu dei uma olhada por cima não aprofundi muito na leitura até porque é bem extenso mas algumas coisas pro trabalho que eu ia submeter faziam sentido porque eu tava escrevendo umas coisas sobre formação docente parecido com alguns outros trabalhos que eu tinha feito aqui pra outro evento pra região aqui mesmo pro próprio instituto e aí acabei conhecendo mesmo nesse contato mas não vou dizer assim eu sei bem o que ()</p>	<p>tem conhecimento e leu o documento</p> <p>tem conhecimento e leu o documento</p> <p>Não conhece o documento</p>	<p>Reconhece o curso como uma licenciatura</p>

	<p>3 - Não conheço até vou te fazer uma pergunta em cima dessa pergunta como eu não vou poder te responder positivamente (hipótese) a partir desse documento os países no caso o Brasil especificamente tem trabalhado em criar formas de capacitar esses professores para ter essas competências em TIC tu tem algum exemplo pra me dar?</p>		
Aluno 7	<p>1 - Sim conheço no segundo ou terceiro semestre foi utilizado um trabalho de pesquisa um trabalho de sala de aula sobre legislação educacional e aí a professora entregou o projeto pedagógico para os alunos lerem e realizar um trabalho sobre ele SK: Então os alunos são cientes por exemplo das atribuições que o projeto de pesquisa dá pro aluno da licenciatura? F: Sim aí com isso até não conhecia o projeto pedagógico nem sabia que existia um projeto pedagógico com isso eu fui tendo base qual é a caracterização de um licenciando em computação quais são as características o futuro dele o quê que o curso abrange também / qual é o campo de atuação bem interessante eu não sabia que tinha um projeto pedagógico SK: bem alguma coisa mais sobre o projeto pedagógico que tu achou que tu viu a informação a respeito de disciplinas a questão de dar aula a própria licenciatura tu sabia que seria docente? F: Eu sabia que seria docente até porque meu primo ele se formou em computação e pra ser docente ele realizou o mestrado eu já não vou precisar ele já tinha me explicado isso então já tinha certeza que um dia eu daria aula que eu vou dar aula pretendo.</p> <p>2 - Eu nunca li mas eu sei que tem por intermédio de grupos de facebook eu vi essa sigla e até no grupo da UFPel que eu participei onde tem um evento da Sociedade Brasileira da Computação e eu até queria saber mais sobre isso de ler</p> <p>3 - Não conheço / Nunca tinha ouvido</p>	<p>tem conhecimento e leu o documento</p> <p>Não conhece, este documento, mas tem interesse em conhecer</p> <p>Não conhece o documento</p>	<p>Reconhece o curso como uma licenciatura</p>
Aluno 8	<p>1 - Olha a gente teve contato foi nos disponibilizado mas eu li mas eu não vou me lembrar nada agora C: é assim o que eu pude perceber que ele abrange mais da área de eles puxam mais pra área de educação e a parte técnica tem que ter mas eles abrangem mais essa área a parte técnica fica ali mas não tá dividido meio a meio as competências tu pode até trabalhar depois na área tu pode até trabalhar na mesma área tu tendo essa graduação na área mais técnica mais com certeza sempre o curso é mais voltado (...)</p> <p>2 - Não acho que nunca foi trazido assim pra gente ler bem discutir sobre isso só pra saber meio que tem que existe</p> <p>3 - Esse realmente eu acho que não acho que nunca foi debatido SK: a Unesco ()? C: sim eu conheço mas (...)</p>	<p>tem conhecimento e leu o documento</p> <p>Não conhece o currículo de referência</p> <p>Não conhece o documento,</p> <p>Conhece a Unesco</p>	<p>Reconhece o curso como uma licenciatura</p>
Aluno 9	<p>1 - No início do curso eu realmente li então a gente leu passou os olhos por cima em algumas partes assim rápidas mas não me dediquei não foi uma coisa que me foco naquilo então realmente (hipótese) lá no início do curso agora se me perguntar te recorda de tal citação lá não me recordo isso aí eu</p>	<p>tem conhecimento e leu o documento</p>	<p>Reconhece o curso como uma licenciatura</p>

<p>li lá no início SK: mas tu lembra por exemplo dos objetivos quais são as competências que vocês tem que adquirir a que vai levar a formação de vocês como /[()] no mercado? M: Sim bom referente a isso eu vejo que a gente (...) a ideia do curso é principalmente formar professores e eu não tenho assim uma ideia hoje uma visão de mercado por exemplo nós nos formamos aqui licenciados em computação mas hoje não existe um público lá fora um mercado lá fora a se tomar pra isso então a ideia que acredito eu e meus colegas aqui a grande maioria pelo menos aqueles que querem permanecer dando aula alguns já deixaram não sei se chagaram já a conversar aqui sobre isso mas por exemplo não tenho interesse de dar aula mas eu tenho interesse mas é claro com um plano de carreira também bom digno digamos então tenho o sonho de ficar aqui no IFSul o desejo de todos da grande maioria que quer dar aula eu não me interesso em dar aula quero dar aula mas a gente não quer cair aqui no município e hoje em dia como essa disciplina não faz parte de concurso então não tem como a gente ir aqui pro município.</p> <p>2 - Não SK: Tá mas tu lembra assim vagamente porque o PPC foi feito com base nesse currículo de referência da Sociedade Brasileira de Computação a Sociedade Brasileira de Computação tu conhece já ouviu falar ou alguma coisa assim? M: Não Não sei muito afundo () aquilo que me interessa sim nesse caso aqui como ainda não me interessou pode vir a interessar futuramente ().</p> <p>3 - Também não conheço .</p>	<p>Não conhece o currículo de referência</p> <p>Não conhece o documento,</p>	<p>Não sentiu necessidade de conhecer</p>
--	--	---

Quadro 1 – Tabulação dos dados

<p>IDEIA CENTRAL - Tem conhecimento e leu o documento</p>	
<p>Expressões-chave</p>	<p>Discurso sujeito coletivo</p>
<p>Eu conheço mas não sei de cabeça mas já vi; Já li uma vez e eu não me lembro mais mas eu já li ; Eu li mas faz um tempo quando entrei no curso estava bem pilhada pra saber o que era o curso mesmo porque eu estava entrando num curso que não existia eu queria entender o quê que era aí depois quando estava no início procurei tudo o que era disponível pra saber aí eu lembro que foi uma época que eu li aí eu estava por dentro.</p>	<p>Eu li mas faz um tempo quando entrei no curso estava bem pilhada pra saber o que era o curso mesmo porque eu estava entrando num curso que não existia eu queria entender o quê que era aí depois quando estava no início procurei tudo o que era disponível pra saber além de ter disciplinas que a gente aprende a teoria sobre o que é um PPC sobre um PPP então a gente acaba durante o curso passando por esta experiência de ah vamos buscar aqui no PPC do curso um exemplo até pra conhecimento né e uma coisa interessante lá no início quando eu entrei no curso olhava o perfil do egresso ou seja o quê que o curso quer formar e ainda no segundo ou terceiro semestre foi utilizado um trabalho de pesquisa um trabalho de sala de aula sobre legislação educacional e aí a professora entregou o projeto pedagógico para os alunos lerem e realizar um trabalho sobre ele. Com</p>
<p>Isso tem isso e mais até tem () o ingresso e do egresso... a gente costuma o curso na verdade estimula bastante essa procura até porque tem disciplinas que a gente aprende a teoria sobre o que é um PPC sobre um PPP então a gente acaba durante o curso passando por esta experiência de ah vamos buscar aqui no PPC do curso um exemplo até pra conhecimento né e uma coisa interessante lá no início quando eu entrei no curso olhava o perfil do egresso ou seja o quê que o curso quer formar</p>	<p>Eu li mas faz um tempo quando entrei no curso estava bem pilhada pra saber o que era o curso mesmo porque eu estava entrando num curso que não existia eu queria entender o quê que era aí depois quando estava no início procurei tudo o que era disponível pra saber além de ter disciplinas que a gente aprende a teoria sobre o que é um PPC sobre um PPP então a gente acaba durante o curso passando por esta experiência de ah vamos buscar aqui no PPC do curso um exemplo até pra conhecimento né e uma coisa interessante lá no início quando eu entrei no curso olhava o perfil do egresso ou seja o quê que o curso quer formar e ainda no segundo ou terceiro semestre foi utilizado um trabalho de pesquisa um trabalho de sala de aula sobre legislação educacional e aí a professora entregou o projeto pedagógico para os alunos lerem e realizar um trabalho sobre ele. Com</p>
<p>Sim conheço no segundo ou terceiro semestre foi utilizado um trabalho de pesquisa um trabalho de sala de aula sobre legislação educacional e aí a professora entregou o projeto pedagógico para os alunos lerem e realizar um trabalho sobre ele. Aí com isso até não conhecia o projeto pedagógico nem sabia que existia um projeto pedagógico com isso eu fui</p>	<p>Eu li mas faz um tempo quando entrei no curso estava bem pilhada pra saber o que era o curso mesmo porque eu estava entrando num curso que não existia eu queria entender o quê que era aí depois quando estava no início procurei tudo o que era disponível pra saber além de ter disciplinas que a gente aprende a teoria sobre o que é um PPC sobre um PPP então a gente acaba durante o curso passando por esta experiência de ah vamos buscar aqui no PPC do curso um exemplo até pra conhecimento né e uma coisa interessante lá no início quando eu entrei no curso olhava o perfil do egresso ou seja o quê que o curso quer formar e ainda no segundo ou terceiro semestre foi utilizado um trabalho de pesquisa um trabalho de sala de aula sobre legislação educacional e aí a professora entregou o projeto pedagógico para os alunos lerem e realizar um trabalho sobre ele. Com</p>

tendo base qual é a caracterização de um licenciando em computação quais são as características o futuro dele o quê que o curso abrange também qual é o campo de atuação bem interessante eu não sabia que tinha um projeto pedagógico.	isso até não conhecia o projeto pedagógico nem sabia que existia um projeto pedagógico com isso eu fui tendo base qual é a caracterização de um licenciando em computação quais são as características o futuro dele o quê que o curso abrange também qual é o campo de atuação bem interessante eu não sabia que tinha um projeto pedagógico.
Olha a gente teve contato foi nos disponibilizado mas eu li mas eu não vou me lembrar nada agora	
No início do curso eu realmente li então a gente leu passou os olhos por cima em algumas partes assim rápidas mas não me dediquei não foi uma coisa que me foco naquilo então realmente disciplina não faz parte de concurso então não tem como a gente ir aqui pro município.	

Quadro 2 – Construção do DSC

Grupamento 1
Discurso sujeito coletivo
<p>Eu li mas faz um tempo quando entrei no curso estava bem pilhada pra saber o que era o curso mesmo porque eu estava entrando num curso que não existia eu queria entender o quê que era aí depois quando estava no início procurei tudo o que era disponível pra saber <u>além</u> de ter disciplinas que a gente aprende a teoria sobre o que é um PPC sobre um PPP então a gente acaba durante o curso passando por esta experiência de ah vamos buscar aqui no PPC do curso um exemplo até pra conhecimento né e uma coisa interessante lá no início quando eu entrei no curso olhava o perfil do egresso ou seja o quê que o curso quer formar e <u>ainda</u> no segundo ou terceiro semestre foi utilizado um trabalho de pesquisa um trabalho de sala de aula sobre legislação educacional e aí a professora entregou o projeto pedagógico para os alunos lerem e realizar um trabalho sobre ele. Com isso até não conhecia o projeto pedagógico nem sabia que existia um projeto pedagógico com isso eu fui tendo base qual é a caracterização de um licenciando em computação quais são as características o futuro dele o quê que o curso abrange também qual é o campo de atuação. Quanto ao currículo de referência da SBC e o documento da UNESCO não apenas não conheço até vou procurar me informar um pouco melhor <u>como também</u> acho que nunca foi trazido assim pra gente ler bem discutir sobre isso.</p>

Quadro 3 – Grupamento 1: Discurso sujeito coletivo

Sobre o primeiro grupamento (objetivo 1), que originou o discurso apresentado, procurei manter o foco na ideia central, pois esta assinalava com mais propriedade as questões trabalhadas na pesquisa. Com isto pude identificar nas respostas, que os acadêmicos tiveram contato durante sua formação com o PPC do curso, entretanto, com os outros documentos indicam não ter conhecimento sobre os mesmos. Também foi possível identificar em suas abordagens, o reconhecimento do curso como uma licenciatura e de sua formação estar intensamente voltada para a atividade docente.

Como pesquisadora, entendo que a coordenação do curso pode apresentar esses documentos para os acadêmicos, uma vez que o documento da SBC é uma referência para a construção dos currículos de licenciatura em computação.

Com relação às diretrizes de implementação da Unesco, entendo que, por ter a mesma, uma abrangência mundial é importante que o futuro professor tenha conhecimento do quanto os organismos multilaterais são capazes de interferir nos processos educativos de países emergentes como o Brasil (MORAIS, 2003).

Acredito que o conhecimento de documentos que regem a nossa profissão é imprescindível para gerar autonomia, o sentido de pertença e de identidade profissional; fatores que são essenciais para que os professores se apropriem de processos de mudança e os transformem em práticas de ação docente (NÓVOA, 2011).

5.2 DSC 2 – DISCUSSÕES SOBRE A FORMAÇÃO, LEITURAS E EVENTOS

Nesta etapa, o propósito dos questionamentos, é perceber se, as atividades propostas no PPC, contribuem para formação docente. Convém informar que as tabelas de construção do DSC encontram-se por amostragem no APÊNDICE D, pois para o corpo do documento apresentarei o DSC gerado.

Grupamento 2
Discurso sujeito coletivo
<p>Com relação a formação não poder gerar acomodação, desde o início se vê uma preocupação grande dos docentes do curso, em além de conscientizar que a ideia e formar um professor, parece obvio, mas nem tanto, às vezes é ver o quê que tu vai ser depois de formado, que tipo de professor, se tu vais continuar propor a mesma coisa que vem sendo feita ao longo dos anos <u>mas também</u> eles querem nos colocar como se você fosse um profissional, mas a gente não pode ficar acomodado <u>da mesma forma</u> a gente tem focado geral, com todos os professores pra tentar justamente, acredito, ser um professor, tentar pelo menos diferenciar ao ponto de buscar tecnologias. Em relação ao professor atento as dificuldades, ah eles são muito preocupados com a nossa formação, isso a gente vê bem, mas eles pretendem que nos a gente sai daqui a melhor maneira possível, como eu vou explicar, eles querem passar pra gente um tipo de didática que não seja aquela muito tradicional, que a gente se preocupe com os alunos, que a gente se preocupe onde a gente vai ensinar, o quê que a gente vai ensinar, as dificuldades dos alunos <u>ao mesmo tempo</u> a gente discute muito a questão da valorização do aluno sempre zelar por todos os alunos de sempre fazer uma aula para todos os alunos, entende, não excluir ninguém sempre tentar resgatar aqueles que não estão muito interessado, saber o porquê, com as dificuldades tentar dar uma atenção. Sobre o papel do professor, em sala de aula praticamente em todas as cadeiras, o professor deixa bem claro o papel do licenciando em computação, a responsabilidade que tem durante a escola e até porque ainda não tem a disciplina informática básica na rede estadual e municipal, então eles deixam bem claro o papel dele qual pode ser, qual vai ser, caso se torne uma disciplina regulamentada, <u>assim</u> preparar uma aula que seja interessante, que não seja muito massiva pro aluno, sempre tem que cuidar isso seja agradável e sempre ter uma relação com aquilo que ele faz no dia a dia, ah não tem nada que me interesse, tem que interessar, uma coisa pra tua vida, pro teu dia a dia tu tem que chegar ali então são debates a gente sempre está conversando sempre está confrontando opiniões sobre isso, que é sempre fazer uma aula interessante sempre adotar um papel crítico. Quanto a importância de referenciais, a gente acaba lendo artigos pra fazer algum trabalho alguma, assim eu tenho lido um pouco de Paulo Freire que eu gosto, Edgar Morin, também, eu andei lendo há um tempo atrás Vigotski, me interessou bastante e são autores que eu tenho mais</p>

contato que eu tenho lido mais alguma coisa como também tem o Pierre Levi que esses tempos eu estava com o livro, ele fala bastante de tecnologia entretanto livro a gente lê pedaços de livro na verdade mas artigos bastante até porque a gente tem que fazer bastante trabalho sobre isso além disso tenho lido alguma coisa da parte filosófica mais funda mesmo uma coisa de Foucault. **Com relação a participação em eventos**, participei de alguns eventos com o Pibid que seria oficina do sábado em foco, que o colégio ele abre, o Pelotense, abre pros alunos, sábado e os pibidianos dão sua oficina sobre determinado tema, também a gente teve aqui a SASPI a semana acadêmica do TSI, além disso na parte e tecnologia também teve por parte do professor de eletrônica, o professor fez, também, um seminário sobre tecnologia bem interessante que é Grupo de Educadores do GOOGLE, então trabalhando com as ferramentas, então seria tecnologias na educação.

Quadro 4 – Grupamento 2: Discurso sujeito coletivo

Nesta etapa da pesquisa, ao observar os relatos dos entrevistados, sobre as abordagens que envolveram os debates sobre a formação da docência, bem como a complementação dos conteúdos curriculares a partir da introdução de leituras e participação em eventos, pude perceber que os acadêmicos reconhecem a importância do fazer docente e enfatizam que os professores do curso, usam de suas experiências e formações extras, como forma de estimular uma formação, aos futuros professores, pensando no fazer uma aula que permita um envolvimento e um cuidado com o processos de aprendizagem e que as tecnologias também possam fazer parte desta ancoragem facilitadora e inovadora acolhida pela modernidade.

Com relação a formação de qualidade trago Kensi que escreve

A formação de qualidade dos docentes deve ser vista em um amplo quadro de complementação às tradicionais disciplinas pedagógicas e que inclui, entre outros, um razoável conhecimento de uso do computador, das redes e de demais suportes midiáticos [...] em variadas e diferenciadas atividades de aprendizagens. É preciso saber utilizá-los adequadamente (KENSKI, 2011, p.106).

Os acadêmicos também reconhecem a importância das leituras, sentem falta de referenciais teóricos, apontam que deveria ser mais estimulado no curso, ao mesmo tempo em que identificam dificuldades nessa construção, uma vez que se descrevem como pouco acostumados ao exercício da leitura, como complementação cultural, seja por falta de tempo ou de interesse. Entretanto, chegando ao final do curso, e com a necessidade da elaboração dos TCC's, admitem necessidades e pautam maneiras de ir em busca dos conteúdos que sustentem suas produções acadêmicas.

Como pesquisadora, percebo que as narrativas revelam um grau de amadurecimento por parte dos acadêmicos sobre uma formação na área da licenciatura, consolidada a partir do trato pedagógico dos professores da área,

quando abordam os cuidados, as propostas, as relações, o respeito, o constante aprendizado e o comprometimento. Bem como, reconhecem necessitar de mais estímulos pela leitura durante sua formação, uma vez que se deparam com dificuldades na construção dos TCC's.

5.3 DSC 3 – FORMAÇÃO ACADÊMICA E VIVÊNCIA NA DOCÊNCIA

Nesta etapa, que corresponde ao terceiro objetivo da pesquisa, tem como questionamento, analisar, quais as percepções sobre docência que os acadêmicos estão desenvolvendo, em função da formação que estão recebendo e das práticas que estão vivenciando. Aqui também será apresentado o discurso gerado, e as tabelas de construção, encontram-se por amostragem no APÊNDICE E. Entretanto é pertinente ressaltar que, este discurso, em virtude de ser oriundo de quatro questões bastante consistentes, sobre os conteúdos a serem analisados, resultou em um texto relativamente extenso, sob o prisma da proposta metodológica, mesmo que eu a tenha usado sob seus princípios.

Mas, justifico esta necessidade, me apoiando nos autores da metodologia, quando expressam que “o discurso do sujeito coletivo permite, dessa forma, a oportunidade de mostrar através dos próprios relatos e com maior fidelidade possível, o que havia sido recolhido nas entrevistas” (LEFÈVRE E LEFÈVRE, 2005, p. 221).

E foi com o intuito de manter esta fidelidade, que tomei a liberdade de não retalhar a riqueza de informações provenientes dos relatos dos acadêmicos.

Grupamento 3
Discurso Sujeito Coletivo
<p>Quanto aos recursos tecnológicos, o primeiro estágio era pro ensino médio computação, não uma computação aplicada, uma coisa mais inicial, curso no médio integrado de química ali o quê que a gente usava basicamente era aula do laboratório, mesmo o uso era ensinar a usar as ferramentas de escritório que são Word, Excel e Power Point e aí como nosso estágio, eles são divididos em duas partes, no início a gente sempre observa posterior a gente assume a turma eu acabei ficando com o finalzinho de Power Point e fiquei mais com o Excel. No segundo estágio eu trabalhei programação com eles, e onde a gente não trabalhou diretamente com computador diretamente com algum programa definido, a gente trabalhou primeiramente com raciocínio lógico deles, pra despertar o interesse deles foi utilizado bastante brincadeiras jogos onde eles tiveram resultado melhor <u>entretanto</u> lá no Pelotense então não eram todas as aulas que a gente conseguiu utilizar o data show, porque teve aula que não consegui nem utilizar o laboratório um problema no laboratório de horário interno da instituição aí a gente ficou mesmo tendo que trabalhar com eles na sala de aula era meio que tentar inventar alguma coisa insegurança mesmo de poder utilizar, mas o único</p>

recurso que eu utilizei o data show tinha laboratório lá, a gente utilizou também acabou passando na televisão porque la tinha um televisão aí podemos conectar na TV pra passar além de utilizamos bastante o quadro porque a gente tinha que explicar pro pessoal e o computador a gente utilizava alguns jogos ali como o *scrath*⁸ pra eles terem essa introdução assim a esse mundo da lógica. **Com relação aos desafios de ser professor,** Não só a dificuldade psicológica porque era o primeiro contato então a gente chega assim e da aquele frioção na barriga e parece que tu vai desmaiar e começa a ficar gelada e quente ao mesmo tempo, como também o choque de realidade, por mais que tu seja bom aluno na tua graduação, que eu tenha muita vontade, eu acredito, que quando todos chegarem na sala de aula vão ter um impacto, porque tu foi aluno a vida toda e tu acha que conhece muito bem a sala de aula, quando invertem-se os papéis a coisa muda, as pernas tremem, e tomar a posição de professor, não de quem dita as regras, mas quem diz oh vamos fazer isso hoje então isso é uma responsabilidade muito grande. Contudo o desafio maior é o de manter uma aula interessante, na verdade, manter todos ali presentes na aula além de não deixar a aula ficar chata, sempre tentar estimular. Também percebo que às vezes, quando tu não entende muito aquele assunto, tu fica meio desinteressado, no caso, um aluno que se achava burro e trabalhava na zona rural aí eu tinha que achar alguma maneira de trazer ele, mas daí comecei, quem sabe tu senta mais perto de mim, então e tu começa a fazer alguma coisa voltado ao que ele gosta, a parte rural que ele gostava bastante mesmo, eu digo, vamos começar a trabalhar, porque tu não é burro, se fosse assim eu também sou burro, porque a gente esta falando de informática, que tu não tem muito contato, e seu eu for lá pro ambiente onde tu vive lá, teu pessoal lá que é no meio do gado eu também vou ser uma pessoa burra porque eu não conheço nada daquilo lá e aí eu vou te ensinar e tu vai me ensinar, entendeu, então a gente vai trocar uma experiência não existe ninguém burro, só não estas por dentro daquele assunto. **Quanto as didáticas estarem dando conta,** com certeza, isso aí eu acho que através dessa segurança de ter esse suporte todo didático é que a gente fica mais à vontade na sala de aula primeiro passo aqui do curso do perfil do curso é tu deixar de pensar como aluno e pensar como professor então a gente tem que começar a pensar pelo outro lado da moeda entende quando tu começa a pensar por esse lado fica mais fácil as coisas até os métodos pra estudar e tudo mais como também principalmente a didática um, acho que quando a gente fez que nos deu um bum assim bah, a gente vai ser professora vamos acordar, porque eu acho que a gente teve essa disciplina que a gente começou a ver que era hora da gente entrar nessa até porque como eu tinha te falado antes essa parte pedagógica didática a gente trabalhou bem forte eu acho que a gente consegue ter uma visão de olhar pro conteúdo seja ele qual for saber desmembrar saber como chegar até o aluno. Desse modo tem coisas que ficam no teu consciente, são coisas que tu discutiu conversou em toda essa caminhada porque são três anos de conversa então acredito que sim porque não teve nada que tenha acontecido ate aqui, bah não sei o que fazer, vou chamar alguém pra me ajudar, então se tu conseguiu sair daquele problema, situação-problema, então alguma coisa que te deu suporte pra fazer aquilo e se não foi aqui foi aonde que me deram esse suporte então acredito que sim. **Com relação ao aprofundamento de disciplinas técnicas,** até o nível que foi visto nas disciplinas, acredito que sim, porém acredito que, acho que depois da minha formação é preciso uma formação continuada pra dar seguimento pra até não ficar estacionado no tempo, aprender poder a todo momento entretanto eu gostei da forma como foi explicada eu acho que a gente tava sempre conseguindo entender mas esse link eu também não sei se seria o bastante, porque a realidade que a gente vai enfrentar como docente a gente não vai dar aula no curso do nível superior teria que fazer uma especialização a gente vai dar aula pra nível técnico pra nível médio então acho que tudo o que a gente vai enfrentar foi bom mas no caso () eu acho que deixou um gostinho tipo se eu quero trabalhar com uma parte (...) no caso eu teria que estudar mais pra ver essa parte, além de que a gente tem muito uma ideia de tudo, de saber tudo, na universidade, então poxa eu tenho (...) tu aprende como um todo a buscar formação e conhecimento tu tens uma iniciação em programação, eu tenho uma iniciação em banco de dados, uma iniciação em (...) então acho que partir desses caminhos que já estavam abertos todo mundo tem condições, basta querer é muito fácil eu ficar no meu canto, não não tenho condições (...) poxa eu vou ter que buscar né. **Quanto ao professor ser descomprometido,** a disciplina de redes por exemplo redes um foi bem complicado pra nós a gente via que o professor (...) então ele sabia muito, mas ele não tava comprometido com a nossa turma, ele não era do nosso curso ele estava realocado pra nos dar aula porque a gente não tinha um professor da área pra assumir a turma, então a gente via que ele não estava muito engajado. **Quanto a estimular a leitura, publicação e formação continuada,** de repente poderia se trabalhar mais alguma assim no sentido de oratória ou até mesmo que a gente conseguisse se enriquecer um pouco mais no nosso, agora que a gente está tendo a disciplina de ensino de escrita aí algumas pessoas ficaram até triste, mais uma

⁸ Disponível em: <<https://scratch.mit.edu/>>. Acesso em: 23 out. 2016.

disciplina, eu percebi que se a gente quiser continuar nossa formação fazer mestrado, pós-graduação e especialização, a gente tem que ter uma base de (...) não é só a gente saber, tipo eu tenho que saber expressar aquilo que e eu estou falando, então eu tenho que ter um banco de informações que consiga puxar rápido aquilo, acho que isso que falta como também eu acho que falta um pouco mais dos professores, uma atenção entre os alunos do primeiro e segundo semestre a importância que são as leituras, a importância que é escrever algumas coisa, artigos, publicações. **Quanto ao planejamento diferenciado de aulas**, eu no caso tentava planejar uma aula diferente, cada aula ser uma aula diferente, até pra não se tornar uma coisa, a mesma coisa sempre, vou dar exemplo lá no CAVG⁹ a gente trabalhava *Power Point* eu não trabalhei com eles todos os dias projetando *Power Point* diretamente no computador, tinha uma dinâmica legal entre todos os alunos, eu penso que se tu fazes uma aula, duas aulas iguais, na terceira aula o aluno vai pensar que tu vai tá com aquela mesma aula, e aí se tu chegar com uma novidade tu vai despertar interesse se cada aula for um planejamento diferente, bem como às vezes encerrava a aula um ou outro aluno vinha conversar comigo a respeito de um ponto na aula ah fiquei com dificuldade e depois vinha refletindo o que será que eu posso fazer pra facilitar pra ele, então na outra aula, ah ficou mais claro agora eu trouxe um exemplo melhor, eu trouxe uma forma mais pra realidade deles pra entender aquela abordagem.

Quadro 5 – Grupamento 3: Discurso sujeito coletivo

Dessa forma, no terceiro grupamento, que corresponde ao terceiro objetivo da pesquisa, busquei analisar as perspectivas dos sujeitos em formação a partir das vivências nos estágios com todos os pareceres que envolvem desde as dificuldades até os desafios encontrados. Como também, a visão dos mesmos, sobre os alunos trabalhados, suas (des)motivações, ao mesmo tempo em que buscam a constituição da profissionalidade docente no decorrer do curso.

Ao compreender a docência conforme citação nas Diretrizes Curriculares Nacionais CNE/CP Nº2 de 01 de julho de 2014 como sendo a

[...] ação educativa e como processo pedagógico intencional e metódico, envolvendo conhecimentos específicos, interdisciplinares e pedagógicos, conceitos, princípios e objetivos da formação que se desenvolvem na construção e apropriação dos valores éticos, linguísticos, estéticos e políticos do conhecimento inerentes à sólida formação científica e cultural do ensinar/aprender, à socialização e construção de conhecimentos e sua inovação, em diálogo constante entre diferentes visões de mundo.

Percebo o quanto as licenciaturas estão entregues a importante tarefa de formar professores para a continuidade do processo educativo, que intenta a formação de novos profissionais. Nesta premissa Nóvoa diz que

A formação de professores é, provavelmente, a área mais sensível das mudanças em curso no setor educativo: aqui não se formam apenas profissionais; aqui produz-se uma profissão. Ao longo da sua história, a formação de professores tem oscilado entre *modelos acadêmicos*, centrados nas instituições e em “fundamentais”, e *modelos práticos*, centrados nas escolas e em métodos “aplicados”. É preciso ultrapassar esta dicotomia, que não tem hoje qualquer pertinência, adotando *modelos*

⁹ Campus do IFSUL - Conjunto Agrotécnico Visconde da Graça

profissionais, baseado em soluções de parceria entre as instituições de ensino superior e as escolas, com um reforço dos espaços de tutoria e de alternância. (1999, p.26)

Entretanto, entre conceitos, identidades, formações, tecnologias e preocupações educativas, será que estamos prontos para definir o que é ser um bom professor? Ou que características buscar num profissional que comportasse esse título? Segundo Nóvoa (2011, p.48-50) este conceito é impossível de ser definido, mesmo se usássemos uma lista interminável de competências. Embora reconhece que, a partir de simples apontamentos podemos caracterizar a docência nas sociedades atuais. Entre estas características elenca o conhecimento, a cultura profissional, o tato pedagógico, o trabalho em equipe e o compromisso social. E ainda reitera dizendo que “no caso da formação dos professores do ensino médio, o domínio científico de uma determinada área de conhecimento é imprescindível”

Este cenário, nos mostra, que trabalhar a educação na sociedade atual sem considerar os recursos tecnológicos envolvidos nos apelos midiático e modelos smart, a competir todo tempo com o professor e seu repertório pedagógico, exige que reconheçamos a existência de dificuldades implícitas na conquista dessas metas.

Ao mesmo tempo, retomo o questionamento de Sibilia (2012, p.184) quando suscita

[...] até que ponto a tecnologia se integrará a um projeto pedagógico realmente inovador, capaz de concentrar de novo a atenção do conjunto de alunos na aprendizagem – a qual, pelo visto, continuará a ocorrer prioritariamente entre as paredes da sala de aula.

Partindo de meu olhar como pesquisadora e, levando em conta as declarações dos acadêmicos, pude perceber que a experiência vivenciada com as tecnologias em sala de aula, não proporcionou atuações inovadoras e consistentes, uma vez que nos estágios foram trabalhados a continuidade de conteúdos previamente definidos para as turmas.

Entretanto, os desafios encontrados na tarefa de ser professor, acenam como um acordar para uma realidade ainda pouco experienciada, mas que fica evidenciado nos relatos, o tato pedagógico e o compromisso social, que, segundo Nóvoa (2011), são alguns dos apontamento que podem caracterizar um bom professor.

Se o trabalho desenvolvido nas disciplinas de didáticas e pedagogia, proporcionaram um reconhecimento sobre o fazer docente em uma licenciatura, bem como, o fortalecimento para um desempenho profissional em sala de aula e no trato com os alunos, as disciplinas das áreas mais técnicas, segundo os relatos, proporcionaram um conhecimento inicial, onde os acadêmicos parecem se sentir pouco confiável nas competências adquiridas sobre os conteúdos abordados, expressam esta insegurança quando revelam necessitar de continuidade em sua formação inicial.

Também é possível identificar nas informações obtidas pelos acadêmicos a necessidade de leituras, uma vez que sentem falta da riqueza de conhecimentos e vocábulos que os auxiliem quando se encontram em momento de exposição verbal, fala, e acenam como aspecto positivo a construção intelectual na formação inicial.

Enfim, como pesquisadora tenho que admitir minha felicidade em perceber pessoas tão jovens, com um intervalo de idades entre 20 e 35 anos, cursando a sua primeira graduação, com experiência de sala de aula apenas quando nos estágios e PIBID, mas que revelaram uma vontade de exercer a docência de forma diferente, de maneira não massante, repetitiva, comprometidos com a aprendizagem dos alunos, na maneira mais interessante e fácil de trabalhar os conteúdos, no compromisso em não permitir a evasão escolar e, acima de tudo, manter o aluno inserido, despertando a vontade e interesse pelo que ainda está para ser visto. Sim o processo educativo é um recomeçar, um apostar, um vivenciar, um aprender, afinal todos temos informações a serem compartilhadas e conhecimentos a serem conquistados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegar nas considerações para finalizar essa dissertação, mesmo sabendo que a temática não se esgota, volto ao começo e percebo um avanço desde o ponto de partida. Foram muitas idas e vindas durante esses vinte e quatro meses, momentos em que quase esmoreci, mas o retorno me trouxe mais fortalecida para esse campo de lutas chamado “EDUCAÇÃO”.

Dos tantos encaminhamentos realizados considero que ouvir os acadêmicos foi fundamental, complementando os outros procedimentos que podem caracterizar uma triangulação metodológica. A leitura dos documentos que regulamentam a formação docente em nosso país, os documentos da Sociedade Brasileira de Computação, as orientações da UNESCO, os estudiosos que deram o aporte teórico a este texto, todos me constituíram uma pesquisadora e, como tal, penso que tenho muito a realizar; essa etapa foi a primeira.

Penso nas palavras de Freire (1997, p.60), quando escreveu

“[...] gosto de ser gente porque, mesmo sabendo que as condições materiais, econômicas, sociais e políticas, culturais e ideológicas em que nos achamos geram quase sempre barreiras de difícil superação para o cumprimento da nossa tarefa histórica de mudar o mundo, sei também que os obstáculos não se eternizam.”

E, essa característica do humano se mostra fundante, quando trabalhamos com educação. Com essa perspectiva, no desenvolvimento da pesquisa, pude perceber o compromisso dos acadêmicos com o “tornar-se professor”. Apresento a seguir alguns excertos das narrativas em que se pode perceber essa condição:

“A princípio eu tinha entrado pela tecnologia, porque sempre me chamou muita atenção manutenção de computadores, só que depois que eu entrei na licenciatura, sempre foi avisado: vocês vão ser futuros professores, vocês não estão aqui pra programar ou pra formatar computadores. A partir do segundo semestre, quando começamos a ver umas cadeiras didáticas, mas umas cadeiras voltadas para licenciatura exatamente, então o pessoal começou a perceber, mas na verdade desde o início é explícito que é um curso de licenciatura em computação. Eu pude perceber que no curso, eles puxam mais pra área de educação; a parte técnica tem que ter, mas eles abrangem mais essa área (da educação), a parte técnica fica ali, mas não tá dividido meio a meio as competências, tu pode até trabalhar depois na área [...] no geral e, minha visão foi começando ficar mais ampla, uma percepção melhor do curso, fui me adequando e, agora eu quero ser professor. [...] a articulação acho que ela é mais fácil, não é simples demais se não se faria isso facilmente nas escolas, no mundo afora e não se faz; mas eu acho que é mais simples fazer momento, pois tu enxerga, em tecnologia da educação em que o professor trouxe para nós diversos exemplos como os

simuladores; no momento que tu olha aqueles simuladores e vê quanta coisa tu consegue articular num deles, tu pensa: se eu fosse professor numa dessas escolas e pudesse pegar um professor e dizer: vamos sentar aqui, vou mostrar uma coisa, sei que eles gostaria; pensei em pegar uma semana diferenciada na escola e nessa semana não teria as disciplinas tradicionais, só projetos abordados com os simuladores. Eu acredito que isso melhoraria a vida do professor e da escola e a tecnologia teria outra aplicação.”

Uma leitura atenta aos depoimentos permite inferir que os princípios previstos nas resoluções do CNE para formação de professores – RESOLUÇÃO 1 e 2 de 2002 – estão atendidos, pois o currículo proposto no PPC confere a estes acadêmicos a visão de uma licenciatura. Ou ainda, como escreve Nóvoa (2011, p.55)

Nestes anos em que transitamos de aluno para professor é fundamental consolidar as bases de uma formação que tenha como referências lógicas de acompanhamento, de formação-em-situação, de análise da prática e de integração na cultura profissional docente.

Essa cultura profissional apontada por Nóvoa, vem ao encontro de um pensamento de Prensky (2010) que considera a relevância da tecnologia fundamental, mas há muitas coisas importantes na educação que ela não pode fazer, pois são três características humanas essenciais para os professores: empatia, escolha e paixão. Essa perspectiva aumenta muito a responsabilidade com a formação docente, pois o professor precisa estar atento a todas as potencialidades dessa ferramenta sem deixar a empatia, as escolhas e a paixão pela educação.

Essas características, conforme Sacristán (1999), reforçam o que ele denomina de profissionalidade do professor, pois trata do que é específico na ação docente. É um conceito que está em permanente elaboração, devendo ser analisado em função do contexto que está sendo vivido pelo professor.

“[...] sem falsa modéstia, acho que o curso de modo geral traz todos os elementos, porque tudo que é básico, que a gente precisa ter, principalmente saber que temos que repensar sempre, se vendo, se revendo, pensando olhar pelo outro, como o outro; como é difícil se colocar com o olhar do outro. Aprender e saber de coisas que são essenciais para se viver em sociedade [...] eu acho que o curso, nessas questões, nessa inter-relação que o professor precisar ter depois de formado está excelente; os debates que são construídos e a parte técnica como a gente conversou, até aqui não vimos tudo, faltou – de repente – articular mais as coisas que foram vistas; eu acredito que sim, mas não que isso seja prejudicial a ponto de dizermos: olha estamos “ralados”, vamos sair daqui cegos, acho que não, sabemos de muitas coisas.”

Os excertos das narrativas, seguem indicando que há uma consciência profissional nos acadêmicos e, essa condição tende a desenvolver a profissionalidade dos professores, já na etapa de formação inicial (SACRISTÀN, 1999). Eles demonstram clareza quanto ao fato de cursarem uma licenciatura, percebem as potencialidades da mesma e valorizam as oportunidades que o curso oferece como o PIBID, a participação em eventos, seminários e, principalmente o cuidado de grande parte dos professores, em sempre buscar caminhos, ou como registra Lee Schulman (2005), ter um conhecimento pedagógico do conteúdo para desenvolver sua docência.

“[...] a gente trabalhou em diversas disciplinas, a gente trabalhou diversos assuntos, então acredito que, de cada matéria, tiramos alguma coisa para saber trabalhar futuramente; na verdade a gente trabalhou bastante nesse sentido, a gente teve uma disciplina que foi basicamente só para isso, que bateu muito na tecla, ele falou muito sobre isso e a gente trabalhou isso com os outros professores, [...] e, também que a gente vai ter que realmente lidar com os outros professores, até que eles queiram aprender a usar o computador, então isso foi pensando no curso e, isso aí é bem interessante, mas a questão delicada é a informática que não precisa ser só um recurso de apoio, podemos trabalhar, também, métodos dentro da informática que podem ser utilizados nas disciplinas, não só adaptar, [...] acho que o curso está bem estruturado, tanto na parte da formação docente, quanto na parte de tecnologia; tem uma questão que incomoda um pouco, que é uma deficiência da instituição, pois tem professores que não tem essa parte docente bem esclarecida, ensinam de forma muito mecanizado, como se eles não tivesse didática, como também vemos que o curso tem disciplinas muito amplas e, principalmente nas disciplinas tecnológicas, tipo programação, é muita introdução não seria possível atuar com o conhecimento trabalhado, numa empresa de programação; claro o curso não é voltado para programação, mas queremos um conhecimento maior, [...] no estágio quatro temos que dar aula de redes, ou de banco de dados, ou de uma disciplina mais técnica, então vamos ter que estudar muito e, se for de um grau maior para alunos, como curso técnico, vamos ter que estudar mais ainda.”

Com essa percepção, creio que consegui construir uma compreensão sobre a constituição da docência no curso de Licenciatura em Computação do IFSul – Câmpus Pelotas – as narrativas dos acadêmicos me mostraram a partir da riqueza dos seus conteúdos, que minhas inquietações são pertinentes, mas que há alternativas para pensar a formação de professores que possa provocar mudanças sociais através dos processos educativos.

Entre estas alternativas, observo em minha pesquisa, que não consegui dar conta sobre o uso pedagógico das tecnologias, acredito que esta observação possa ser melhor encadeada na experiência profissional dos acadêmicos, pós formação,

uma vez que podem desempenhar com maior liberdade e criatividade a utilização dos recursos tecnológicos nos processos educativos.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

CERUTTI, Elisabete. **Concepções do aluno em relação à docência nos cursos de licenciatura em tempos de cibercultura**. 2014. 124f. Tese (Faculdade de Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/P_RS_945e0dcf172265a7755a8b453acc2db>. Acesso em: 10 set. 2015.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO/CONSELHO PLENO - CNE/CP. **Resolução nº 02**, Brasília. 2015. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=17719-res-cne-cp-002-03072015&category_slug=julho-2015-pdf&Itemid=30192 . Acesso em: 20 jul. 2015.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO/CONSELHO PLENO - CNE/CP. **Resolução nº 01**, Brasília. 2002. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_02.pdf. Acesso em: 18 mai. 2015..

Curso de Licenciatura em Computação. **Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Computação**. Pelotas, 2012. 39 p. Disponível em: http://portal2.ifsul.edu.br/proen/site/catalogo_curso.php?cod=146. Acesso em: 05 out. 2015.

DURKHEIN, Émile. **As Regras do Método Sociológico**. Os Pensadores. São Paulo: Abril, 1978.

FIGUEIREDO, A. Dias. Por uma escola com futuro ... para além do digital. Revista **Nova Agora**, n. 5, p. 19-21, set. 2016. Disponível em: <https://www.academia.edu/29192694/Por_uma_escola_com_futuro..._para_al%C3%A9m_do_digital>. Acesso em: 10 dez. 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra S/A, 1997.

IPDSC. **Instituto de Pesquisa do Sujeito Coletivo**. Disponível em: ipdsc.com.br. Acesso em 15 abr. 2017.

KENSKI, V. Moreira. **Educação e Tecnologia: o novo ritmo da informação**. 8. ed. Campinas: Papyrus, 2011.

LEFÈVRE, Fernando; LEFÈVRE, Ana Maria Cavalcanti. **O Discurso do Sujeito Coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa (desdobramentos)**. Caxias do Sul: Educs, 2005.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIMA, C. Acácio de. **Curso de Licenciatura em Computação**: a formação do educador em análise. 2011. 100f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2011. Disponível em:

<http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/PCAM_cacd71ee7ef9560db1db18b60a95cbac>.

Acesso em: 10 set. 2015.

LUFT, Lya. **Perdas & Ganhos**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

MARCELO GARCIA, C. O professor iniciante, a prática pedagógica e o sentido da experiência. **Formação docente**, Revista brasileira de pesquisa sobre a formação de professores, Belo Horizonte, v. 02, nº 03, p.11-49, 2010. Disponível em: <<http://formacaodocente.autenticaeditora.com.br/sumario/exibir/8>>. Acesso em: 10 jan. 2016.

MINAYO. M. C. de Souza. **O Desafio do Conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

MINISTÉRIO DO TRABALHO. **Fundo de Amparo ao Trabalhador**. Disponível em: <<http://portalfat.mte.gov.br/>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

MORAIS, M. C. Marcondes. **Illuminismo As Avestas**: produção de conhecimento e políticas de formação docente. 1. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2003.

MORAN, J. Manuel. **A educação que desejamos**: novos desafios e como chegar lá. 2. ed. Campinas: Papirus, 2007.

MOROSINI, M. Costa; FERNANDES, C. M. Barboza. Estado do Conhecimento: conceitos, finalidades e interlocuções. **Educação Por Escrito**, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 154-164, jul.-dez. 2014. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/porescrito/article/view/18875/12399>. Acesso em 20 nov. 2015

MUYLAERT, C. Junqueira et al. Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 48, n.spe 2, p. 184-189, 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0080-623420140000800027>>. Acesso em: 04 fev. 2016.

NEGREIROS, J. de Almada. **Manifestos e conferências**. Lisboa: Assírio & Alvim, 2006.

NEGREIROS, J. de Almada. **Obras completas, Vol II, Teatro**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1993.

NÓVOA, António. **Evidentemente** – Histórias da educação. Portugal: ASA, 2005.

NÓVOA, António. **O regresso do professor**. Portugal: Porto, 2011.

NÓVOA, António. **Profissão professor**. Portugal: Porto, 1999.

NUNES, D. José. **Parecer Técnico Nº MEC/SESu/DEPES/COESP 816/01**. 2010, Brasília. Disponível em: <<http://www.inf.ufrgs.br/mec/denominacao.html>>. Acesso em: 21 mai. 2016.

PRENSKY, Marc. **Não me atrapalhe, mãe – estou estudando!** São Paulo: Phorte, 2010.

QUIM, Osmar. **Licenciados em computação e saberes pedagógicos: cobranças de uma pedagogia de ação**. 2014. 187f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/URGS_8fc8b508fce3e6805185462c15e3b655. Acesso em: 10 ago. 2015.

RICHARDSON, R. Jarry. **Pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1985.

SACRISTÁN, J. Gimeno et al. **Profissão professor**. Portugal: Porto, 1999.

SEVERINO, Antônio. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SHULMAN, Lee. *Renewing the Pedagogy of Teacher Education: The Impact of Subject Specific Conceptions of Teaching*. In: MONTERO MESA, L.; VAZ JEREMIAS, J. M. (Org.). **Las didácticas específicas en la formación del profesorado**. Santiago de Compostela: Tórculo Edicións, 1992. p. 53-69.

SHULMAN, Lee. **Conocimiento y Enseñanza: Fundamentos de la Nueva Reforma**. 2005. Disponível em: <<https://www.ugr.es/~recfpro/rev92ART1.pdf>>. Acesso em: 08 nov. 2015.

SIBILIA, Paula. **Redes ou Paredes: a escola em tempos de dispersão**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SILVA, B. Duarte et al. **Aplicação e uso de tecnologias digitais pelos professores do ensino superior no Brasil e em Portugal** – Educação, formação & tecnologias, v. 07, n. 01, p. 03-18, 2014. Disponível em: <<http://www.eft.educom.pt/index.php/ef/article/view/424>>. Acesso em: 01 fev. 2016.

SISTEMA e-MEC. **Consulta avançada**. Disponível em: <<http://emec.mec.gov.br/emec/nova#avancada>> Acesso em: 10 mai. 2016.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE COMPUTAÇÃO - SBC. **Currículo de referência para Cursos de Licenciatura em Computação**. Florianópolis, 2002. Disponível em: <<http://www.sbc.org.br/documentos-da-sbc/send/131-curriculos-de-referencia/763-curriculo-de-referencia-lic-versao-2002>>. Acesso em: 20 de jul. 2015.

UNESCO. **Padrões de competências em TIC para professores**. Paris, 2008. Disponível: <<http://www.unesco.org/en/competency-standards-teachers>>. Acesso em: 20 jul. 2015.

APÊNDICE A

Informações sobre os alunos da licenciatura em computação – 1ª turma, a fim de subsidiar, num primeiro momento, a proposta de pesquisa do mestrado em educação.

INFORMAÇÕES DO ALUNO

1. Nome: _____ Idade: _____
2. E-mail: _____
3. Qual semestre está cursando? [] 1º [] 2º [] 3º [] 4º [] 5º [] 6º [] 7º [] 8º
4. Quais estágios do curso já fez ou está fazendo?
5. É a 1ª graduação?
 Sim
 Não - Nome da primeira: _____
6. Já teve experiência como docente?
 Sim – Qual:
 Não
7. Participa ou já participou do projeto PIBID?
 Sim – Qual:
 Não
8. Está trabalhando atualmente?
 Sim – Descreva:
 Não
9. Como soube da existência do curso?
10. Por que escolheu a licenciatura em computação?
11. Qual sua expectativa sobre o curso?
12. As expectativas estão sendo atendidas?
 Sim - Quais:
 Não - Quais:
13. Você acrescentaria alguma disciplina no currículo do curso?
 Sim – Quais:
 Não
14. Você excluiria alguma disciplina do currículo do curso?
 Sim – Quais:
 Não
15. Observações:

APÊNDICE B

INSTITUTO FEDERAL SUL-RIO-GRANDENSE PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) Acadêmico(a)

Eu, Simoni Krüger sou mestranda do Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia do IFSUL- Campus Pelotas. E, estou realizando uma pesquisa sob orientação da professora doutora Denise Nascimento Silveira, com o objetivo de tentar compreender de que forma a licenciatura em computação, possibilitará a aquisição de competências na utilização das tecnologias como ferramentas que facilitem a aprendizagem levando em conta a abordagem pedagógica dos conteúdos.

Sua participação envolve uma entrevista semi-estrutura e/ou entrevista narrativa que você terá o roteiro em mãos e, que será gravada, se assim você permitir.

A participação nesse estudo é voluntária, não implicando lucros nem prejuízos de qualquer espécie. E, se você decidir não participar ou quiser desistir de continuar em qualquer momento, tem absoluta liberdade de fazê-lo.

Durante a pesquisa e na publicação dos possíveis resultados da mesma, sua identidade será mantida no mais rigoroso sigilo. Serão omitidas todas as informações que permitam identificá-lo(a). Eu, como pesquisadora responsável pelo estudo irei identificar as informações de cada participante através de um código ou nome fictício, que substituirá o seu nome real. Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação. As informações obtidas dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação. Os resultados serão divulgados em apresentações ou publicações com fins científicos ou educativos.

Mesmo não tendo benefícios diretos em participar, indiretamente você estará contribuindo para a compreensão do fenômeno estudado. Você receberá cópia deste termo onde consta o telefone e endereço dos pesquisadores responsáveis, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer

momentos. Pesquisadora fone (53)9144-4468, ou pela orientadora fone (53)8402-4000.

Atenciosamente

Pelotas, 13 de maio de 2016

Simoni Krüger
Nome e assinatura do(a) docente

Local e data

Denise Nascimento Silveira
Nome e assinatura da professora pesquisadora

Declaro que estou de acordo em participar voluntariamente deste estudo e que fui devidamente esclarecido(a) de todos os aspectos; e, fico com uma cópia deste termo de consentimento.

Nome e assinatura do participante

Local e data

APÊNDICE C

Questões da pesquisa

1º Grupamento

1. Você conhece o PPC-Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Computação?
2. Você conhece o Currículo de referência das Licenciaturas em Computação da SBC-Sociedade Brasileira de Computação?
3. Você conhece as Diretrizes de Implementação para os Padrões de competência em TIC para professores da UNESCO-Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura?

2º Grupamento

4. Que tipo de discussões são feitas entre o grupo docente e discente que caracterizam o profissional que vai se formar?
5. Você já leu artigos / livros referentes a sua formação (profissão)?
6. Quais eventos já participou, envolvendo os temas: educação, tecnologia e tecnologia na educação/sala de aula?

3º Grupamento

7. Quando nos estágios, quais recursos tecnológicos você utilizou / utiliza?
8. Quais os desafios enfrentados durante a prática pedagógica (estágios) para articular as teorias e tecnologias no processo educativos?
9. Os conteúdos abordados até o presente momento, estão dando conta da prática docente que você desenvolveu/desenvolve nos estágio?
10. O que você acha que seria importante para ser abordado em sua formação que poderá contribuir em sua atividade docente, a partir da sua experiência em estágio ou no PIBID?

Agradeço a participação!

APÊNDICE D

IDEIA CENTRAL – A formação não pode gerar acomodação	
Expressões-chave	Discurso Sujeito coletivo
<p>4 - Geralmente eles querem nos colocar como se você fosse um profissional que não fosse ficar inquieto no caso eles dão essa noção pra gente que a gente vai ter que se formar mas a gente não pode ficar acomodado a gente tem que estar a par dessa realidade acho que esse lado é bem positivo do curso_é que ele faz a gente se desacomodar no caso e nos faz perceber que vai ser dura a realidade a gente consegue entender mais ou menos.</p>	<p>desde o inicio se vê uma preocupação grande dos docentes do curso em além de conscientizar que a ideia e formar um professor parece obvio mas nem tanto às vezes é ver o quê que tu vai ser depois de formado que tipo de professor se tu vais continuar propor a mesma coisa que vem sendo feita ao longo dos anos ai só a partir da experiência ou seja reproduzir professores que tu tens desde a tua infância não que seja uma questão problema mas o interessante das discussões é olhar pra essas coisas então o simples fato de tu olhar pros exemplos que tu tivesse o quê que tu achou bom o que achou legal pensar o que também como professor tu vai tá formando <u>como também</u> eles querem nos colocar como se você fosse um profissional que não fosse ficar inquieto no caso eles dão essa noção pra gente que a gente vai ter que se formar mas a gente não pode ficar acomodado a gente tem que estar a par dessa realidade acho que esse lado é bem positivo do curso é que ele faz a gente se desacomodar no caso e nos faz perceber que vai ser dura a realidade a gente consegue entender mais ou menos <u>da mesma forma</u> a gente tem focado geral todos os professores pra tentar justamente acredito ser um professor tentar pelo menos diferenciar ao ponto de buscar tecnologias que elas existem aí pra nos auxiliar então em várias conversas referente a isso a gente tem sido orientado e trabalhar justamente nas matérias mais pedagógicas a ter justamente todo esse cuidado que eu acredito que toda licenciatura deveria ter referente às disciplinas mais pedagógicas.</p>
<p>4 - desde o inicio se vê uma preocupação grande dos docentes do curso em além de conscientizar que a ideia e formar um professor parece obvio mas nem tanto às vezes é ver o quê que tu vai ser depois de formado que tipo de professor se tu vais continuar propondor a mesma coisa que vem sendo feita ao longo dos anos ai só a partir da experiência ou seja reproduzir professores que tu tens desde a tua infância não que seja uma questão problema mas o interessante das discussões é olhar pra essas coisas então o simples fato de tu olhar pros exemplos que tu tivesse o quê que tu achou bom o que achou legal pensar o que também como professor tu vai tá formando.</p>	
<p>4 - Assim referente a discussões a gente tem focado geral todos os professores pra tentar justamente acredito ser um professor tentar pelo menos diferenciar ao ponto de buscar tecnologias que elas existem aí pra nos auxiliar então em várias conversas referente a isso a gente tem sido orientado e trabalhar justamente nas matérias mais pedagógicas a ter justamente todo esse cuidado que eu acredito que toda licenciatura deveria ter referente às disciplinas mais pedagógicas.</p>	

IDEIA CENTRAL – Professor atento as dificuldades / aprendizagem do aluno	
Expressões-chave	Discurso Sujeito coletivo
<p>4 - a gente discute muito a questão da valorização do aluno sempre zelar por todos os alunos de sempre fazer uma aula para todos os alunos entende não excluir ninguém sempre tentar resgatar aqueles que não estão muito interessado saber o porque com as dificuldades tentar dar uma atenção maior pra esses entendeu sempre instruído em não perder o aluno em sala de aula seja qual o motivo a gente tem que estar ali a gente sempre conversa muito sobre isso a gente pensa que o professor perder quando o aluno sai da sala de aula não está presente o professor perde não existe esse assunto de ah teve uma turma de quinze alunos e reprovei dez não é muito se reprovou dez o professor perdeu a gente tem sempre que querer que todos aprovem sempre querer fazer uma ligação</p>	<p>Ah eles são muito preocupados com a nossa formação isso a gente vê bem mas eles pretendem que nos a gente sai daqui a melhor maneira possível como eu vou explicar eles querem passar pra gente um tipo de didática que não seja aquela muito tradicional que a gente se preocupe com os alunos que a gente se preocupe onde a gente vai ensinar o quê que a gente vai ensinar as dificuldades dos alunos <u>ao mesmo tempo</u> a gente discute muito a questão da valorização do aluno sempre zelar por todos os alunos de sempre fazer uma aula para todos os alunos entende não excluir ninguém sempre tentar resgatar aqueles que não estão muito interessado saber o porque com as dificuldades tentar dar uma atenção maior pra esses entendeu sempre instruído em</p>
<p>4 - Ah eles são muito preocupados com a nossa formação</p>	

<p>isso a gente vê bem mas eles pretendem que nos a gente sai daqui a melhor maneira possível como eu vou explicar eles querem passar pra gente um tipo de didática que não seja aquela muito tradicional que a gente se preocupe com os alunos que a gente se preocupe onde a gente vai ensinar o quê que a gente vai ensinar as dificuldades dos alunos</p>	<p>não perder o aluno em sala de aula seja qual o motivo a gente tem que estar ali a gente sempre conversa muito sobre isso a gente pensa que o professor perder quando o aluno sai da sala de aula não está presente o professor perde não existe esse assunto de ah teve uma turma de quinze alunos e reprovei dez não é muito se reprovou dez o professor perdeu a gente tem sempre que querer que todos aprovem <u>além disso</u> a gente tem que saber trabalhar com todo tipo de aluno embora aquele aluno tenha dificuldades então se o aluno não está aprendendo de uma forma “x” tu tem que saber trabalhar daquela forma “y” daquela forma “z” que a forma de percepção do aluno é diferente de um de outro e o papel do professor é saber trabalhar isso aí uma dinâmica com eles.</p>
<p>4 - a gente tem que saber trabalhar com todo tipo de aluno embora aquele aluno tenha dificuldades então se o aluno não está aprendendo de uma forma “x” tu tem que saber trabalhar daquela forma “y” daquela forma “z” que a forma de percepção do aluno é diferente de um de outro e o papel do professor é saber trabalhar isso aí uma dinâmica com eles</p>	

<p>IDEIA CENTRAL - Leituras</p>	
<p>Expressões-chave</p>	<p>Discurso Sujeito Coletivo</p>
<p>5 - Ah tem o Pierre Levi que esses tempos eu estava com o livro ele fala bastante de tecnologia. É agora estou buscando bastante pra fazer o TCC também volta e meia também nas disciplinas a gente acaba lendo artigos pra fazer algum trabalho alguma coisa</p>	<p>agora estou buscando bastante pra fazer o TCC também volta e meia também nas disciplinas a gente acaba lendo artigos pra fazer algum trabalho alguma coisa <u>assim</u> eu tenho lido um pouco de Paulo freire que eu gosto Edgar Morin também e são autores que eu tenho mais contato que eu tenho lido mais alguma coisa. É nos últimos semestres a gente começa a ter contato com a sala de aula a estagia aí tu vê que é importante ter referencial pra escrever algumas coisas também é interessante estou começando meio tarde mas estou começando.</p>
<p>5 - tenho lido um pouco de Paulo freire que eu gosto Edgar Morin também eu andei lendo há um tempo atrás de Vigotski me interessou bastante e são autores que eu tenho mais contato que eu tenho lido mais alguma coisa. É nos últimos semestres a gente começa a ter contato com a sala de aula a estagia aí tu vê que é importante ter referencial pra escrever algumas coisas também é interessante estou começando meio tarde mas estou começando.</p>	<p>tenho lido um pouco de Paulo freire que eu gosto Edgar Morin também eu andei lendo há um tempo atrás de Vigotski me interessou bastante e são autores que eu tenho mais contato que eu tenho lido mais alguma coisa <u>como também</u> tem o Pierre Levi que esses tempos eu estava com o livro ele fala bastante de tecnologia <u>entretanto</u> livro a gente lê pedaços de livro na verdade mas artigos bastante até porque a gente tem que fazer bastante trabalho sobre isso e isso é bom né porque a gente acaba aprendendo bastante também então é mais ou menos por aí</p>
<p>5 - Livro a gente lê pedaços de livro na verdade / mas artigos bastante até porque a gente tem que fazer bastante trabalho sobre isso e isso é bom né porque a gente acaba aprendendo bastante também então é mais ou menos por aí</p>	<p>5 - Quando em determinadas disciplinas a gente precisa ler artigos pra de repente fazer um referencial e a gente acaba lendo artigos revistas</p>
<p>5 - Quando em determinadas disciplinas a gente precisa ler artigos pra de repente fazer um referencial e a gente acaba lendo artigos revistas</p>	<p>5 - tenho lido alguma coisa da parte filosófica mais funda mesmo uma coisa de Foucault então a gente vai buscando pra entender o nosso aluno pra entender o sujeito o quê que tem por detrás da teoria porque ensinar essa palavra ensinar talvez não tenha muito sentido porque é aprender construção de aprendizagem eu tenho que pensar que a educação é um processo que tem que criar a capacidade das pessoas observar analisar refletir ter a visão própria sobre as coisas e não adianta que eu numa visão minha o ser humano precisa de um certo controle as regras de uma sociedade se tu deixar a coisa simplesmente livre afinal de contas qual é a mão desta via se ninguém respeitar o controle de que a seta vai pra frente enfim então algumas coisas é necessário ser ter algum controle por uma questão de organização.</p>
<p>5 - Eu já li artigos e livros que eu acho interessante sim e que eu gostei e tem um (...) acho que eu admiro sim tem um trabalho no terceiro semestre sobre Vigotski aí eu peguei depois eu li a obra dele então é um autor que eu achei bem bacana e tem um poder na educação o legado dele outro livro que eu li também foi Paulo Freire já li eu também participo bastante (...) eu quero participar bastante sobre tecnologias () então eu to lendo ter um conhecimento maior sobre alunos que necessitam que tenham um certo tipo</p>	<p>5 - Eu já li artigos e livros que eu acho interessante sim e que eu gostei e tem um (...) acho que eu admiro sim tem um trabalho no terceiro semestre sobre Vigotski aí eu peguei depois eu li a obra dele então é um autor que eu achei bem bacana e tem um poder na educação o legado dele outro livro que eu li também foi Paulo Freire já li eu também participo bastante (...) eu quero participar bastante sobre tecnologias () então eu to lendo ter um conhecimento maior sobre alunos que necessitam que tenham um certo tipo</p>

<p>de deficiência e utilizam os computadores então eu tenho lido bastante sobre isso</p>	<p>educação essa parte dele mais voltada pra educação achei bem legal interessante e nos últimos semestres a gente começa a ter contato com a sala de aula e estagia aí tu vê que é importante ter referencial pra escrever algumas coisas também é interessante estou começando meio tarde mas estou começando.</p>
<p>5 - a gente participou do seminário do Michel Foucault por causa da questão que ele traz pra educação essa parte dele mais voltada pra educação achei bem legal interessante mas eu ainda não li nenhum livro do tema assim não acredito da minha parte eu peço um pouco disso acho que a gente fica pouco tempo entre trabalho e casa e tudo e eu me sinto bem triste de não ter mais tempo pra poder ler mais</p>	
<p>5 - então por exemplo nesse momento agora eu tô lendo alguns artigos algumas teses eu tenho buscado no banco de teses pra desenvolver o meu TCC e referente a livros da formação não não sou um grande adepto a leitura embora esteja fazendo licenciatura eu não sou um grande adepto a leitura então eu leio aquilo o básico que os professores solicitam. Os professores às vezes passam um texto dão um texto pra nós então acabo lendo aquela parte daquele texto que normalmente é um trecho de um livro alguma coisa algumas páginas pra gente debater eu acabo lendo aquilo e só fico ali .</p>	

<p>IDEIA CENTRAL – Participação em eventos</p>	
<p>Expressões-chave</p>	<p>Discurso Sujeito Coletivo</p>
<p>6 - Pibid a gente desenvolveu bastante tinha também o Pelotense tem no sábado o Enfoca tinha os trabalhos lá as oficinas mas também a gente tá agora (...) como a gente está perto de se formar essa turma a gente agora na semana passada a gente tava no seminário do Foucault bem interessante</p>	<p>Eu participei de alguns eventos com o Pibid que seria oficina do sábado em foco que o colégio abre o Pelotense ele abre o colégio pros alunos sábado e os pibidianos eles dão sua oficina sobre o determinado tema que eles tão trabalhando além de palestras. Também teve aqui a Saspi(semana acadêmica do curso Superior de Sistemas para Internet) a semana acadêmica do TSI (Tecnólogo em Sistemas para Internet), o seminário do Foucault, bem interessante, e também por parte do professor de eletrônica ele fez um seminário sobre tecnologia que é Grupo de Educadores do Google então trabalhando com as ferramentas Google então ele seria tecnologias na educação.</p>
<p>6 - Olha eu participei basicamente de poucos porque eu não tenho muito tempo aqui na instituição porque eu trabalho então estou sempre tentando mas eventos em si além do Pibid que a gente participa acho que mais a semana acadêmica do curso de TSI que a gente participou a Saspe (hipótese) Educadores em Google.</p>	
<p>6 - A mais técnica a gente teve aqui a Saspi(semana acadêmica do curso superior de sistemas para internet) a semana acadêmica do TSI mas no Pibid mesmo a gente fez um projeto a gente aplicou um projeto no Pelotentese foi um projeto de lógica de efeito mais lúdico assim e foi legal.</p>	
<p>6 - Na parte de educação tem esses seminários como teve do Foucault agora duas semanas atrás algumas aulas magnas que tiveram aqui no IF abordando diversos assuntos em relação a isso eu não consigo me lembrar exatamente até porque algumas fazem bastante tempo semanas acadêmicas do curso de TSI na parte de tecnologia também teve por parte do professor de eletrônica professor () ele fez também um seminário sobre tecnologia bem interessante na área que eu participei</p>	
<p>6 - É participei do Pibid durante esses dois anos participei das semanas acadêmicas participei da SASPI (hipótese) sábado em foco do colégio Pelotense uma feira tecnologia e formação no CAVG.</p>	
<p>6 - Eu participei de alguns eventos com o Pibid que seria oficina do sábado em foco que o colégio ele abre o Pelotense ele abre o colégio pros alunos sábado e os pibidianos eles dão sua oficina sobre o determinado tema que eles tão trabalhando então o tema era Excel a gente ficou todo sábado lá das oito ao meio dia dividido em dois grupos a gente dava palestras revisava o curso debates sobre Excel</p>	
<p>6 - É a gente participou de tecnologia aqui do TSI duas semanas acadêmicas -mas já participei de palestras que tratam também dessa área assim educação</p>	
<p>6 - então eu saliento essas aulas assim mas algum seminário de tecnologia na educação não recordo agora eu participei aqui do curso se algum colega meu tiver comentado também referente ao curso do professor Veemam que é Grupo de Educadores do Google então trabalhando com as ferramentas Google então ele seria tecnologias na educação.</p>	

APÊNDICE E

IDEIA CENTRAL – Recursos tecnológicos	
Expressões-chave	Discurso Sujeito Coletivo
<p>7- No primeiro estágio foi pelo If eu usava sempre um data show o notebook no caso o meu notebook ele tinham um laboratório de informática eu trabalhei com elas mais o Excel e o Power Point na parte que eu trabalhei a parte final ali com elas então a gente usava o pacote Office e trabalhava no computador uma pesquisa na internet. O estágio dois a gente fez lá no Pelotense então não eram todas as aulas que a gente conseguiu utilizar o data show aí a gente teve que penar um pouco mais porque teve aula que não consegui nem utilizar o laboratório um problema no laboratório de horário interno da instituição aí a gente ficou mesmo tendo que trabalhar com eles na sala de aula era meio que tentar inventar alguma coisa insegurança mesmo de poder utilizar mas o único recurso que eu utilizei o data show tinha laboratório lá não dava pra fazer muita (...) ah uma vez a gente utilizou também acabou passando na televisão porque La tinha um televisão aí podemos conectar na TV pra passar (...) a gente usou um programa um <i>software</i> o <i>Scrat</i> pra eles terem essa introdução assim a esse mundo da lógica foi só uma introdução mesmo porque a gente não teve muito tempo pra trabalhar com eles até mesmo porque a turma era bem grande eram trinta alunos tinham que fazer em dupla e também era pouco tempo uma hora e trinta e cinco minutos e até leva eles ao laboratório até acomodar eles e acalmar eles e fazer e começar a aula a gente não conseguia ter muito tempo tinha que ter uma sacada rápida</p>	<p>O primeiro estágio era pro ensino médio computação não uma computação aplicada uma coisa mais inicial introdução à informática era o nome da disciplina curso no médio integrado de química ali o quê que a gente usava basicamente era aula do laboratório mesmo o uso era ensinar a usar as ferramentas de escritório que são Word Excel Power Point e aí como nosso estágio eles são divididos em duas partes no início a gente sempre observa posterior a gente assume a turma eu acabei ficando com o finalzinho de Power Point e fiquei mais com o Excel e foi bastante interessante porque as gurias da química elas gostaram bastante porque Excel ajuda muito na parte de tabulação de dados que é uma área que elas, gráfico essas coisas que a gente trabalhou então tecnologia que foi utilizado natural no computador <u>como também</u> eu lecionei no CAVG uma turma de primeiro ano do médio tinha 36 alunos 37 alunos eu utilizei muito o projetor o notebook e sempre em laboratório eu trabalhei a parte de <i>softwares</i> de apresentação então como era uma turma faixa etária de dezesseis e dezessete então tinha sempre que tá propondo exercícios se não (...) depois () utilizava mais o projetor e o computador já no estágio dois eu trabalhei com EJA aqui no Pelotense acho que sexta série até a mesma função a gente trabalhou com lógica de programação fomos em três a gente utilizou bastante (...) não era bem um projetor era uma televisão tinha que ligar o notebook na televisão e utilizamos bastante o quadro bastante porque a gente tinha que explicar pro pessoal e o computador a gente utilizava alguns jogos ali como o <i>scrash</i> mais () e a gente () gente não tem como fazer plano de aula com essa turma não consegue planejar tu sabe o conteúdo que vai trabalhar mas já criar o plano antes de conhecer a turma de saber o ambiente com quem tu vai lidar é meio complicado mas eu tive uma preocupação bem grande sempre de levar uma coisa interessante que fosse fazer uma diferença no dia-a-dia acho que é isso que falta dentro da sala de aula o pessoal não assiste aula e o comentário porque eu vou assisti se não tem nada que me interessa pra minha vida a gente sempre tem que trazer alguma coisa que seja interessante pro dia-a-dia do aluno</p>
<p>7- No primeiro foi mais computadores porque eu peguei uma sala de aula que não era muito maravilhosa e aí acabei usando só computadores com eles mesmo e pegava a folhinha explicava a matéria e passava pra eles . A gente trabalhou informática básica então foi o pacote <i>Office Word Power Point Excel</i> aí no segundo a gente trabalhou no Pelotense e aí a gente usou é foi (...) tem uma televisão e aí a gente pegava nosso <i>notebook</i> e ligava era isso que a gente usava, projetava só na TV e usava os computadores também a gente fez experimento no Pibid e no segundo estágio de alguns <i>softwars</i> a gente trabalhou com dois <i>sites</i> na <i>Internet</i> que falam sobre</p>	<p>sala de aula era meio que tentar inventar alguma coisa insegurança mesmo de poder utilizar mas o único recurso que eu utilizei o data show tinha laboratório lá não dava pra fazer muita (...) a gente utilizou também acabou passando na televisão porque la tinha um televisão aí podemos conectar na TV pra passar <u>além de</u> utilizamos bastante o quadro bastante porque a</p>

<p>lógica foi o cold (hipótese) e o <i>block</i> (hipótese) e a gente trabalhou com a ferramenta <i>scratch</i>() que é de programação mais lúdica foi o que a gente trabalhou bastante</p>	<p>gente tinha que explicar pro pessoal e o computador a gente utilizava alguns jogos ali como o <i>scrat</i> pra eles terem essa introdução assim a esse mundo da lógica foi só uma introdução mesmo porque a gente não teve muito tempo pra trabalhar com eles até mesmo porque a turma era bem grande eram trinta alunos tinham que fazer em dupla e também era pouco tempo uma hora e trinta e cinco minutos e até leva eles ao laboratório até acomodar eles e acalmar eles e fazer e começar a aula a gente não conseguia ter muito tempo tinha que ter uma sacada rápida e <u>também</u> a gente trabalhou com dois <i>sites</i> na <i>Internet</i>.</p>
<p>7 - estágio um foi sobre informática básica e estágio foi sobre lógica de programação e ambos diretamente ligados com o computador eu trabalhei <i>Power Point</i> trabalhei uma ferramenta do <i>Office</i> acredito que a maioria dos alunos já sabiam trabalhar já no segundo estágio eu trabalhei programação com eles e onde a gente não trabalhou diretamente com computador diretamente com algum programa definido a gente trabalhou primeiramente é trabalhar com raciocínio lógico deles pra despertar o interesse deles foi utilizado bastante brincadeiras jogos e aí despertou bastante o interesse deles onde eles tiveram resultado melhor.</p>	
<p>7 - Estou vou pegar o primeiro a gente dava o estágio era pro ensino médio computação não uma computação aplicada uma coisa mais inicial introdução à informática era o nome da disciplina curso no médio integrado de química ali o quê que a gente usava basicamente era aula do laboratório mesmo o uso era ensinar a usar as ferramentas de escritório que são Word Excel Power Point e aí como nosso estágio eles são divididos em duas partes no início a gente sempre observa posterior a gente assume a turma eu acabei ficando com o finalzinho de Power Point e fiquei mais com o Excel e foi bastante interessante porque as gurias da química que () o livro elas gostaram bastante porque Excel ajuda muito na parte de tabulação de dados que é uma área que elas , gráfico essas coisas que a gente trabalhou então tecnologia que foi utilizado natural no computador.</p>	
<p>7 - () ali na frente então ali eu usei no caso um projetor projetei a matéria() e aí fiquei conversando um pouco com ele e aí conforme o tempo ia passando eu nas mesas puxava alguma dúvida alguma coisa , era laboratório turma de oito alunos mais ou menos da química e usei o projeto e o notebook</p>	
<p>7 - eu cheguei eu assumi observei fiz aquele período de observação e logo assumi a turma e eu deveria (...) os conteúdos que sobraram que eu conversei com a professora com a orientadora eram planilhas eletrônicas no caso trabalhando com <i>Excel</i> e depois no caso trabalhando com <i>Power Point</i> então a forma que eu trabalhei era desenvolvendo com elas então eu tentei trazer (...) fiz é claro slide de apresentação mostrei planilha eletrônica pra que servia, como que surgiu e tudo numa aula introdutória e depois nos produzimos o conteúdo eu apresentava um breve slide do que íamos fazer o que era depois nós desenvolvíamos o conteúdo juntos, então nessa turma ela era composta por treze meninas então estava só eu lá de professor então eu resolvi desenvolver que é o bloc aonde seriam os blocos lógicos que eles deveriam se encadeando um embaixo do outro alguns utilizaram o <i>scrat</i> todos utilizaram o bloc alguns também o <i>scrap</i>t mas devido a nossa turma ter um certo desparelho .</p>	

<p>IDEIA CENTRAL – desafios de ser professor</p>	
<p>Expressões-chave</p>	<p>Discurso Sujeito Coletivo</p>
<p>8 - Ah o desafio maior era o de manter uma aula interessante na verdade manter todo ali presentes na aula e esse era o meu desafio maior era que pessoal tentar manter todo esse desafio manter sempre aquele desafio não deixar aquela aula chata sempre tentar e estimular aqui não tem essa história ah eu estou com vergonha de perguntar não a gente tem que sair daqui todo mundo sabendo a mesma coisa alguns sabendo mais outros sabendo menos mas nós vamos tentar sair daqui pelo menos que foram trabalhado a gente tem que sair daqui sabendo. Eu percebi que às vezes quando tu não entende muito aquele assunto tu fica meio desinteressado aí eu tinha que achar alguma maneira de trazer ele mais daí comecei quem sabe tu</p>	<p>Não só a dificuldade psicológica porque era o primeiro contato então a gente chega assim e da aquele frioção na barriga e parece que tu vai desmaiar e começa a ficar gelada e quente ao mesmo tempo, <u>como também</u> o choque de realidade, por mais que tu seja bom aluno na tua graduação, que eu tenha muita vontade, não estou dizendo que sou isso, eu não sou eu acredito, que quando todos chegarem na sala de aula vão ter um impacto, porque tu foi aluno a vida toda e tu acha que conhece muito bem a</p>

senta mais perto de mim aqui então e tu começa a fazer alguma coisa voltado que tu gosta a parte rural que ele gostava bastante mesmo. Eu digo então vamos fazer vamos começar a trabalhar que tu não é burro tu não é burro por isso eu também sou burro porque a gente esta falando de informática que tu não tem muito contato né e seu eu for lá pro ambiente onde tu vive lá teu pessoal lá que é no meio do gado eu também vou ser uma pessoa burra porque eu não conheço nada daquilo lá e aí eu vou te ensinar e tu vai me ensinar aqui entendeu então a gente vai trocar uma experiência não existe ninguém (hipótese) só não está por dentro daquele assunto bem (hipótese) interessante.

8 - Foi mais minha porque a minha primeira turma foi maravilhosa não posso falar nada deles mas a dificuldade era realmente psicológica porque era o primeiro contato então a gente chega assim e da aquele frioção na barriga e parece que tu vai desmaiar e começa a ficar gelada e quente ao mesmo tempo. Mas eu acho que agora parece que vai ser mais fácil de aceitar de desenvolver com eles o que aprendi nessas disciplinas mais humanas porque eu sei mais o quê que eu tenho que fazer no estágio eu sei o que eu errei bastante o quê que eu tenho como acertar eu sei que eu vou errar pra caramba.

8 - o desafio foi essa questão deles de ser muito particulares cada um deles eu tinha os que gostava mas tinha muita dificuldade tinham os que não gostavam mas tinham uma facilidade incrível tinham os que não queriam estar ali e isso dava uma motivação assim como a gente já tinha ideia do perfil de aluno que a gente ia trabalhar então a gente já foi mais preparado diferente do estágio um no estágio dois eu já fui mais preparado eu sabia o pessoal vai ter mais dificuldade eu vou ter que ter uma abordagem mais minuciosa com cada um descobrir as dificuldades de cada um as facilidades de outros pra poder equalizar essa turma.

8 - Acredito que alguns alunos não tinham disposição não tinham interesse e a partir das nossas brincadeiras que a gente fazia querendo despertar neles o interesse da programação a gente explicava que eles despertando o interesse da programação o raciocínio deles ia melhorar muito a lógica que eles e a partir disso eles demonstraram mais interesse.

8 - Primeiro é o choque de realidade isso por mais que tu seja bom aluno na tua graduação que tu tenha muita vontade não estou dizendo que sou isso eu não sou eu acredito que quando todos chegarem na sala de aula vão ter um impacto porque tu foi aluno a vida toda e tu acha que conhece muito bem a sala de aula quando invertem-se os papéis a coisa muda as pernas tremem () e isso foi o primeiro desafio tomar posição de professor porque não quem dita as regras mas quem diz oh vamos fazer isso hoje então isso é uma responsabilidade muito grande.

sala de aula, quando invertem-se os papéis a coisa muda, as pernas tremem, e tomar a posição de professor, não de quem dita as regras, mas quem diz oh vamos fazer isso hoje então isso é uma responsabilidade muito grande. Contudo o desafio maior é o de manter uma aula interessante, na verdade, manter todos ali presentes na aula além de não deixar a aula ficar chata, sempre tentar estimular. Também percebo que às vezes, quando tu não entende muito aquele assunto, tu fica meio desinteressado, no caso, um aluno que se achava burro e trabalhava na zona rural aí eu tinha que achar alguma maneira de trazer ele, mas daí comecei, quem sabe tu senta mais perto de mim, então e tu começa a fazer alguma coisa voltado ao que ele gosta, a parte rural que ele gostava bastante mesmo. Então eu digo, então vamos fazer, vamos começar a trabalhar, porque tu não é burro, se fosse assim eu também sou burro, porque a gente esta falando de informática, que tu não tem muito contato, e seu eu for lá pro ambiente onde tu vive lá, teu pessoal lá que é no meio do gado eu também vou ser uma pessoa burra porque eu não conheço nada daquilo lá e aí eu vou te ensinar e tu vai me ensinar, entendeu, então a gente vai trocar uma experiência não existe ninguém burro, só não estas por dentro daquele assunto. Entretando outro desafio foi essa questão deles de ser muito particulares, cada um deles, eu tinha os que gostava mas tinham muitas dificuldades, tinham os que não gostavam, mas tinham uma facilidade incrível e tinham os que não queriam estar ali, e isso dava uma motivação, assim como a gente já tinha ideia do perfil de aluno que a gente ia trabalhar então a gente já foi mais preparado diferente do estágio um no estágio dois eu já fui mais preparado, eu sabia, o pessoal vai ter mais dificuldade, eu vou ter que ter uma abordagem mais minuciosa com cada um, descobrir as dificuldades de cada um, as facilidades de outros pra poder equalizar essa turma. Porém mesmo acreditando que alguns alunos não tinham disposição, não tinham interesse, mas a partir das nossas brincadeiras que a gente fazia querendo despertar neles, o interesse da programação, a gente explicava pra eles que, despertando o interesse da programação, o raciocínio deles ia melhorar muito como também a lógica, e a partir disso, eles demonstraram mais interesse.

ANCORAGEM - Articular tecnologia em outras disciplinas	
Expressões-chave	Discurso Sujeito Coletivo
<p>9 - Ah não isso sim isso aí sim a gente ta preparado porque na realidade nosso curso está mais como auxiliar da aprendizagem do que realmente a gente dizer que a gente vai sair daqui dando aula super de redes super de (...) não não é uma coisa mais técnica é uma coisa mais auxílio a realidade atual da educação isso tipo no curso sempre algum professor puxava pra esse lado das ferramentas não sei quê (...)</p>	<p>Sim conseguiria porque a gente trabalhou em diversas disciplinas a gente trabalhou diversos assuntos diversas matérias então acredito cada matéria a gente tira alguma coisa pra saber trabalhar futuramente <u>por outro lado</u> na verdade a gente trabalhou bastante nisso a gente teve uma disciplina que foi basicamente só pra isso que bateu muito na tecla ele falou muito sobre isso e a gente trabalhou isso com os outros professores () que a gente vai ter que realmente a lidar com os outros professores até aprender a usar o computador então isso sim a gente pensa nisso e foi pensando no curso <u>como também</u> eu acho isso aí é bem interessante mas a questão delicada ao meu ver é informática não precisa ser só um recurso de apoio a gente pode trabalhar também métodos dentro da informática que pode se utilizar deles dentro das disciplinas não só adaptar sempre ah utilizar a informática pra disciplina acho que ela pode ser uma disciplina deveria ser uma disciplina <u>afinal</u> essa articulação acho que ela é mais fácil não é simples demais se não se faria isso facilmente nas escolas no mundo afora e não se faz mas eu acho que é mais simples fazer momento que tu enxerga por exemplo em tecnologia da educação acho que é o nome da disciplina que o () para nós ele trouxe diversas coisas assim durante o semestre uma coisa que se usasse já seria suficiente por exemplo simuladores no momento que tu olha aqueles simuladores e vê o quanta coisa tu consegue articular num deles só o mais de um deles tu pensa pô se tivesse se eu fosse professor numa dessas escolas e eu pudesse pegar um professor vamos sentar aqui vou mostrar uma coisinha pra vocês e programar vamos pegar uma semana diferenciada na escola vamos fazer que essa semana não tenha disciplinas essa semana é isso aqui nós vamos ter um projeto eu acho que (...) e eu tenho uma característica de tentar propor o novo <u>enfim</u> isso aí sim a gente ta preparado porque na realidade nosso curso está mais como auxiliar da aprendizagem do que realmente a gente dizer que a gente vai sair daqui dando aula super de redes super de (...) não não é uma coisa mais técnica é uma coisa mais auxílio a realidade atual da educação isso tipo no curso sempre algum professor puxava pra esse lado das ferramentas .</p>
<p>9 - Sim com certeza eu acho isso aí é bem interessante mas a questão delicada ao meu ver é informática não precisa ser só um recurso de apoio a gente pode trabalhar também métodos dentro da informática que pode se utilizar deles dentro das disciplinas não só adaptar sempre ah utilizar a informática pra disciplina acho que ela pode ser uma disciplina deveria ser uma disciplina</p>	
<p>9 - Na verdade a gente trabalhou bastante nisso a gente teve uma disciplina que foi basicamente só pra isso que foi com o Antonio o Antonio bateu muito na tecla ele falou muito sobre isso e a gente trabalhou isso com os outros professores () que a gente vai ter que realmente a lidar com os outros professores até aprender a usar o computador então isso sim a gente pensa nisso e foi pensando no curso</p>	
<p>9 - Sim conseguiria porque a gente trabalhou em diversas disciplinas a gente trabalhou diversos assuntos diversas matérias então acredito cada matéria a gente tira alguma coisa pra saber trabalhar futuramente.</p>	
<p>9 - Essa articulação acho que ela é mais fácil não é simples demais se não se faria isso facilmente nas escolas no mundo afora e não se faz mas eu acho que é mais simples fazer momento que tu enxerga por exemplo em tecnologia da educação acho que é o nome da disciplina que o () para nós ele trouxe diversas coisas assim durante o semestre uma coisa que se usasse já seria suficiente por exemplo simuladores no momento que tu olha aqueles simuladores e vê o quanta coisa tu consegue articular num deles só o mais de um deles tu pensa pô se tivesse se eu fosse professor numa dessas escolas e eu pudesse pegar um professor vamos sentar aqui vou mostrar uma coisinha pra vocês e programar vamos pegar um (...) uma semana diferenciada na escola vamos fazer que essa semana não tenha disciplinas essa semana é isso aqui nós vamos ter um projeto eu acho que (...) e eu tenho uma característica de tentar propor o novo.</p>	

IDEIA CENTRAL - Acredito ser preciso um aprofundamento em algumas disciplinas técnicas	
Expressões-chave	Discurso Sujeito Coletivo
<p>9 - Hum pois é eu não acho assim oh eu gostei da forma como foi explicada eu acho que a gente tava sempre conseguindo entender mas esse link eu também não sei se seria o bastante porque a</p>	<p>Até o nível que foi visto nas disciplinas acredito que sim porém acredito que acho que depois da minha formação é preciso uma formação continuada pra dar</p>

<p>realidade que a gente vai enfrentar como docente a gente não vai dar aula no curso do nível superior teria que fazer uma especialização a gente vai dar aula pra nível técnico pra nível médio então acho que tudo o que a gente vai enfrentar foi bom mas no caso () eu acho que deixou um gostinho tipo se eu quero trabalhar com uma parte (...) no caso eu teria que estudar mais pra ver essa parte</p>	<p>seguimento pra até não ficar estacionado no tempo aprender poder a todo momento <u>entretanto</u> eu gostei da forma como foi explicada eu acho que a gente tava sempre conseguindo entender mas esse link eu também não sei se seria o bastante porque a realidade que a gente vai enfrentar como docente a gente não vai dar aula no curso do nível superior teria que fazer uma especialização a gente vai dar aula pra nível técnico pra nível médio então acho que tudo o que a gente vai enfrentar foi bom mas no caso () eu acho que deixou um gostinho tipo se eu quero trabalhar com uma parte (...) no caso eu teria que estudar mais pra ver essa parte <u>como também</u> um pouco mais acho que sim daria mais segurança na hora de ensinar porque a gente teve informática básica teve programação a gente teve bastante formação só que a gente não teve outras linguagens então quando a gente chega numa linguagem que a gente não conhece fica meio assim tu aprendeu tu não aprendeu</p>
<p>9 - Um pouco mais acho que sim daria mais segurança na hora de ensinar porque a gente teve informática básica teve programação a gente teve bastante formação só que a gente não teve outras linguagens então quando a gente chega numa linguagem que a gente não conhece fica meio assim tu aprendeu tu não aprendeu</p>	<p>9 - Até o nível que foi visto nas disciplinas acredito que sim porém acredito que (...) acho que depois da minha formação é preciso uma formação continuada pra dar seguimento pra até não ficar estacionado no tempo aprender poder a todo momento .</p>
<p>9 - Eu acho que também que a gente tem muito uma ideia de tudo de saber tudo na universidade então poxa eu tenho (...) tu aprende como um todo a buscar formação e conhecimento tu tens uma iniciação em programação eu tenho uma iniciação em banco de dados uma iniciação em (...) então acho que partir desses caminhos que já estavam abertos todo mundo tem condições basta querer é muito fácil eu ficar no meu canto não não tenho condições (...) poxa eu vou ter que buscar né como eu te disse eu tenho condições de hoje de dar aula lá pro TSI () mas só pouquinho vê o que vocês vão ver lá que eu vou estudar esse semestre eu não tenho condições ainda ou tenho mas vamos devagar porque tem que ter se não com esse pensamento medíocre de que eu não posso ministrar nada a mais do eu vi nós vamos parar quer dizer que tudo o que acontecer daqui pra frente na minha formação () (...)/</p>	<p>9 - Eu acho que também que a gente tem muito uma ideia de tudo de saber tudo na universidade então poxa eu tenho (...) tu aprende como um todo a buscar formação e conhecimento tu tens uma iniciação em programação eu tenho uma iniciação em banco de dados uma iniciação em (...) então acho que partir desses caminhos que já estavam abertos todo mundo tem condições basta querer é muito fácil eu ficar no meu canto não não tenho condições (...) poxa eu vou ter que buscar né como eu te disse eu tenho condições de hoje de dar aula lá pro TSI () mas só pouquinho vê o que vocês vão ver lá que eu vou estudar esse semestre eu não tenho condições ainda ou tenho mas vamos devagar porque tem que ter se não com esse pensamento medíocre de que eu não posso ministrar nada a mais do que eu vi nós vamos parar quer dizer que tudo o que acontecer daqui pra frente na minha formação <u>enfim</u> eu tenho questionado o seguinte claro eu vi o cronograma da disciplina todo o conteúdo programático e aí eu topei mas confesso que eu estava preocupado porque eu passei na disciplina teoricamente eu via aquela disciplina mas eu fui aprovado na disciplina eu estudei o suficiente agora eu entendo essa daqui trabalhar estudar pras disciplinas que a gente está cursando atualmente e ainda tem que estudar pro estágio eu achava que talvez não desse conta mas como o que a gente está vendo vai ser um nível de programação mas ainda básico ok agora referente a essas disciplinas talvez que a gente viu () por exemplo banco de dados não sei se teve algum outro colega que mencionou mas (...) mas programação é se tu precisa muito se tu</p>
<p>9 - Eu acho que boa parte sim a única coisa que eu vejo no caso a questão do tempo no caso a gente tem meio que reduzido eu acho que os conteúdos foram bem trabalhos sim só que a gente viu por vários outros também a gente tem que dar conta de todos os outros também então a gente não dá pra focar em um só e ir mais a fundo buscar conhecimento fora da sala de aula mas acho que dentro da sala de aula acho que dentro do possível foi o máximo assim trabalhado tu vai até onde tu conseguiu alcançar e eu acho que todos esses aí assim na parte mais introdutória eu acho que a gente consegue sim claro tu pretende dar aula em conteúdo mais avançado pegando uma área só aí sim a gente teria que aprofundar também mas é mais por isso sim por estar vendo várias cadeiras tendo que acompanhar todo mundo mais por essa parte introdutória a gente consegue dar conta sim</p>	<p>9 - eu tenho questionado o seguinte claro eu vi o cronograma da disciplina todo o conteúdo programático e aí eu topei mas confesso que eu estava preocupado porque eu passei na disciplina teoricamente eu via aquela disciplina mas eu fui aprovado na disciplina eu estudei o suficiente agora eu entendo essa daqui trabalhar estudar pras disciplinas que a gente está cursando atualmente e ainda tem que estudar pro estágio eu achava que talvez não desse conta mas como o que a gente está vendo vai ser um nível de programação mas ainda básico ok agora referente a essas disciplinas talvez que a gente viu () por exemplo banco de dados não sei se teve algum outro colega que mencionou mas (...) mas programação é se tu precisa muito se tu</p>

<p>quiser mais tu precisa saber aquele básico então trabalha com linguagem diferentes mas se tu quer mais tu vai atrás aquele que quer um pouco mais assim como redes tu também pode ir então como redes é uma coisa muito atual então poderia ser colocado um pouquinho mais poderia ser revisto referente ao conteúdo (...) / eu não me sentiria à vontade pra dar uma disciplina de redes por exemplo</p>	<p>quer um pouco mais assim como redes tu também pode ir então como redes é uma coisa muito atual então poderia ser colocado um pouquinho mais poderia ser revisto referente ao conteúdo eu não me sentiria à vontade pra dar uma disciplina de redes por exemplo.</p>
--	--

<p style="text-align: center;">ANCORAGEM - Reflexão sobre ser professor</p>	
<p style="text-align: center;">Expressões-chave</p>	<p style="text-align: center;">Discurso Sujeito Coletivo</p>
<p>10 - O professor na minha visão ele deve ser um articulador um motivador dentro da sala de aula porque a gente não detém conteúdo a gente não ensina a gente constrói na minha opinião tudo é construído na sala de aula e o professor é aquele mediador que está ali tanto pra potencializar como claro pra uns (...) eu não gosto do termo ensinar mas às vezes tu precisa mostrar para os alunos o caminho existe o interesse mas professor eu estou interessado mas eu não sei pra onde eu vou tudo mais vamos começar por aqui vamos por essa linha eu acho que o professor ele é mais assim esse mediador das atitudes e de tudo em si mais um mediador mesmo acho que tu não ensina a ninguém tu fomenta as pessoas tem que saber o porque das coisas e pra que serve. A gente sempre constrói não está pronto a gente () pra sala de aula perfeitamente aprender com o aluno isso é no dia-a-dia a gente tem que está preparado pra aprender mas dentro daquilo que é proposto ali tu precisa fomentar tentar despertar um senso crítico de todos ali porque como porque fazer () só incentivar a gente só incentiva os alunos a quererem buscar na verdade dar a ele acho que o papel do professor é esse na sala de aula.</p>	<p>acho que os professores sempre falam sempre muito focado que tu sempre tem que ter um plano b um plano c um plano d pra o acaso de alguma coisa der errado mesmo que tivesse dado meio errado a gente sempre tinha aquela (...) sabe pra ajeitar E eu tenho que entender né eu tenho que saber o básico do básico, básico é muito básico então eu tenho que saber um pouquinho mais <u>por exemplo</u> o pessoal da eletrônica ali que () um pouco mais e que eu não desse conta perguntasse alguma coisa mirabolante que eu não vi ai tenho que oh eu vou perguntar pro meu professor que eu estou estagiando e fui atrás sozinha e talvez não chegasse a uma conclusão não sei eram medo assim e é um medo ainda <u>entretanto</u> a gente sempre constrói não está pronto a gente () pra sala de aula perfeitamente aprender com o aluno isso é no dia-a-dia a gente tem que está preparado pra aprender mas dentro daquilo que é proposto ali tu precisa fomentar tentar despertar um senso crítico de todos ali porque como porque fazer () só incentivar a gente só incentiva os alunos a quererem buscar na verdade dar a ele acho que o papel do professor é esse na sala de aula <u>além de</u> eu mesmo assim a menos de um ano pra me formar e às vezes fico pensando será que eu já estou preparado pra dar aula mas acho que vai ser sempre constante acredito não tenha não sei mas às vezes eu fico pensando (...) até mesmo na questão de buscar mais conteúdo mais leitura livros e tal eu deveria estar mais nesse mundo <u>enfim</u> ser professor eu acho é formar pessoas pro futuro é dar uma base para as pessoas seguirem adiante pra sociedade a gente vê muito essa questão de medidas paliativas pra várias situações que a gente enfrenta na sociedade questão de violência questão de drogas eu tenho pelo menos pra mim particular muito a convicção de o que é muito ausência de educação ausência de (...) como eu vou dizer (...) as pessoas não tem mais o tato digamos assim <u>bem como</u> o professor não tem mais aquele comprometimento com a turma o aluno já não tem mais o respeito pelo professor e quando ele já perde o respeito pelo professor né o professor seria uma questão mais na area hierarquica seria a primeira autoridade de uma pessoa a criança vai pra escola a primeira pessoa que deveria obedecer fora do ambiente familiar seria o</p>
<p>10 - acho que os professores sempre falam sempre muito focado que tu sempre tem que ter um plano b um plano c um plano d pra o acaso de alguma coisa der errado mesmo que tivesse dado meio errado a gente sempre tinha aquela (...) sabe pra ajeitar . Eu tenho que entender né eu tenho que saber o básico do básico, básico é muito básico então eu tenho que saber um pouquinho mais () o pessoal da eletrônica ali que () um pouco mais e que eu não desse conta perguntasse alguma coisa mirabolante que eu não vi ai tenho que oh eu vou perguntar pro meu professor que eu estou estagiando e fui atrás sozinha e talvez não chegasse a uma conclusão não sei eram medo assim e é um medo ainda.</p>	<p>acho que os professores sempre falam sempre muito focado que tu sempre tem que ter um plano b um plano c um plano d pra o acaso de alguma coisa der errado mesmo que tivesse dado meio errado a gente sempre tinha aquela (...) sabe pra ajeitar . Eu tenho que entender né eu tenho que saber o básico do básico, básico é muito básico então eu tenho que saber um pouquinho mais () o pessoal da eletrônica ali que () um pouco mais e que eu não desse conta perguntasse alguma coisa mirabolante que eu não vi ai tenho que oh eu vou perguntar pro meu professor que eu estou estagiando e fui atrás sozinha e talvez não chegasse a uma conclusão não sei eram medo assim e é um medo ainda.</p>
<p>10 - Ser professor eu acho é formar pessoas pro futuro é dar uma base para as pessoas seguirem adiante pra sociedade a gente vê muito essa questão de medidas paliativas pra várias situações que a gente enfrenta na sociedade questão de violência questão de drogas eu tenho pelo menos pra mim particular muito a convicção de o que é muito ausência de educação ausência de (...) como eu vou dizer (...) as pessoas não tem mais o tato digamos assim Ambos professor não tem mais aquele comprometimento com a turma o aluno já não tem mais o respeito pelo professor e quando ele já perde o respeito pelo professor né o professor seria uma questão mais na area hierarquica seria a primeira autoridade de uma pessoa a criança vai pra escola a primeira pessoa que deveria obedecer fora do ambiente familiar seria o</p>	<p>acho que os professores sempre falam sempre muito focado que tu sempre tem que ter um plano b um plano c um plano d pra o acaso de alguma coisa der errado mesmo que tivesse dado meio errado a gente sempre tinha aquela (...) sabe pra ajeitar . Eu tenho que entender né eu tenho que saber o básico do básico, básico é muito básico então eu tenho que saber um pouquinho mais () o pessoal da eletrônica ali que () um pouco mais e que eu não desse conta perguntasse alguma coisa mirabolante que eu não vi ai tenho que oh eu vou perguntar pro meu professor que eu estou estagiando e fui atrás sozinha e talvez não chegasse a uma conclusão não sei eram medo assim e é um medo ainda.</p>

<p>professor eu vejo assim pelo menos né ele já não respeita o professor já não respeita alguém na rua e é a questão do respeito acho que a escola vai muito além da matemática da física da geografia acho que o professor tem o papel e hoje mais ainda de politizar as pessoas. acho que essa questão do professor é isso é educar pra socializar as pessoas acho que falta muito está tudo muito individual acho que tem que ser mais sociedade.</p>	<p>primeira pessoa que deveria obedecer fora do ambiente familiar seria o professor eu vejo assim pelo menos né ele já não respeita o professor já não respeita alguém na rua e é a questão do respeito eu acho que a escola vai muito além da matemática da física da geografia acho que o professor tem o papel e hoje mais ainda de politizar as pessoas acho que essa questão do professor é isso é educar pra socializar as pessoas acho que falta muito está tudo muito individual acho que tem que ser mais sociedade <u>ademais</u> o professor na minha visão ele deve ser um articulador um motivador dentro da sala de aula porque a gente não detém conteúdo a gente não ensina a gente constrói na minha opinião tudo é construído na sala de aula e o professor é aquele mediador que está ali tanto pra potencializar como claro pra uns (...) eu não gosto do termo ensinar mas às vezes tu precisa mostrar para os alunos o caminho existe o interesse mas professor eu estou interessado mas eu não sei pra onde eu vou tudo mais vamos começar por aqui vamos por essa linha eu acho que o professor ele é mais assim esse mediador das atitudes e de tudo em si mais um mediador mesmo acho que tu não ensina a ninguém tu fomenta as pessoas tem que saber o porque das coisas e pra que serve .</p>
<p>10 - eu mesmo assim a menos de um ano pra me formar e às vezes fico pensando será que eu já estou preparado pra dar aula mas acho que vai ser sempre constante acredito não tenha não sei mas às vezes eu fico pensando (...) até mesmo na questão de buscar mais conteúdo mais leitura livros e tal eu deveria estar mais nesse mundo</p>	
<p>10 - um pouquinho tenso não que eu demonstrava isso mas ficava um porquinho tenso eu acho que eu fazia uma releitura principalmente no primeiro depois como o segundo estágio já foi com colegas aí era uma forma mais descontraída de fazer isso mas chamava alguns colegas aqui estagiavam comigo eu disse eles poderiam não se () mas bah ficava criticando que a gente poderia ter feito assim ou assado ou que na próxima aula a gente vai ter que ver isso e não aquilo mas aí era conversa que a gente saia conversando saia no corredor caminhando até um pouco mais a gente conversando sobre isso mas aí era só em conversa assim reflexão mesmo foi no primeiro quando eu tinha teoricamente esse tempinho assim laboratório fechar trazer o projetor tudo aquilo então respirava a fundo e pensar.</p>	

<p style="text-align: center;">ANCORAGEM - Reflexão sobre o curso e professores</p>	
<p style="text-align: center;">Expressões-chave</p>	<p style="text-align: center;">Discurso Sujeito Coletivo</p>
<p>10 - acho que o curso acho que ele está bem estruturado tanto na parte da formação docente quanto na parte de tecnologia está bem estruturado tem uma questão que me incomoda um pouco às vezes mas eu entendo também que é uma deficiência da instituição os professores tem muitos professores que tu vê que eles não tem essa parte docente bem esclarecida eles estão como profissionais da area tecnológica ensinando pessoas da parte tecnológica então é algo muito mecanizado muito (...) como se eles não tivesse didática.</p>	<p>acho que o curso acho que ele está bem estruturado tanto na parte da formação docente quanto na parte de tecnologia está bem estruturado tem uma questão que me incomoda um pouco às vezes mas eu entendo também que é uma deficiência da instituição os professores tem muitos professores que tu vê que eles não tem essa parte docente bem esclarecida eles estão como profissionais da area tecnológica ensinando pessoas da parte tecnológica então é algo muito mecanizado muito (...) como se eles não tivesse didática <u>como também</u> eu vejo que o curso ele pega disciplinas muito amplas e principalmente nas disciplinas tecnológicas tipo programação um dois web eles dão muito a introdução o que eu acho errado eu não me veria trabalhando com o conhecimento que eu ganho aqui trabalhando numa empresa de programação claro o curso não é voltado pra programação mas eu queria ter um conhecimento maior e isso eu acho que em redes em duas cadeiras de redes redes um redes dois é um conteúdo muito introdutório deveria ser mais visto a fundo isso eu me vejo assim que o curso ele mostra olha tem isso aqui tu quer dar aula disso aqui tu vai ter que estudar a parte porque só esse conteúdo está vendo que não é suficiente eu acho que deveria ser mais cobrado melhor visto ou algo do tipo que às vezes a gente só aprende o início e isso às vezes (...) em estágio quatro vou ter que dar</p>
<p>10 - Sem uma uma falsa modéstia acho que o curso de modo geral ele traz todos os elementos pode ter alguma coisa que pode tá me fugindo que se fosse estaria muito clara se fosse alguma coisa bah isso aqui falta mesmo né porque tudo que é básico que a gente precisa ter principal saber que a gente tem que repensar sempre se vendo se revendo pensando olhar pelo outro como outro como olhar do outro é difícil se colocar no olhar do outro tem coisas que são essenciais pra ti viver em sociedade () eu acho que o curso nessas questões nessa inter-relação que o professor precisar ter depois de formado está excelente os debates que são construídos e a parte técnica como a gente conversou até aqui não viu tudo não faltou de repente articular mais as coisas que foram vistas eu acredito que sim mas não que isso seja prejudicial ao ponto de dizer olha estamos ralado vamos sair daqui cego</p>	

<p>não acho que não (...).</p> <p>10 - Bom eu vejo que o curso ele pega disciplinas muito amplas e principalmente nas disciplinas tecnológicas tipo programação um dois web eles dão muito a introdução o que eu acho errado eu não me veria trabalhando com o conhecimento que eu ganho aqui trabalhando numa empresa de programação claro o curso não é voltado pra programação mas eu queria ter um conhecimento maior e isso eu acho que em redes em duas cadeiras de redes redes um redes dois é um conteúdo muito introdutório deveria ser mais visto a fundo isso eu me vejo assim que o curso ele mostra olha tem isso aqui tu quer dar aula disso aqui tu vai ter que estudar a parte porque só esse conteúdo está vendo que não é suficiente eu acho que deveria ser mais cobrado melhor visto ou algo do tipo que às vezes a gente só aprende o início e isso às vezes (...) em estágio quatro vou ter que dar aula de redes ou de banco de dados ou de uma disciplina mais técnica eu vou ter que estudar muito e se for de um grau maior pra alunos de um curso técnico então eu vou ter que estudar mais ainda e eu acho que deveria ser melhor visto.</p>	<p>aula de redes ou de banco de dados ou de uma disciplina mais técnica eu vou ter que estudar muito e se for de um grau maior pra alunos de um curso técnico então eu vou ter que estudar mais ainda e eu acho que deveria ser melhor visto <u>todavia</u> sem uma uma falsa modéstia acho que o curso de modo geral ele traz todos os elementos pode ter alguma coisa que pode tá me fugindo que se fosse estaria muito clara se fosse alguma coisa bah isso aqui falta mesmo né porque tudo que é básico que a gente precisa ter principal saber que a gente tem que repensar sempre se vendo se revendo pensando olhar pelo outro como outro como olhar do outro é difícil se colocar no olhar do outro tem coisas que são essenciais pra ti viver em sociedade () eu acho que o curso nessas questões nessa inter-relação que o professor precisar ter depois de formado está excelente os debates que são construídos e a parte técnica como a gente conversou até aqui não viu tudo não faltou de repente articular mais as coisas que foram vistas eu acredito que sim mas não que isso seja prejudicial ao ponto de dizer olha estamos ralado vamos sair daqui cego não acho que não.</p>
---	---

ANEXO

Licenciaturas em Computação no Brasil

Nº	Instituição(IES)	Código	Nome Do Curso	Grau	Modalidade	CC	CPC	ENADE	Situação
1	UNB	18032	Computação	Licenciatura	Presencial	-	4	5	Em Atividade
2	UPE	121564	Computação	Licenciatura	Presencial	-	-	4	Em Atividade
3	UFPR	1270221	Computação	Licenciatura	Presencial	-	-	-	Em Atividade
4	UFPR	1270226	Computação	Licenciatura	Presencial	-	-	-	Em Atividade
5	UFF	1145037	Computação	Licenciatura	Presencial	4	-	-	Em Atividade
6	UFBA	1142650	Computação	Licenciatura	Presencial	4	-	-	Em Atividade
7	UFRPE	43917	Computação	Licenciatura	Presencial	4	3	4	Em Atividade
8	UFRA	1111794	Computação	Licenciatura	Presencial	4	4	4	Em Atividade
9	UFRA	1270681	Computação	Licenciatura	Presencial	-	-	-	Em Atividade
10	UFRA	1270729	Computação	Licenciatura	Presencial	-	-	-	Em Atividade
11	UFBA	123400	Computação	Licenciatura	Presencial	3	-	-	Em Atividade
12	UFBA	123502	Computação	Licenciatura	Presencial	4	-	SC	Em Atividade
13	UFBA	1125808	Computação	Licenciatura	Presencial	4	-	5	Em Atividade
14	UFBA	1313285	Computação	Licenciatura	Presencial	-	-	-	Em Atividade
15	UNIR	18882	Computação	Licenciatura	Presencial	3	-	3	Em Atividade
16	UEMS	150102	Computação	Licenciatura	Presencial	-	3	3	Em Atividade
17	IFSUL	1181262	Computação	Licenciatura	Presencial	4	-	-	Em Atividade
18	IF SERTÃO	1125917	Computação	Licenciatura	Presencial	3	-	5	Em Atividade
19	IFRJ	1382579	Computação	Licenciatura	Presencial	-	-	-	Em Atividade
20	IFTM	1127865	Computação	Licenciatura	Presencial	4	-	4	Em Atividade
21	UEA	1331008	Computação	Licenciatura	Presencial	-	-	-	Em Atividade
22	IFFARROUPILHA	121464	Computação	Licenciatura	Presencial	5	3	3	Em Atividade
23	IFFARROUPILHA	1379294	Computação	Licenciatura	Presencial	-	-	-	Em Atividade
24	IF SUL DE MINAS	1102529	Computação	Licenciatura	Presencial	4	-	-	Em Atividade
25	IFTO	123224	Computação	Licenciatura	Presencial	3	-	4	Em Atividade
26	IFTO	1127560	Computação	Licenciatura	Presencial	3	3	3	Em Atividade
27	IFTO	1318223	Computação	Licenciatura	Presencial	-	-	-	Em Atividade
28	IFTO	1341251	Computação	Licenciatura	Presencial	-	-	-	Em Atividade
29	IFB	1280435	Computação	Licenciatura	Presencial	4	-	-	Em Atividade

Fonte: SISTEMA e-MEC

